

MARIA AP. GRESPAN ARITA

ROMANCE MEDIÚNICO PELO ESPÍRITO JOÃO MANOEL

A woman with long, wavy blonde hair, seen from behind, wearing a light blue, off-the-shoulder, floor-length dress. She is standing in a room with large, multi-paned windows, looking out. The lighting is soft and warm, suggesting an indoor setting with natural light.

# A PRISIONEIRA

MISTÉRIOS E NUANCES DO AMOR

CASA EDITORA  
O CLARIM

# **A Prisioneira**

**Maria Ap. Grespan Arita, João Manoel (Espírito)**

# **A Prisioneira**

**Mistérios e Nuances do Amor**

**Matão, SP**

**1ª edição**

**2022**

**CASA EDITORA  
O CLARIM**

*Copyright* © 2022 by

CASA EDITORA O CLARIM

Propriedade do Centro Espírita O Clarim

1ª edição: outubro/2022, 3 mil exemplares

Impresso no formato 14x21 cm

ISBN do livro impresso: ISBN 978-65-88278-17-8

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser fotocopiada, gravada, reproduzida ou armazenada num sistema de recuperação ou transmitida sob qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico ou mecânico sem autorização do detentor do *copyright*.

Casa Editora O Clarim

Rua Rui Barbosa, 1.070 – Centro – Caixa Postal 09

CEP 15990-903 – Matão-SP, Brasil

Telefone: (16) 3382-1066; WhatsApp: (16) 99270-6575

CNPJ: 52.313.780/0001-23; Inscrição Estadual: 441.002.767.116

[www.oclarim.com.br](http://www.oclarim.com.br) | [oclarim@oclarim.com.br](mailto:oclarim@oclarim.com.br)

Facebook: @casaeditoraoclarim; Instagram: @o.clarim

Capa e projeto gráfico: Equipe O Clarim

Revisão: Cássio Leonardo Carrara

#### Catálogo na Editora

A717p Arita, Maria Ap. Grespan

A prisioneira / Maria Ap. Grespan Arita. – 1.ed. – Matão: Casa Editora O Clarim, 2022.

256p.; 21 cm

ISBN 978-65-88278-17-8

1. Espiritismo. 2. Romance mediúnico. 3. Família. I. Casa Editora O Clarim. II. Título.

CDD. 133.9

## Prólogo

Caro amigo leitor.

Antecedendo a história psicografada e de acordo com a sugestão do autor espiritual, coloquei dois textos explicativos segundo a Doutrina Espírita sobre *família*, tema central deste romance e assunto tão importante que abrange todos.

\*\*\*

*Há, pois, duas espécies de família: as famílias pelos laços espirituais e as famílias pelos laços corporais. Duráveis, as primeiras se fortalecem pela purificação e se perpetuam no mundo dos Espíritos, através das várias migrações da alma; as segundas, frágeis como a matéria, se extinguem com o tempo e, muitas vezes se dissolvem moralmente, já na existência atual.*

Allan Kardec, do item 8, capítulo XIV, de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*.

\*\*\*

*De todas as associações existentes na Terra — excetuando naturalmente a humanidade — nenhuma talvez mais importante em sua função educadora e regenerativa: a constituição da família.*

*De semelhante agremiação, na qual dois seres se conjugam, atendendo aos vínculos do afeto, surge o lar, garantindo os alicerces da civilização. Através do casal, aí estabelecido, funciona o princípio da reencarnação, consoante as Leis Divinas, possibilitando o trabalho executivo dos mais elevados programas de ação do Mundo Espiritual.*

*Por intermédio da paternidade e da maternidade, o homem e a mulher adquirem mais amplos créditos da Vida Superior. Daí, as fontes de alegria que se lhes rebotam do ser com as tarefas da procriação.*

*Os filhos são liames de amor conscientizado que lhes granjeiam proteção mais extensa do Mundo Maior, de vez que todos nós integramos grupos afins.*

*Na arena terrestre, é justo que determinada criatura se faça assistida por outras que lhe respiram a mesma faixa de interesse afetivo. De modo idêntico, é natural que as inteligências domiciliadas nas Esferas Superiores se consagrem a resguardar e guiar aqueles companheiros de experiência, volvidos à reencarnação para fins de progresso e burilamento.*

*A parentela do Planeta faz-se filtro da família espiritual sediada além da existência física, mantendo laços preexistentes entre aqueles que comungam o clima.*

*Arraigada nas vidas passadas de todos aqueles que a compõem, a família terrestre é formada, assim, de agentes diversos, porquanto nela se reencontram, comumente, afetos e desafetos, amigos e inimigos, para os ajustes e reajustes indispensáveis, ante as leis do destino.*

*Apesar disso, importa reconhecer que o clã familiar evolve incessantemente para mais amplos conceitos de vivência coletiva, sob os ditames do aperfeiçoamento geral, conquanto se erija sempre em educandário valioso da alma.*

*Temos dessa forma no intuito doméstico uma organização de origem divina, em cujo seio encontramos os instrumentos necessários ao nosso próprio aprimoramento para a edificação do Mundo Melhor.*

*Francisco Cândido Xavier, pelo Espírito Emmanuel, do livro *Vida e Sexo*.*

*\*\*\**

*Apreciemos então, após estas explicações sobre a importância da família, a história que me foi enviada através da psicografia pelo Espírito João Manoel.*

*Maria Aparecida Grespan Arita*

## Capítulo I

### Joseph

A misteriosa presença, tão marcante, mais uma vez se lhe fez próxima. Nunca vira antes semelhante figura por completo.

Poderia dizer por inteiro, porque a capa que recobria seu corpo esguio deixava entrever tão somente uma silhueta alta e magra. Nada mais se podia divisar através dos tecidos grossos que o cobriam.

A capa recobria fielmente a figura que ele tanto desejava saber e a reconheceria em qualquer baile da sociedade local. Jamais conseguira ver o rosto por completo, pois estava sempre recoberto com o véu de renda até certo ponto do tecido do vestido. Percebia apenas que a pessoa misteriosa deveria ser alguma dama da sociedade, que aproveitava o entardecer para fazer as suas preces naquela capela tão tradicional.

Ela sempre vinha acompanhada de uma senhora de trajes finamente elaborados de cor negra, assim como o véu que cobria o seu rosto e os cabelos grisalhos, parcialmente visíveis.

Sim, conseguia distinguir naquela senhora, sob o véu, os fios de cabelos grisalhos alinhados com o penteado característico e usual das pessoas de idade avançada, tão em voga sobretudo naquela época.

Naquele tempo tudo era extremamente lindo! As festas dançantes, os pares rodopiando pelo salão a bailar com as doces melodias, valsas lindamente executadas pelos músicos contratados para animar esses eventos.

Os saraus também caracterizavam as reuniões dos jovens e dos casais culturalmente mais desenvolvidos e da sociedade.

Época de sonhos! Muitos deles, porém, jamais realizados, devido às diferenças das classes sociais e culturais.

Nesse período, a obediência familiar aos mais velhos era rígida e funcionava em forma de leis especiais e particulares para cada família. Cada núcleo familiar elegia uma pessoa mais idosa para transmitir os

ensinamentos aos mais novos. E a hierarquia era plenamente respeitada por todos, fosse qual fosse o costume familiar.

Procedentes dessa educação rígida, muitos conseguiam passar incólumes e, finalmente, sair sãos e salvos de todas as séries de conquistas, não apenas materiais, como também no aspecto do bem-estar, do bem viver, com harmonia e respeito.

Uns conseguiam harmonicamente realizar o crescimento sob o jugo dos mais velhos: conselhos, exemplos, convivência, tornando os indivíduos mais adaptados a esse sistema patriarcal e familiar.

Bom seria se todos fossem felizes com esses hábitos!

Joseph podia dizer o que pensava e sentia. Embora obediente às normas familiares, ele nunca conseguira realizar a contento todos os sistemas que lhe foram transmitidos. Sempre tivera vontade de aprender a viver longe desse costume e, mesmo assim, crescera como bom filho, tendo a compreensão e a resignação sobre esse modo de vida.

Trabalhava no mesmo ofício que aprendera com o seu padrasto e se transformara num moço crente e temente a Deus. O Deus único que apregoavam castigava os filhos pelos pecados e erros cometidos.

Joseph, contudo, não entendia como Deus podia ser bom e ao mesmo tempo cruel.

Na sua maneira de interpretar, tinha dificuldade em aceitar que um Criador pudesse ser bom com a sua criatura e castigá-la se cometesse “pecados”. Injustiças apregoadas pelo responsável em ensinar-lhes a religião.

Procurava entender o porquê de suas indagações e frequentemente ia ao local reservado para realizar suas preces, permanecendo sentado em um dos bancos, dispostos em duas fileiras, para acolher os fiéis que, como ele, se dirigiam a esse templo sagrado fazer preces ao Criador.

Observava a figura de Jesus Cristo, pregado na cruz de madeira colocada bem no centro e no alto, junto à parede da frente onde os fiéis pudessem ver a plácida imagem que tanto veneravam.

Por mais de uma vez se perguntou quais seriam os reais motivos que levaram o Filho do Pai a sofrer tanto, já que ele havia sido tão bom. Em seus pensamentos, admitia que Jesus não merecia ter passado por todo aquele sofrimento.

Por tantas vezes, Joseph se questionou sobre o assunto e jamais conseguira uma resposta plausível que satisfizesse a sua curiosidade.

A cada vez que ia a esse recinto, procurava entender os porquês da vida e mentalmente conversava com Deus.

Foi em uma dessas tardes, quando orava com intensa fé, que viu aquela figura esguia adentrar o recinto, sempre acompanhada pela mesma senhora de vestuário preto.

Nesses instantes, Joseph interrompia suas preces e indagações e direcionava o olhar àquela jovem donzela, que para ele era uma incógnita.

Admitia que realmente ela fosse deveras misteriosa!

Pensava: “Ah! Como seria bom se eu conseguisse ver através das rendas brancas o rosto dessa donzela. Como seria bom! Como seria bom realizar tal desejo!”

Enquanto isso, ela caminhava suavemente da porta de entrada até a primeira fileira de bancos.

Invariavelmente, Joseph retornava para casa sem descobrir a origem e o nome da misteriosa donzela. Consigo levava apenas o registro da suave fragrância de seu perfume, que pairava no ar quando ela passava.

Tudo isso instigava sua imaginação e sua curiosidade.

## Capítulo II

### A fé em Deus

Joseph não conseguia alcançar seus objetivos, ainda que vislumbrasse várias possibilidades. A busca em atingir plenamente o seu desejo era constante. Na realidade, ele percebia o transcorrer do tempo sem que houvesse atingido suas expectativas.

Passou a aguardar a presença da pessoa misteriosa naquele prédio tão antigo quanto a época em que se passa esta história. Remoto era o tempo em que aquela construção fora edificada.

Nos planos do imperador, tudo devia ser suntuoso quanto a sua própria história, tão diversificada e ambígua entre o bem e o mal, entre os atos concretizados buscando o bem do povo e o seu próprio benefício.

O bem-estar para seus familiares e os de sua comitiva muitas vezes era alcançado em prejuízo de seus vassalos.

Nessa ambiguidade tudo se fez e esse tempo contou muito para a história local e para o povo, que usufruía de alguns locais construídos tantos anos atrás.

Edificações eram a marca registrada desse rei e do imperador atuantes no ciclo importante da sociedade daquele tempo, época que jamais retrograda. Porém, se voltássemos naqueles tempos, veríamos que muito do que viveram ainda matinha acesa a chama dos costumes no povo local.

Tradições, tradições...

Tempo que jamais se apagará na história daquele povo, que trazia consigo toda essa imensa carga de atributos, muitos até preconceituosos.

Um povo com forte carga de misticismo colaborava para que a chama das tradições jamais se apagasse dentro de cada ser, que plenamente eram transmitidas a seus descendentes.

Sempre foi assim e assim o seria por séculos e séculos.

O povo da Normandia era criado dessa maneira, com hábitos inigualáveis.

As danças, as tradições, os costumes, a culinária. Tudo era transmitido aos descendentes como se fosse o bem mais precioso que detinham.

Joseph se instalou novamente naquele local de construção apaixonante e ficou a admirar as figuras, os desenhos maravilhosamente efetuados na abóboda daquela antiga capela.

Ao mesmo tempo, pensava na pessoa que dera vida às paredes, ao teto, através da pintura refinada e altamente delineada.

Pensava nos dedos mágicos do pintor, que deixara suas impressões sobre o que imaginou ser o mundo celestial, com anjos belíssimos e suas asas alçando-se ao infinito, com beatitude e pureza divinais.

Era um encontro com a fé, com a arte e talvez um encontro consigo mesmo.

Certamente, todos que lá adentravam conseguiam realizar o propósito de estar bem próximos de Deus.

Aquela cena divinal fazia com que os fiéis se transportassem para dentro do cenário e alçassem voo, de mãos dadas com os anjos, arcanjos e querubins ali tão detalhadamente esboçados através da pintura, que ensinava leveza e bem-estar diante da natureza celestial.

Nesse meio, rico de impressões celestiais, Joseph ficava em prece, e completando a sequência exata da ladainha, por vezes tinha a sensação de que se desprendia do corpo. Pensava que havia adormecido ou então sonhado com aquele lugar. Via-se fazendo parte daquele cenário tão belo, onde a beatitude era a marca, o registro mais importante.

Constantemente perdia-se no tempo e passava horas nessa sublimidade. Tudo lhe parecia tão mágico...

Nesse âmbito de magia, encantamento, devoção, agradecimento ao Criador, extasiava-se com os seus feitos. Admitia finalmente que essa sensação ímpar não fazia parte somente dele, mas de todas as pessoas que adentravam o recinto e se esqueciam de que o tempo lá fora passava rápido.

O tempo de constatações se misturava à fé e à devoção quando dentro do recinto. Joseph percebia que tudo corria conforme a visão e a capacidade de se transformar de cada ser. A união desses elementos — fé e devoção — muito diferenciava um do outro.

Percebeu então, naquele instante, que a pessoa misteriosa novamente lá chegava, sempre acompanhada daquela senhora vestida de roupas pretas,

traje que lhe dava certo ar de mistério e austeridade. Como sempre, ela levava na mão um pequeno livro de preces e o rosário também negro.

Joseph pensava: “É incrível em como as mulheres tentam combinar tudo, roupas, sapatos, acessórios.”

Seus pensamentos se dispersavam e ficava a observá-las disfarçadamente. Tentava não demonstrar sua preocupação e a imensa vontade em ver finalmente aquele rosto, que em sua imaginação já havia recebido milhares de feições, desde as mais angelicais e belas até as mais assustadoras.

Quando chegava a este ponto, despertava dos sonhos e tudo caía por terra.

Mentalmente pedia desculpa a Deus, ao responsável por aquela casa de orações, e novamente iniciava as penitências por haver “pecado” em imaginar, “cobiçar” a mulher do próximo.

Na verdade, ele não cobiçava ninguém. Apenas queria descobrir quem era aquela figura misteriosa.

Por que ela se escondia debaixo do véu e da capa grossa?

Qual motivo teria para não aparecer em público?

De quem poderia esconder-se?

Temia, certamente, que alguém descobrisse que ela saía todos os dias para fazer as suas preces.

Assim, para Joseph, bastaria saber quem era aquela donzela e por que se escondia naqueles trajes. Algo proibido ela fazia — pelo menos era o que ele mentalmente conjecturava.

O tempo é nosso melhor amigo, porém, neste caso, poderia ser um inimigo. Todavia, lá estava Joseph fazendo o que sempre fazia diariamente, desde que houve a separação do querido pai através do falecimento. Na realidade, era um padrasto que o amava e que fora muito bom para sua mãe, para ele e para os irmãos que advieram dessa união.

O genitor havia falecido quando Joseph ainda era pequeno e sua mãe, Elísia, por força das circunstâncias e da família, se uniu então a George, seu padrasto, que tanto bem lhes fez.

Infelizmente nada dura para sempre e a duras penas Joseph aprendeu que nem a alegria nem a tristeza são eternas. Percebeu duramente a partida das duas pessoas que amou, seu pai e seu padrasto, que e foram tão importantes para ele e para sua mãe.

Seus irmãos, Antony e Charles, contavam nessa época catorze e quinze anos respectivamente. Joseph estava a poucos meses de completar dezessete.

Nesse período de convivência com George, Joseph aprendera o ofício do padastro e o auxiliava todos os dias. Antony e Charles também aprenderam com total dedicação.

George construía uma grande oficina perto da casa em que moravam. Elísia era realmente muito feliz com George e se desdobrava em atenção a todos e à casa.

De seu genitor não guardou muitas recordações, pois quando ele partiu para o plano espiritual Joseph ainda era muito pequeno. Apenas guardava nas lembranças o que sua mãe lhe contava de maneira tão amorosa, e por isso cresceu sentindo falta dele também.

Com o tempo, George ocupou o espaço vazio e o amou tal qual fosse realmente seu pai biológico. Também foi importante na formação profissional dos filhos, pois com os ensinamentos que transmitiu a eles, Joseph e os dois irmãos continuaram a realizar o trabalho com dedicação e garantiam o sustento para a família.

A sapataria, ou melhor, a oficina de sapatos, como George fazia questão de chamá-la, era a única naquele lugar e, assim sendo, procuravam esmerar-se nos serviços e cada vez mais entregar os produtos ao gosto da clientela. Tornaram-se uma referência naquela comunidade.

George não os deixou desamparados e também os estimulava a buscar o conhecimento. Soube fazer dos filhos três pessoas dignas, honestas e trabalhadoras.

Ele realmente deixara aos filhos seu maior legado: a sabedoria através dos livros e o trabalho, que representa o ganha-pão e o sustento de todos.

George era culto. Nascido de família bem esclarecida, estudou em escolas boas e soube transmitir-lhes ensinamentos valiosos, não apenas dos livros, mas também práticos, através do ofício que realizava com amor e que era para ele um dom natural.

Dessa forma, após a partida de George, Joseph e os irmãos deram continuidade ao trabalho e, com o passar do tempo, junto da mãe passaram a comandar os negócios da família.

Joseph e Charles ficavam a maior parte do tempo na oficina de sapatos, ocupados com o ofício principal, enquanto Antony cuidava da marcenaria,

arte a que George estava se dedicando nos últimos anos, desenvolvendo outro dom: confeccionar móveis rústicos.

Os filhos se revezavam nessas atividades e não queriam perder as noções adquiridas e passadas amorosamente por George. Dessa forma, todos ficaram com dois ofícios e duas oficinas para trabalhar diariamente: a oficina dos sapatos e a oficina dos móveis.

A tradição familiar novamente falou mais alto e eles puderam obter do trabalho o ganho familiar e o sustento necessário para suas vidas.

Joseph aproveitava o final das tardes, quando abaixavam as portas das lojas, para conversar com Deus.

Enquanto isso, Antony e Charles faziam a contabilidade junto de sua mãe.

Para Joseph, era lamentável que os irmãos não quisessem acompanhá-lo nesses momentos de reflexão e de fé. Percebia que eles iam às reuniões dominicais mais pela imposição da mãe do que por necessidade interior.

Para Antony e Charles, a conversa versava por outro tema central: os negócios.

Joseph não ficava alheio aos negócios, mas sabia quais eram as suas necessidades prementes e que a espiritualidade lhe era essencial. Ele precisava desse tempo só seu perante o Criador e justamente nesses instantes ele se harmonizava e entendia os porquês da vida.

Aliás, nem tudo conseguia entender ou descobrir os porquês, como no caso da donzela misteriosa.

Como esse mistério muito o instigava, resolveu bolar um plano: seguiria a donzela e a acompanhante na saída das duas da capela. Dessa maneira conseguiria descobrir onde elas moravam e de qual família eram.

Em uma tarde especialmente agradável, ele teve a oportunidade de segui-las ao longe.

Ambas, após orar, saíram da capela e se dirigiram de mãos dadas até o coche parado do outro lado da praça.

O cocheiro não era uma pessoa desconhecida, porém Joseph não se recordou quem era ao avistá-lo.

O homem as ajudou a entrar no coche, fechou as portas, se alojou no seu lugar e rapidamente se deslocaram dali para um local incógnito.

Mais uma vez a tentativa de Joseph foi frustrada.

Voltou para casa imaginando e pensando quem seria aquele homem que conduzia o coche.

Elísia já havia percebido que Joseph andava quieto, preocupado, e perguntou-lhe o que estava acontecendo. O filho, porém, não queria que ninguém soubesse o que estava passando naquele momento. Jamais desejaria servir de chacota para os irmãos.

Antony e Charles eram compreensivos, mas tinham alta dose de bom humor, fazendo piadinhas acerca de tudo, por qualquer motivo. Se ele desse uma chance, certamente fariam da sua situação, que ainda era uma incógnita, uma piada sobre a donzela misteriosa.

Pensou bem e contou à mãe apenas o fato de que procurava aconselhar-se com Deus. Ela já estava acostumada com o seu jeito de ser mais introspectivo e sempre lhe dizia:

— Joseph, você é o meu primogênito. Eu o amo por demais. Ouça o que eu vou dizer-lhe: jamais desejo vê-lo sofrer por amor. Se estiver com algum problema, confie em mim. George não se encontra mais entre nós. Ele era o seu melhor amigo, mas agora lembre-se de que sou a sua melhor amiga. Pode confiar em mim, conte os seus problemas assim como os confiava a George. Deus nos iluminará e mostrará qual deve ser a melhor decisão e o melhor caminho a seguir.

— Obrigado, mamãe. Sei que posso confiar na senhora. Sei também que por enquanto não existem motivos para preocupá-la. Estou bem, acredite em mim.

— Filho, eu acredito no que diz. Só quero que saiba que sempre estarei ao seu lado para ajudá-lo.

— Muito obrigado, mamãe.

Dizendo essas palavras, mãe e filho se abraçaram, e nesse abraço os dois sentiram o quanto se amavam e se queriam bem.

Elísia, tão sofrida, não desejava ver o filho querido sofrer também. Seu desejo era que os filhos pudessem formar suas próprias famílias, ao lado, cada um deles, de uma pessoa especial que os amasse.

Sua vontade era que cada qual formasse a sua própria família com base, acima de tudo, no amor, e que a compreensão e o entendimento pudessem prevalecer nos momentos difíceis. Desejava que Deus reinasse vibrante em seus corações e a paz e a harmonia sobrepujassem em seus corações eternamente.

Abraçada ao filho e bastante emocionada, Elísia deixou que algumas lágrimas rolassem por sua face sofrida pelo desgaste natural do tempo. Ela sentia e sabia que a vida retirara tão cedo de sua presença Ectore, o primeiro esposo e pai de Joseph. Ao mesmo tempo, admitia que Deus havia colocado em seu caminho uma pessoa boníssima, George, que lhe dera amor, dois filhos lindos e amara seu primogênito como se filho dele fosse.

Concluiu que existiam mais motivos para agradecer a Deus do que ficar pensando no que poderia ter sido.

Enxugando as lágrimas de sua face, olhou profundamente nos olhos de Joseph e falou:

— Meu querido, não espere da vida só alegria. Deus é justo e nos dá na medida certa as alegrias e as tristezas. Nunca, jamais diga que Deus esteve ausente em qualquer período de sua existência. Ele sempre está presente e sabe o que é melhor para cada um de seus filhos. Saibamos aceitar as dificuldades como desafios e superemos todos eles com fé e esperança no porvir, para que ele seja melhor.

— Muito obrigado, mamãe. Nunca duvidei do seu amor, assim como sei que Deus nos ama e nos dá o melhor que nos cabe. Eu amo muito a senhora, que é o exemplo de superação, de dedicação e de amor. Não tenho referência melhor para lutar e superar os obstáculos do que a senhora, que sempre se manteve firme no leme em todas as circunstâncias da vida.

— Obrigada, meu filho — disse Elísia, emocionada. — Se eu sempre estive no leme, firme, é porque Deus sempre esteve ao meu lado, fortalecendo e iluminando o meu caminho como um farol brilhando no mar bravio.

— Agradeço suas palavras, mamãe. Nunca me esquecerei delas. Deus será o farol em minha existência e através d’Ele encontrarei forças para seguir o meu caminho, mesmo que surja o mar bravio.

Nesse momento, Antony e Charles entraram na sala sorrindo e disseram:

— Mamãe, essas palavras papai já nos dizia. Sabe que elas são sábias? Deus é a luz, nos ilumina e dá forças para lutar contra o mar bravio, que são as nossas dificuldades diárias, não é?

— Sim, meus filhos. Vocês entenderam perfeitamente o que George e eu sempre dissemos a vocês. Saibam que a vida sempre nos reserva surpresas, umas boas, outras más. Estejam preparados para aceitá-las quando passarem por vocês. Sigam a vida com honestidade, trabalhando corretamente para

que as surpresas nos cheguem de maneira benéfica, calma, e nos tragam mais alegrias do que decepções. Confiar na vida e no trabalho, todos os dias, é adquirir na fé a paz para superar os reveses com dignidade, tendo a certeza de que Deus nunca nos desampara.

Os três filhos, abraçados a Elísia, entendiam perfeitamente o significado de cada palavra e agradeciam o seu amor, os seus conselhos e principalmente a Deus por fortalecê-los diariamente na sua fé, sendo capazes de gerar conquistas maiores e tendo a plena consciência de que Deus é o leme e o farol de suas vidas.

## Capítulo III

### As diferenças

A vida incessantemente nos mostra o quanto podemos ser felizes, mesmo vivendo no atual estágio do planeta Terra.

A felicidade se encontra nas pequenas coisas, nas situações do dia a dia.

Percebemos, assim, os princípios que nos levam a experimentar um pouco dos mundos felizes, mesmo que ainda estejamos buscando na passagem por este planeta, riquíssimo de oportunidades, encontrar realmente algo que valha a pena na condição de encarnado.

Todos, inevitavelmente, ensejamos justamente a realização do que julgamos ser o bem-querer, a felicidade, mesmo que momentânea, e indiscutivelmente encontramos nesses preciosos momentos a realização na busca do amor maior.

Estar em paz, mesmo perante as tribulações da vida, não é estar pleno diante de tudo o que realizou?

Estar em paz com a própria consciência, tendo feito de sua passagem terrena um bom motivo para tornar o outro menos infeliz, ou mais feliz, é algo que não tem preço, é inafiançável.

Essas conquistas levam tempo e uma boa dose de altruísmo para se obter.

Em um mundo repleto de dificuldades de toda sorte, ver o outro feliz já é um bom motivo para sentir-se feliz.

Neste planejamento maior, o de elevar-se acima das dificuldades alheias, comprometemo-nos com a máxima: “Amar a Deus acima de todas as coisas e ao próximo como a si mesmo.”

É uma forma de conquistar a paz, mesmo que à nossa volta estejamos cercados por pessoas que ainda não conquistaram esse patamar de percepção.

Alheios, muitos ainda estão vivendo o próprio ostracismo, e não percebem o que vai à sua volta.

Assim é a vida...

Assim somos nós...

Todos próximos, porém nem todos com a mesma capacidade de perceber o que nos cerca.

São as diferenças comportamentais e espirituais.

Mesmo que ainda existam diferenças, estamos e vivemos num mundo em que os bons, através dos seus exemplos de vida, transformam aos poucos aqueles ainda menos receptivos à verdadeira mensagem do Cristo: “Fora da caridade não há salvação.”

Em vista dos exemplos no bem, aos poucos todos se tornarão colaboradores dessa imensa luz que esparge do bem realizado. Assim é a vida, e quando se chega nesse patamar o indivíduo percebe que se tornou um colaborador do bem maior, encontrou a paz dentro de si e está feliz.

Existem muitos colaboradores atuando em nome de Deus e de Jesus que são capazes de transformar, de alguma forma, a vida do sofredor. A distância a ser percorrida às vezes é grande. Porém, dando o primeiro passo, já teve início essa caminhada do bem-querer, de encontrar em si os motivos suficientes para fazer o outro feliz, e de descobrir que o maior e primeiro bem, o amor, reside no próprio ser.

O primeiro beneficiado é aquele que ousou fazer o bem. Aí, sim, terá a certeza de que valeu a pena viver.

Sabemos que, muitas vezes, o sofredor encontra-se exatamente dentro da própria família, esperando de nós palavras e atos de amor, compreensão e auxílio.

Comecemos, pois, na própria família esse proceder imenso na realização do “Amar o próximo como a si mesmo”, para depois abraçar a grande família humana, quiçá a humanidade inteira, com gestos fraternais.

Percebe o quanto precisamos colaborar na família, na grande família humana?

Todos temos os meios que Deus nos reservou para ajudar o irmão em Cristo. Pensemos nisso.

Desse modo, reportando-nos à nossa história, percebemos em Elísia todos os motivos para tornar-se numa pessoa triste. Duas vezes viúva, com três filhos ainda jovens para cuidar e com a tarefa de torná-los responsáveis, prontos para agir nesta sociedade tão repleta de condicionamentos, atitudes e comportamentos nem sempre bons.

Elísia, mulher forte, confiando em Deus e em seu poder, tornou-se ainda mais forte. Poderia ter-se tornado uma viúva dependente dos familiares, mas nela a vulnerabilidade não encontrou espaço para alastrar-se.

Deus a ajudou, dando-lhe coragem para superar os reveses e auxiliar os filhos a crescer nesse meio repleto de dificuldades, ensinando-os a ultrapassar os obstáculos, tornando-os fortes, bons homens, honestos, trabalhadores. Seguiram o mesmo ofício de George, que os ensinou através dos seus bons exemplos e atos de imenso amor.

Elísia tinha bons motivos para agradecer ao Criador. Deus sempre se fez presente em sua vida, fortalecendo-a nos momentos mais difíceis, iluminando o seu caminho e abençoando a sua família, o seu lar e as suas decisões.

Elísia era feliz.

Sentia que Deus lhe havia proporcionado os melhores filhos do mundo. Por eles, vivia os seus dias sempre confiante de que venceria na missão de mãe e tutora dos maiores bens confiado por Deus.

Cuidando dos filhos, tornou-os homens prontos para sobreviver através do próprio trabalho, aliado ao respeito e à fé inabalável em Deus, auxiliando-os a perseverar na lei do amor e tendo nas leis divinas o guia a seguir.

Nesse ideal, um contraponto surgia lentamente. E Elísia quase não o percebia, pois ainda se iniciava. Surgia em Antony algo que ela sempre condenou em família: o orgulho, a vontade de querer ser o melhor, a ambição desmedida.

Isso requeria a ela uma nova percepção, contudo, não tinha certeza se estava pronta para mostrar ao filho que esse seu lado competitivo poderia criar desavenças entre eles.

Jamais pensou enfrentar tal desafio.

Sempre teve pelos filhos muito amor e uma dedicação desmedida. Sempre desejou que eles pudessem trabalhar igualmente e que não se colocasse entre eles a ambição e, principalmente, que isso os remetesse a atritos e disputas.

Sabemos que cada ser possui o espírito que lhe é próprio. Filhos são apenas espíritos reencarnados, presentes de Deus. Ele permite que o material genético dos pais seja utilizado para a constituição do corpo, que abrigará o espírito daquele que reencarnará como filho.

O espírito, então, reencarna neste planeta escola e evolui no grande aprendizado que é viver em família. Dizemos que os filhos são presentes únicos porque cada um é um espírito que já reencarnou inúmeras vezes, contendo a sua própria bagagem espiritual, muitas vezes com as boas e também as más tendências ainda a serem trabalhadas para transformá-lo numa pessoa melhor.

O espírito evolui a cada reencarnação. Esse é o aspecto primordial a ser levado em conta. Portanto, é dever de cada pai e de cada mãe instruir o filho, um espírito milenar, para que se torne melhor em seus hábitos que trouxe de outras vivências, de reencarnações pretéritas.

É por isso que se diz que a paternidade e a maternidade estão colocadas no patamar de missão. Certamente têm como objetivo maior amar, aproximar esse espírito do Criador, infundir nele a fé, o respeito, os bons princípios e principalmente tentar torná-lo melhor. Seria muito bom que os pais pudessem trabalhar nos filhos o bom e o belo, tornando-os maleáveis a aceitar, com os ensinamentos de Jesus, uma nova vida.

Os bons exemplos paternos são imprescindíveis para realizar a transformação e a mudança de atitudes que se revelam, normalmente, ainda na infância ou na adolescência.

Elísia tinha três filhos, três espíritos reencarnados que vieram compartilhar do seu amor, da compreensão, dos ensinamentos e principalmente da sua imensa fé em Deus.

Joseph era o mais parecido com a mãe. Era calmo, paciente, sem grandes ambições. Desejava apenas continuar atuando no ofício que aprendera com o padrasto, dando o melhor de si para poder agradar os fregueses.

Quanto a Charles, mais cordato, realizava tal qual Joseph as funções que lhe eram delegadas, sempre com o firme propósito de sair-se bem.

Já Antony, o caçula, pretendia alçar voo para novos e futuros serviços. A ambição, a princípio, não era preponderante em sua maneira de ser, mas com o passar do tempo ele deixou transparecer a vontade de ser o melhor dos três.

Iniciava-se assim uma disputa entre os irmãos.

Elísia queria tanto que prevalecesse a união e a harmonia entre eles...

O tempo passava célere e Elísia sentia que estava na hora de intervir, pois Antony já demonstrava querer ficar sozinho no comando da oficina de

artes.

Notou que ele praticamente se isolara nos serviços da marcenaria, transformando-a num local exclusivo do seu trabalho.

Não aceitava as ideias do irmão mais velho Joseph, nem as de Charles. Por isso, as desavenças entre os três começaram a ficar constantes.

A mãe, a princípio, recomendou que eles se alternassem nas duas oficinas, mas com o correr do tempo cada um possuía e via o dom aflorar em determinada função.

Antony sempre foi o que mais disputou o local a trabalhar. Joseph e Charles faziam as suas criações na oficina dos sapatos tanto quanto na oficina de artes.

Finalmente chegou o dia em que Elísia os chamou para uma séria conversa acerca do destino que daria aos negócios da família. Considerava o diálogo mais difícil de sua vida.

Os três estavam reunidos ao redor da mesa de madeira da sala. Antes de começar, Elísia fez uma prece elevando a Deus o seu pensamento. Pediu-lhe proteção para que pudesse escolher as palavras certas, a fim de não ferir o orgulho dos seus rapazes, que trabalhavam brilhantemente em suas funções.

— Meus filhos, neste mundo ninguém é tão importante nem tão eficiente que possa realizar uma tarefa sem o auxílio de outra pessoa.

Os filhos a ouviam, receptivos e ansiosos, tentando entender até onde a mãe chegaria com aquele diálogo.

— Ouçam com atenção. Para que o couro chegue até a casa de oficina de sapatos, é necessário o trabalho de muitas pessoas a fim de que se atinja a qualidade esperada pelo artesão. Igualmente, quantas pessoas, quantas mãos foram necessárias para que a madeira utilizada pudesse chegar à marcenaria?

Um filho olhava para o outro admitindo que muitas pessoas haviam trabalhado antes deles para que a matéria-prima chegasse em suas mãos no ponto certo, possibilitando-os finalmente iniciar a etapa que lhes cabia fazer.

— Observem que, até chegar às mãos de vocês, os materiais passaram por tanto trabalho, tantas mãos. E nenhuma delas se vangloriou de que, se não fosse por ela, o produto não seria perfeito — refletiu a mãe. — Vejam bem que, para a realização de qualquer trabalho, em qualquer lugar, não há exclusivismo de nenhuma pessoa ambiciosa. Todos trabalharam com afincos

e com amor, e por meio desse árduo trabalho deixaram a sua marca de serviço bem feito.

Enquanto ouvia aquelas palavras, Antony envergonhava-se perante os irmãos e a mãe. O orgulho era sua marca. Exclusivista, queria ser sempre o melhor em tudo.

Elísia percebeu que havia atingido em cheio o filho mais novo e que trazia não apenas os vestígios de outrora, porém traços marcantes que tentaria retirar de Antony o quanto antes, ou pelo menos abrandá-los, para que as consequências de suas atitudes não prejudicassem a própria vida e a união familiar.

Ela continuou:

— Meus filhos, George foi para vocês um pai amoroso, firme e ensinou-os que a união é a base para realizar as boas conquistas. Ele era totalmente desprezioso no aspecto de querer ser o melhor no que fazia. O orgulho e a ambição nunca foram bons companheiros, porque só trazem desavenças. George sempre os aconselhava a fazer o serviço com dedicação e amor. Essa era a sua marca registrada e assim gostaria que fosse com vocês. Por isso todos gostavam de seus serviços. George era humilde, trabalhava com amor e tudo o que fazia era de primeira qualidade. Com vocês não será diferente. Eu prezo por tudo o que George nos ensinou.

Os filhos ouviam calados o que a mãe dizia.

— A união de vocês será a marca de nossa família. Entre os três, eu jamais deixarei sobreviver o exclusivismo. Os três são bons no que fazem e não existe um que seja melhor do que o outro. Portanto, decidi que a partir de agora me incluirei nessa parceria dos três. Comandarei as oficinas não apenas na contabilidade, como sempre fiz, mas principalmente farei o melhor que puder para ajudá-los.

Antony ficou intrigado com aquela observação. Ele projetava ficar à frente da marcenaria.

— De que maneira a mamãe vai tomar a frente dos negócios? — perguntou o caçula. — Deixe que nós, homens, façamos essa parte.

— Não se preocupe comigo, meu filho. Ser mulher nunca me preocupou. Sou tão capaz de resolver e decidir os rumos do nosso negócio quanto qualquer homem.

— Mas, mamãe... Ali existem muitos homens trabalhando! — Antony tentou argumentar.

Rindo, Elísia continuou:

— Antony, meu querido! Eu não tenho medo dos homens! Eles é que poderão ter medo de mim, porque nos negócios que George nos deixou, quem não trabalhar por amor será dispensado. A boa qualidade vem desse comprometimento. Se houver alguém ambicioso, exclusivista, orgulhoso, que vá trabalhar em outro lugar. Estamos entendidos? A partir de amanhã farei parte desse trio maravilhoso. Unidos e trabalhando com amor, certamente continuaremos a manter a qualidade e o bom nome de George, a quem muito devemos.

Joseph e Charles ficaram alegres em tê-la como companhia nas empresas e, abraçando-a, disseram:

— Mamãe! Como estamos felizes em tê-la conosco no serviço também!

— Obrigada, meus filhos. Continuaremos o trabalho que o pai de vocês iniciou e eu supervisionarei todos os serviços e encomendas que chegarem, inclusive farei pesquisas no mercado quanto a novos modelos, preços etc. Certamente farei algumas mudanças no futuro.

Antony revelava o lado que Elísia jamais desejaria ver. Estava lívido, encostado na parede da sala. O que mais desejava era cuidar sozinho da marcenaria.

Lembrou que já havia realizado alguns pedidos e encomendas a preço diferente do combinado com a sua mãe e não desejaria vê-la participando de tudo novamente. Ficou quieto com seus pensamentos.

— Antony, você não está feliz com a minha decisão? — perguntou Elísia, percebendo as atitudes do filho.

O olhar do caçula confirmou as suspeitas. Em sua expectativa, ela não esperava resposta diferente.

— Para falar a verdade, eu não gostaria que a senhora ficasse na oficina pelos motivos que lhe falei. O lugar da mulher é em casa — sentenciou Antony. — Aliás, a senhora nunca ligou para isso, não é mesmo?

— Antony, pelo seu comportamento eu não esperava outra resposta. Saiba que tudo o que temos devemos ao trabalho do seu pai, que começou a trabalhar na sua idade. Digo-lhe mais, se não estiver contente trabalhando na nossa firma, pode procurar outra para trabalhar, eu não coloco objeção. Os negócios da família serão comandados por mim e quem não estiver satisfeito poderá escolher outro caminho.

O rapaz olhou-a com ódio. Se pudesse, naquele momento diria que assim o faria, iria embora e conduziria sua vida como bem entendesse. Contudo, ardiloso como era, ponderou:

— Mamãe, vejo que a senhora me avaliou mal. Simplesmente não desejo vê-la entre as pessoas que trabalham lá. Os negócios são da senhora, portanto, faça o que achar melhor.

— Assim farei, Antony, e espero que da sua parte eu não tenha desgostos. Detesto desavenças, competições. Já sofri muitas perdas na vida. Não desejaria ter de despedi-lo da firma pois prezo pelo bem e pela união de vocês. Espero que repense seus atos e torne-se humilde, tal qual o seu pai era.

Antony tinha muita consideração pelo pai. Abaixou a cabeça e pediu desculpas.

— Aceito as suas desculpas, meu filho — disse Elísia. — Amo igualmente você e seus irmãos. Peço que seja mais amigo deles; não queira ser exclusivista, único, porque ninguém pode ser assim, uma vez que dependemos sempre um do outro para a realização de nossas metas. Nunca se esqueça disso. Você é o meu filho caçula e tem muito a aprender com os seus irmãos e com a vida.

— Está bem, mamãe. Vou me esforçar para modificar o gênio terrível, como diz.

— É o que mais desejo, meu filho — e dirigindo-se aos três, disse: — Eu os amo muito, saibam disso.

Mais uma vez Elísia tentava mostrar aos filhos os reais valores da família. Entre eles incluía a humildade, o amor a Deus e ao próximo, assim como o respeito, acima de tudo, para conquistar a paz e a união.

Antony teria de trabalhar muito, lutar contra as tendências negativas que trouxe de outras reencarnações, para poder viver nos moldes que a mãe desejava.

Precisaria vencer o orgulho e a ambição, motivadores da sua derrocada em vida pretérita, para poder humildemente viver ao lado das pessoas da família que o acolheu e que tentaria ajudá-lo, mesmo que a duras penas, a vencer seus sentimentos negativos de outrora.

Assim é a vida. A nossa vida e a de muitos. Arduamente aprendemos e modificamos o nosso interior nessa aprendizagem diária rumo à evolução.

## Capítulo IV

# O orgulho

Ante a imensidão dos mundos, na Terra incluímos e situamos a nossa jornada. Jornadeando tais quais as aves no céu, somos livres e temos o nosso livre-arbítrio para realizar as escolhas.

Alguns penosamente se arrastam nesta trajetória com as suas dificuldades.

Logo, cada um de nós ocupa, segundo as próprias obras, exatamente o papel que lhe cabe e que precisa para tornar-se melhor, reerguer-se, ultrapassar os obstáculos.

E, segundo as tendências individuais, rebelde ou ameno, cordato ou não, cada um realiza a sua passagem nos moldes que lhe apraz e, principalmente, com o que necessita para elevar-se na senda do progresso humano. O conseqüente prêmio é a evolução moral e espiritual.

O livre-arbítrio nos conduz irremediavelmente para o bem ou para o mal. As escolhas são nossas, as decisões também, gerando as colheitas que devem ser necessariamente feitas por nós mesmos.

Se em nossa jornada terrena apenas semeamos a discórdia, os maus atos, como conseqüência dessas ações colheremos os frutos amargosos do dissabor, ainda nesta vida ou em outras.

Ao contrário, se semeamos o bem, a concórdia, o amor, colheremos os melhores frutos desses atos. Lembremos sempre este alerta: “A cada um segundo as suas obras.”

Nada, nada surge por acaso. Tudo são conseqüências do que fizemos, o bem ou o mal, ou apenas a indiferença, fruto da nossa omissão, se assim agimos durante a estadia terrena.

Não poderemos fazer a colheita no terreno do outro mas, sim, exatamente na sementeira respectiva de cada um.

Diante disso, é sábio que estejamos cientes de que a vida nos torna merecedores de toda espécie de sorte. Se boa ou má, só depende do plantio.

Pense nisso, amigo leitor.

Deus é todo justa e como Pai amoroso dá aos filhos a correspondente lição para que evoluam e aprendam a ser melhores.

Este aparte se fez necessário para que o leitor perceba as diferenças que nos servem de parâmetro e guia, suscitando um comum questionamento.

Por que alguém nascido de pais com sentimentos bons, com a parte moral ilibada, pode ter comportamento tão diverso? O que o fez agir desse ou daquele modo?

É simples a resposta a esta questão.

Filhos são espíritos reencarnados. E, neste caso, tiveram pais boníssimos, de comportamento irrepreensível, para aprenderem a ser melhores, evoluir, trabalhar em si os pontos que tanto necessitam, livres das imperfeições que trouxeram ainda arraigadas em seus espíritos.

Sabemos que nossos filhos são espíritos que renasceram na carne com o material genético especialmente preparado para que pudessem desenvolver uma programação maior, tornando-se pessoas dignas, respeitáveis, honestas.

Por isso, é dever dos pais ajudar o espírito reencarnado, muitas vezes um familiar antigo, ou necessitado, que precisa de amor e, por vezes, de mão firme para evoluir.

Em praticamente todas as famílias existem filhos maravilhosos que combinam com os pais os mesmos gostos e aptidões. São reencarnações de espíritos simpáticos, afins. Enquanto isso, nessas mesmas famílias sempre se observa aquele filho que se torna uma “dor de cabeça” para os pais. Ele é rebelde, completamente diferente dos irmãos no modo de pensar.

São espíritos mais necessitados, que reencarnam exatamente numa família repleta de bons exemplos e ensinamentos para efetuar a aprendizagem, deixando a rebeldia e aproveitando o bom convívio para se tornarem melhores.

É o caso de muitos, e o de Antony não é diferente. Observemos o quanto ele é diferente de Joseph e de Charles na maneira de pensar e de agir. E são filhos da mesma mãe...

Cada filho é um espírito próprio e carrega consigo a sua essência própria, com as suas experiências mil já realizadas. Isso se nota no comportamento já na fase infantil. Percebemos que surgem, sutilmente, todas as imperfeições desse espírito, que vão se revelando na mesma medida em que ele cresce.

É de fundamental importância que os pais ou até os tutores lhe mostrem o outro lado, obstando ou refreando que as más tendências prevaleçam sobre as boas.

Verificamos, assim, que Elísia precisou ter atitudes firmes para tentar breçar o comportamento egoísta, orgulhoso e vaidoso de Antony. Notamos também que ele traz consigo as más tendências muito arraigadas em seu espírito e terá de aprender a ser manso e pacífico perante a mãe, os irmãos e a vida.

Aí reside o problema maior e tão conflitante desse jovem. Deve lutar consigo mesmo, contra as suas más tendências, para conseguir, um dia, produzir em si as boas tendências, preterindo as más.

Quando isso acontecer, poderemos dizer que ele venceu a si mesmo.

É o bem contra o mal. Com paciência, com amor, o bem sempre vence. É uma luta árdua, diária, mas Antony vencerá se tiver boa vontade em modificar-se.

Bons exemplos ele possui, então esperemos que realmente consiga o que precisa para a sua própria evolução.

Neste aspecto precisamos nos ater mais tempo, visto que é um problema que atinge a maioria dos lares. Nunca esqueçamos que os filhos são espíritos reencarnados que necessitam das pessoas escolhidas como pais, seus tutores e responsáveis, para que possam evoluir, “aparar as arestas”, tornando-se melhores.

Nesse amplo entendimento, os pais devem preparar-se com as armas mais poderosas que existem: o amor, a compreensão e até uma dose firme de decisões para evitar que as más tendências de cada um possam, mais uma vez, levá-lo a fracassar em sua nova jornada reencarnatória. Deve, ao contrário, tornar-se melhor no completo e complexo âmbito moral e espiritual.

Assim é a vida para todos aqueles que têm a coragem de aceitar ser pais do pequeno ser, tão belo, tão indefeso, mas que possui, tanto quanto os próprios genitores, um espírito milenar, que o guiará para sempre.

Sejamos, pois, os guias e primeiros exemplos nos caminhos dos filhos.

Tornemos a sua vida um marco de aprendizagem e que esse aprendiz possa agradecer-nos por tudo o que fizemos para torná-lo uma pessoa mais completa. Que possa encontrar a felicidade dentro de si, nas pequenas coisas, na fé em Deus, tendo boas atitudes e virtudes.

Pais são educadores em primeira instância de seus filhos. Por isso não se deve delegar a responsabilidade a outrem.

Nesse amplo aspecto, Elísia procurava, através de palavras, do exemplo, despertar nos filhos a união, a fé em Deus, o respeito, entre outros sentimentos necessários à evolução de cada um, tentando retirar deles as tendências negativas de suas personalidades, para o próprio bem deles.

Sempre à frente dos negócios, ela observava os três filhos trabalhando com afinco, dando ordens aos encarregados e empregados de determinadas funções.

Tudo caminhava de acordo com o seu pulso firme.

Antony procurava demonstrar à mãe que se arrependera do que estava em vias de fazer. Por enquanto, Elísia havia conseguido bloquear as más tendências do filho.

Não estava sendo fácil para ele, porém, controlar a obstinação em um dia estar à frente dos negócios da mãe.

O espírito de Antony era teimoso. E seu comportamento não enganava a mãe.

Sempre observadora, Elísia notava o jeito do filho caçula, que vez ou outra deixava transparecer algo que ela jamais gostou de ver em alguém: a prepotência.

Sabia que o filho precisava de mais lições para retirar dele o orgulho terrível, a ambição que percebia existir no brilho dos seus olhos.

Com Joseph e Charles, ela não se preocupava.

Para ficar mais fácil a observação de tudo e de todos eles, ampliou o prédio da fábrica de móveis, destinando um lado para a oficina dos sapatos e outro para a de móveis.

Elísia construiu um mezanino no piso acima das duas oficinas, onde montou seu escritório e de onde podia observar o comportamento dos filhos, encarregados e empregados.

Ela era firme em suas convicções e não voltava atrás quando falava algo para o bem dos filhos e da firma. Defendia suas decisões para que pudessem realizar o aprendizado, nem que fosse a duras penas.

O tempo passou e as lojas, ou oficinas, como diziam, progrediam a olhos vistos.

Joseph, o filho mais velho, auxiliava a mãe na administração dos negócios.

A decisão de Elísia não agradou a Antony, que vez ou outra reclamava com Charles.

— Meu irmão, você quer receber de mamãe o mesmo aviso? Deseja ir trabalhar em outro lugar? Se não está feliz aqui, procure outro serviço — Charles o repreendia.

— Charles, como você é bobinho! Nem parece que é mais velho do que eu. Não almeja ocupar o lugar de Joseph? Sempre ele, sempre ele.

— Não seja rebelde desse jeito, meu irmão! A mamãe dará chances igualmente para nós três. Saiba esperar a sua vez! Por mim, ficaria sempre atuando junto aos empregados, delegando os serviços, colaborando na medida do possível. Eu sou feliz assim.

— Não sou como você e nunca fui. Eu acredito que os meus sonhos são tão grandiosos! — disse Antony.

— É verdade, Antony, e há ambição também, não é, meu irmão? Tenho a certeza de que se você pudesse, nos tiraria da sua frente tal qual um furacão para conseguir o que deseja. Quantas vezes eu lhe disse para ser mais humilde? Vê se cria juízo, isso sim. Sonhar é enquanto se está dormindo.

Eles não perceberam a presença de Elísia e Joseph, que estavam próximos. Ambos ouviram toda a conversa.

Elísia constatou tristemente que o filho não havia mudado e agora tentava influenciar o filho querido Charles com suas ideias. De repente, Charles observou que a mãe, cabisbaixa, se encaminhava até eles e perguntou:

— Mamãe, por que está triste? O que lhe aconteceu?

— Filho querido, eu estou realmente muito triste com o que acabei de ver e ouvir.

Elísia olhou para Antony, que estava completamente desconcertado, e lhe falou:

— Antony, querido. Eu o amo igual aos seus irmãos. Ainda percebo que não mudou o seu jeito de pensar. Notei que você continua com a mesma ambição desmedida, o orgulho, a altivez que não sei de onde vêm. Nada disso tem de seu. Sei que a humildade lhe seria boa companheira, assim como a resignação, que os seus irmãos possuem. O que há de errado com você? Eu não consigo entender de onde vêm essas atitudes, essa ambição, esse orgulho? Eu não o entendo... Por mais que eu procure descobrir de

onde vem tudo isso, não consigo entender! O seu pai, assim como eu, só demos exemplos de humildade, de dignidade, de honradez.

Elísia começou a chorar.

Dessa vez sentiu que as suas forças aniquilavam e ela caía por terra. Toda a sua firmeza se esvaía tal qual houvesse sido vencida pela obstinação do filho caçula.

Joseph e Charles ampararam a mãe e colocaram uma cadeira próximo a ela, para que pudesse sentar-se.

Charles trouxe um copo de água, o qual Elísia sorveu aos poucos até acalmar-se.

Antony estava parado à sua frente sem qualquer reação e diante deles falou:

— Deve ser muito difícil para a senhora ter um filho como eu. Já sou maior de idade e quero ganhar o mundo.

Elísia se perturbou com aquelas palavras. Assim mesmo conseguiu coragem e falou firmemente:

— Antony, realmente é muito difícil ter um filho que só quer o poder. Sei que, se pudesse, nos tiraria da sua frente para comandar os negócios que o seu pai conquistou às custas de muito trabalho e por eu ter continuado o seu trabalho do mesmo jeito que ele fazia. Realmente, cansei de tentar mostrar-lhe que devemos conseguir o nosso trabalho com o fruto do nosso suor. Nada se consegue sem que haja perseverança.

O filho a ouvia sem nada dizer.

Ela continuou:

— Cansei de dizer-lhe que é necessário que haja humildade em todos os momentos. Há tempos percebo que não vai à igreja agradecer a Deus pelo que tem recebido.

Elísia fez breve pausa e prosseguiu:

— Ah! Esqueci que não tem humildade suficiente para estar na “Casa de Deus” para agradecer ou até para pedir. A partir de agora eu posso dizer-lhe que cansei! Cansei! Fiz todas as tentativas para torná-lo melhor; se eu não consegui, espero que a vida lhe ensine. Quando não se aprende de um jeito, se aprende de outro. Seja feliz do jeito que deseja em outro lugar, bem longe de mim e da minha família.

Joseph e Charles interviram dizendo:

— Mamãe! Para onde Antony irá? Ele é nosso irmão, não queremos que ele sofra!

— Vê o quanto é querido por todos nós? Para mim está sendo difícilimo falar essas palavras a você, Antony, porém é necessário que sofra, porque senão seremos nós a sofrer perante as suas atitudes repletas de más tendências e virtudes negativas. Como diz, é maior de idade e quer ganhar o mundo. Que assim seja feito. Ganhará o mundo inteiro para descobrir tudo o quanto desejei lhe ensinar até hoje. Se um dia quiser retornar, o seu lugar no meu coração e na nossa vida está reservado.

A mãe continuou, com voz firme:

— Vá, Antony! Vá conquistar o seu espaço, como sempre sonhou, mas às suas custas! Não à nossa custa e sofrimento. Vá para casa, faça a sua mala e conheça o mundo que tanto deseja!

Os irmãos olhavam a cena como se não acreditassem no que ouviam e viam acontecer.

— Eu lhe darei algum dinheiro para que possa manter-se por um período, até que arrume um trabalho — continuou a mãe. — Nunca se esqueça de que a ideia de partir foi sua. Aproveite para as novas conquistas, que sejam proveitosas em todos os sentidos. Vá com Deus e que Ele o abençoe, meu filho. Lembre-se constantemente dos meus conselhos.

Elísia se afastou, foi ao escritório e voltou dando-lhe uma boa quantia de dinheiro.

Antony pegou as notas, mas nem sequer as contou. Guardou-as no bolso da calça, abraçou os irmãos, pediu a bênção de sua mãe e saiu, deixando-os boquiabertos.

Elísia, firme com a decisão tomada, falou:

— Deus te abençoe meu filho. Que Ele olhe por sua vida e suas decisões. Encontre finalmente o que deseja. Se puder, seja feliz! — desejou a mãe.

Antony saiu do mezanino, desceu os degraus da escada e rapidamente chegou à rua.

Estava tão atônito com o que havia acontecido que nem acreditava que, a partir daquele momento, teria de empenhar-se para viver, ou melhor, sobreviver.

Não teria a mãe por perto para dar-lhe conselhos, broncas memoráveis, nem os irmãos que gostava, mas que, para alcançar os seus objetivos, tiraria

do seu caminho.

Ao pensar dessa maneira constatou que a mãe tinha razão. Ele precisava, sim, sair, conhecer outras pessoas, outros lugares. Quem sabe, até poderia se sair bem na vida!

Joseph e Charles abraçaram a mãe, que tentava segurar as lágrimas, mas ao sentir o carinho dos filhos queridos, não mais conseguiu conter-se. Abraçada a eles, chorou muito.

As lágrimas trouxeram o alívio de que necessitava para tirar a pressão do peito que a oprimia.

Após um período de refazimento, falou aos filhos:

— Joseph, Charles, vocês são a prova viva de que eu tentei fazer do irmão de vocês uma pessoa melhor.

— Sim, mamãe. Nós percebemos o quanto Antony a fez sofrer — disse Charles.

— Charles, meu querido, Antony disse com todas as letras que desejava comandar a firma nem que, para isso, fosse preciso tirar-nos da frente dele — lamentou Elísia. — Ouça o que eu vou dizer. Você também, Joseph.

— Sim, mamãe, pode dizer — aquiesceu Joseph.

— Sofrerei muito com a ausência de Antony, porém é melhor que ele sofra agora do que possa nos fazer sofrer ainda mais no futuro. Ele escolheu o próprio caminho.

— É verdade, mamãe, ele é tão diferente de nós! — ponderou Charles. — O pensamento dele é de poder, ter poder.

— É por isso que eu vou lhes pedir uma coisa. Deixem que ele vá pelo mundo. Tomara que ele consiga o que deseja, mas sem humildade não conseguirá, eu tenho a certeza disso. Peço que me mantenham informada se um dia tiverem notícias dele, sejam boas ou ruins. E se ele quiser pedir a ajuda de vocês, nada façam, porque esse departamento é comigo. Entenderam?

Os dois aquiesceram:

— Sim, mamãe.

— Então, a partir de agora, voltemos ao nosso serviço. E, como antes, ficarei na contabilidade e pedidos de encomendas e você, Joseph, se reveze com Charles nas duas oficinas. Precisamos nos inteirar sobre o que acontece nas oficinas.

— Está certo, mamãe — consentiu Joseph. — Creio que a senhora ficará com muito serviço. Se precisar, poderemos dar uma ajuda após o término do serviço, ao final do dia.

— Obrigada, meus filhos. Sei que darei conta. Mesmo assim, gostaria de reunir-me com vocês após a saída dos funcionários para inteirar-me dos acontecimentos dos seus setores, e também para que saibam sobre o meu departamento. Unidos, continuaremos o trabalho de George.

Os três novamente se abraçaram, desejando que Deus olhasse por eles e os auxiliasse na nova fase de suas vidas — e na vida de Antony também.

Nesse momento, Antony entrava em sua casa. Olhou tudo como se nunca mais voltasse para lá.

Efigênia, a colaboradora da casa, o viu sentado no sofá naquela hora do dia e se preocupou.

— Está se sentindo bem, Antony?

— Sim, estou bem.

— Deseja alguma coisa?

— Sim, desejo que faça as minhas malas. Coloque tudo o que tenho dentro delas, porque vou ficar um bom tempo fora de casa.

— Quanto tempo ficará ausente?

— Ainda não sei, Efigênia. O tempo que eu precisar.

— A sua mãe está sabendo dessa decisão?

— Sim. Foi ela quem pediu que eu encontrasse o meu caminho.

— Deus! — assustou-se Efigênia. — A dona Elísia nunca falaria isso, justamente para você!

— O que quer dizer com isso?

— Nada. Só quero dizer que dos três, você é o mais rebelde e faz a sua mãe sofrer com isso.

— Cale-se, Efigênia! Não dê palpite na minha vida! A decisão foi minha, só minha! — disse o jovem, irritado.

— Então está certo! Farei o que me pediu e retornarei em pouco tempo com as suas roupas.

— Tem alguma coisa para comer na cozinha?

— Sim. Pode se servir. Nesta casa a comida nunca faltou, graças a Deus e ao esforço dos seus pais. Primeiramente do senhor George, Deus o tenha, e agora, da sua mãe, uma sábia.

Mais uma vez ele perguntou sobre o que ela queria dizer com aquela observação.

— É simples, Antony. Tem gente que quando não aprende a ser melhor pelo bem, aprenderá pelo mal e você aprenderá com a vida. A vida ensina.

— Credo! Até parece que estou ouvindo a minha mãe falando. Vou até a cozinha fazer um lanche.

Efigênia fez o que Antony lhe pediu com dó do rapaz, porém percebeu que a decisão de Elísia era necessária para que ele aprendesse a ser uma pessoa mais humilde, melhor em todos os aspectos, sem a arrogância, a ambição e a altivez tomando a frente em sua vida.

Antony era visto dessa maneira pelas pessoas que com ele conviviam.

“A vida lhe ensinaria.”

Assim pensava Efigênia enquanto descia os degraus da escada que unia o andar onde ficavam os quartos e o da sala de estar.

Longe, muito longe dali, existia alguém que implorava por poder der viver livre, ganhar a liberdade. Desejava apenas a liberdade de poder sonhar e viver livre como os pássaros, para ir e vir aonde quisesse.

Era a jovem misteriosa, cujo paradeiro Joseph tentava descobrir há anos.

Mistérios que a vida faz questão de desenrolar, tal qual se fosse uma bola de lã.

Uns tendo a liberdade de ir e vir, sendo levados a conquistar o seu próprio caminho, como no caso de Antony.

Enquanto isso, Fabrícia, a misteriosa donzela, queria conquistar sua liberdade de outra forma, livrando-se do jugo dos seus tutores.

Fabrícia desejava ser feliz longe dos mandos da pessoa que a fazia reprimir-se cada vez mais naquele castelo, diante do arvoredo mais belo daquela região.

Estava sendo preparada para casar-se com Antunes Philip, um rapaz ainda, porém com atitudes que ela não apreciava, principalmente em alguém que seria seu futuro esposo.

Ele possuía certas peculiaridades e trejeitos femininos que ela não gostava. Mesmo assim, compreendia que aquele era o jeito dele. Fabrícia sabia que Antunes Philip era filho de pessoas da mais alta sociedade e que, casando-se com ele, todo o maldizer das pessoas seria calado.

Com isso, sua tutora ganharia um dote espetacular pela transação, como se fosse um comércio. Seria um casamento combinado. Contudo, Fabrícia,

uma donzela, tão bela, sabia que jamais seria feliz ao lado de Antunes Philip.

Ela queria apenas libertar-se do seu destino, que, de antemão, reconhecia um fracasso.

Apenas a fé em Deus a encorajava e a levava a pensar que um dia ainda seria feliz.

Percebemos os anseios divergirem nos jovens. Cada qual possuía as suas “razões” de liberdade.

Mas, até onde iria a liberdade de Fabrícia?

E a de Antony? O que ele faria de sua vida?

## Capítulo V

### As virtudes

Os sonhos de liberdade são tão comuns nos jovens, afoitos por realizar os mais íntimos desejos, como se quisessem comandar o mundo!

Não esquecendo a premissa de que nem tudo o que reluz é ouro, percebemos que nem tudo o que se deseja pode ser feito.

Como em todas as fases da vida enquanto encarnados, tudo nos leva a agir diante e conforme o livre-arbítrio que cada um dispõe.

Perante essa especial premissa, diríamos que o livre-arbítrio nos leva a decidir os caminhos a trilhar. Consequentemente a tal liberdade de ação, colhemos exatamente o que nos compete, fruto do que fizemos.

É a ação e a reação como resposta a essa liberdade de interação com o meio, obedecendo ao sentimento maior que nos leva a agir mesmo diante e distante da expectativa dos genitores.

Assim se passa com os jovens, e até com as pessoas maduras, que atribuem a sua interação com o mundo, com as situações, como se fosse obra do acaso simplesmente, e não resultado dos atos gerados pelo livre-arbítrio.

Dessa maneira, entendemos que cada um colherá as consequências dos próprios feitos.

Percebemos que tudo concorre para que, após a ação, ocorra a reação e a colheita dos frutos desse ato impensado ou precocemente realizado.

Notamos, em nossa história, ocorrerem distintas ações do uso e do ganho da liberdade.

Em Fabrícia era arbitrário. Ela precisava ganhar a liberdade para não ser esposada por Antunes Philip.

Com Antony era diferente. A ambição e o orgulho concorreram para que ele passasse por cima até dos seus ideais, da educação e do amor maternos recebidos, para sair de casa.

Contrastes!

Antony não foi capaz de exteriorizar qualquer tipo de reação e, como consequência, não soube avaliar como seria a sua vida após a saída de casa e longe da família que tanto amava. Não conseguiu pedir perdão a sua mãe e decidiu sair pelo mundo, livre para conquistar o que tanto desejava. Não possuía a humildade aflorada, tampouco gratidão aos familiares.

Antony precisava realmente desse tempo para aprender que a vida é uma escola onde aprendemos as lições, muitas vezes a duras penas.

As dessemelhanças das razões entre ambos motivavam Fabrícia e Antony a desejar sair de casa e conquistar a liberdade.

Antony ainda estava na cozinha, saboreando a comida, quando Efigênia adentrou o recinto esbaforida.

— Antony, meu menino! — era assim que carinhosamente ela se endereçava aos filhos da querida Elísia.

— O que foi desta vez, Bá? — era assim que ele se dirigia a Efigênia.

— Pensou direitinho em tudo o que está para acontecer em sua vida? Aqui você tem de tudo! Tem o conforto desta bela casa, o carinho de sua mãe, a companhia dos seus irmãos, esta amiga que sempre lhe deu bons conselhos.

— Bá... Agora não tem mais volta.

— Como não tem volta? Não é verdade. Você ainda nem saiu daqui.

— É verdade. Ainda estou usufruindo disso tudo por mais alguns minutos.

— Deixe o orgulho que o fere de lado! — aconselhou Efigênia. — Quantas vezes eu pedi para que fosse mais humilde? Não sei a quem puxou esse “nariz empinado”, já que seus pais sempre foram simples e humildes...

— Bá. É de dentro de mim — sinalizou Antony. — Não tem jeito, é mais forte do que eu...

— Não vê que vai sofrer muito? Desde quando o orgulho sacia a fome, veste o corpo, dá carinho?

— Bá, minha amiga. Sei que estou sendo ingrato e insensato. Se continuar a falar assim comigo, é bem capaz que eu desista de sair de casa.

Efigênia tentou convencê-lo ainda mais, contudo, de balde os seus esforços, tudo foi em vão.

Antony fez outro prato de comida.

— Esta é minha última refeição nesta casa — comentou.

— Meu bom menino, pense direito.

O orgulho não o deixava voltar atrás em sua decisão.

— Não consigo, não dá mais...

Efigênia já havia esgotado os seus conselhos.

— Bem, se é isso realmente o que deseja, saiba que na sala estão as suas malas com as roupas que irá usar daqui em diante. Conserve-as, porque não sabe quando poderá comprar alguma peça nova. Leve este lanche para que possa usufruir quando este repasto tiver sido digerido. Nunca se esqueça deste endereço, porque aqui sempre terá uma família que o ama, esperando pelo seu retorno. Vá buscar o que precisa. Depois volte para continuar a ajudar sua mãe e seus irmãos nos negócios que seu pai deixou para vocês trabalharem.

— Pobre papai! Ah, se ele estivesse aqui agora...

Nesse instante, Efigênia falou muito brava:

— Ah! Se o seu George estivesse vivo, neste instante lhe daria uma surra memorável e o colocaria no seu lugar, trabalhando sem reclamar!

Antony arregalou os olhos ao ouvir as palavras de Efigênia falou e admitiu que ela estava realmente correta.

Envergonhado, o rapaz comentou:

— Você tem razão, Efigênia. O papai jamais admitiria que eu fizesse o que estou prestes a realizar. Ele desejava que os três filhos trabalhassem unidos nos negócios.

Antony ficou quieto, cabisbaixo, pensando em tudo o que estava prestes a fazer.

Depois da análise dos fatos e do seu comportamento, humildemente abraçou Efigênia. Admitia, pela primeira vez, que estava agindo exatamente ao contrário da forma que o seu pai amado tanto gostava e desejava para eles. Essa constatação o deixou mais maleável e arrependido.

— Efigênia, você me levou a perceber o quanto estava sendo infantil. Poderia me ajudar a retirar esse sentimento de posse que me incita a ações prejudiciais à união da minha família?

Abraçada a ele, Efigênia agradeceu mentalmente a Deus por ter iluminado a mente do rapaz e esclarecido do mau passo que ele daria se saísse de casa.

Ao mesmo tempo, Antony sentia-se pequeno diante do que fizera horas antes perante a mãe e os irmãos.

— Efigênia, como poderei olhar para a mamãe e para os meus irmãos? Eu os afrontei.

— Antony, você tem bom coração. Só tem que dominar esse gênio difícil que existe dentro de você, ou quer sofrer na vida e provar para você mesmo, a duras penas, que a sua família é o maior tesouro que possui? Ainda há tempo para voltar atrás.

— Efigênia, eu me indispus, causei aborrecimentos para a mamãe. Ela se cansou de mim! — disse o rapaz, aborrecido.

— Não se faça de vítima, Antony. Você reconheceu o erro. Tenha a certeza de que será muito bem acolhido por sua mãe e seus irmãos.

— Isso com toda a certeza acontecerá. O que eu acho difícil é ter de voltar atrás em tudo o que falei.

— Mais uma vez o orgulho a feri-lo! — advertiu Efigênia. — Deixe disso, meu menino! Às vezes, é preciso “engolir” o orgulho para poder compartilhar com os seus tudo o que a sua mãe disse. A união de vocês não é apenas o desejo dela e do seu pai, é o meu desejo também. Longe daqui irá sofrer muito e o preço desse orgulho será tão grande que será difícil apagar.

— Acredito que tenha razão, minha boa amiga.

— Eu entendo o que sente, Antony — solidarizou-se Efigênia. — Pode contar comigo enquanto Deus achar que esta pobre serva ainda pode ajudar a todos desta casa.

Antony olhou para ela e perguntou:

— Bá, nunca sentiu vontade de ter o seu próprio lar? Ter a sua família, os seus próprios “meninos”?

Sorrindo, ela respondeu:

— Ah! Meu menino! Não sei explicar direito. Só sei que não tenho ambições. Eu me contento em ajudar a sua boa mãezinha e vocês. Aqui sinto como se estivesse em minha própria casa, nada me falta e ainda por cima sou feliz morando e trabalhando com vocês. Lembra quando eu vim para cá?

Sorrindo, Antony falou:

— É claro que me lembro! A dona Clotilde a trouxe para cá para ajudar a mamãe assim que o papai teve a primeira crise de saúde. Eu era um moleque de calças curtas. Lembra que você brincava bastante comigo?

Por momentos Efigênia ficou calada, lembrando-se dos tempos bons e também difíceis.

— Você nunca quis encontrar os seus familiares? — continuou Antony.

— Antony, para dizer a verdade, na época em que os meus pais me levaram à casa da dona Clotilde, eles tinham a intenção de me deixar morando com ela. Disseram para ela acabar de me criar, pois não conseguiam manter o sustento de quatro filhos. Eu, sendo a filha mais velha dos quatro, poderia morar na casa da comadre deles, que cuidaria de mim. Poderia trabalhar para ela em troca da comida que iria receber.

— Meu Deus! Nunca imaginei que um pai e uma mãe pudessem fazer isso pelo filho!

— Pois é, como vê, a necessidade foi um fator preponderante. Foi questão de sobrevivência — refletiu Efigênia. — Sabe que não sinto mágoa deles? Hoje eu sei que fizeram o que acreditavam ser o melhor para mim.

— Você nunca os visitou desde aquela época?

— A dona Clotilde me disse que eles voltaram para as terras de onde vieram e nunca mais teve notícias deles, nem sequer o paradeiro. Nem sei se estão vivos ou já morreram...

— Que triste a sua vida, Bá... E eu aqui reclamando por tão pouco... Poder e posse, orgulho, ambição... E você sem ter o pão para comer...

— É por isso que estou tentando lhe mostrar que o outro lado pode ser muito pior, muito difícil. Com vocês encontrei a minha verdadeira família. Aprendi a gostar de vocês como os “meus meninos”, a respeitar o senhor George que, com os cuidados de sua mãe, conseguiu, mesmo doente, viver por muitos anos. Ainda bem que ele a ensinou a gerir os negócios.

— É verdade, Bá. A mamãe entende dos negócios e trabalha firme como se fosse o papai no comando.

— Dê muito valor a ela — aconselhou Efigênia. — Na época em que vivemos são raríssimas as mulheres que comandam os negócios de família. Quer um conselho de amiga?

— Pode falar, Bá.

— Como amiga de sua família, peço que vá até a oficina e peça desculpas à sua mãe e aos seus irmãos. Lembre-se de que tudo pode ser ainda pior. Deixe de lado os seus sonhos de comandar os negócios. Confie na sua mãe, pois quando ela concluir que cada um está apto para desempenhar a sua função, ela o fará.

— Você está certa...

— Enquanto isso, demonstre para sua mãe a gratidão que sente por ela e pela família. Nunca mais deixe que o orgulho e a ambição o tornem uma “ovelha negra” da família. Isso só o fará infeliz. “Engula” o seu orgulho e a sua ambição para o seu próprio bem. A humildade é a maior virtude de uma pessoa. Reconhecer que errou já é um bom caminho para recomeçar o convívio frutífero com os seus.

— Realmente, Bá. Você me diz exatamente as palavras que preciso ouvir — concluiu Antony. — É engraçado, quando você me diz essas verdades, eu não acho ruim contigo. Agora, se elas forem faladas por outra pessoa, o sangue “sobe à cabeça” e eu falo e faço coisas das quais me arrependo depois.

— Então vá. Ainda há tempo para trabalhar mais um pouco.

Antony abraçou a amiga e beijou sua face.

— Obrigado, Bá. Você é uma pessoa excepcional. Obrigado por tudo. Acho que você tem mesmo razão. Preciso crescer e amadurecer o modo de ser e pensar. Não posso agir por impulso, preciso pensar mais antes de agir.

— Conte sempre comigo, meu menino.

— Ainda bem que você existe nesta casa!

Antony falava e andava rumo à porta da sala como se fosse uma criança, de tão alegre.

Ao sair, bateu à porta e do lado de fora disse:

— Obrigado, Bá! Você é sensacional!

Efigênia agradecia a Deus e a Jesus por terem ajudado nessa mediação, interferindo e enviando bons fluidos para que a harmonia se fizesse na vida deles e em suas mentes.

Ela não conseguiu enxergar nem sentiu a presença de George, em espírito, enquanto conversava com Antony. Em outras ocasiões, porém, já havia percebido a presença dele na casa.

O que ela não sabia é que, durante a conversa com Antony, George estava presente, perto dela, induzindo-a com os melhores pensamentos, a fim de que o “seu menino” pudesse ouvi-la, levando-o a mudar de decisão.

George estava agradecido a Deus e aos bons espíritos pelo auxílio realizado ao filho querido.

Nesse instante, os espíritos bondosos se preparavam para ir a outro local que necessitava da intervenção deles. Preparariam o ambiente de trabalho

de Elísia e dos filhos, estimulando-os a aceitar Antony de volta ao seio familiar, sem ressalvas.

Elísia estava na sala do escritório, muito triste pelo desfecho ocasionado pela intemperança do filho caçula. Pedia a Deus que a perdoasse por ter agido tão firmemente com Antony, mas ao mesmo tempo sabia, dentro de si, que ele precisava passar por uma lição.

Falando baixinho, desabafava:

— Ah! George! Que falta você me faz! No seu tempo os nossos filhos nos obedeciam e não questionavam, tampouco almejavam ocupar o seu lugar. Agora está sendo uma carga pesada demais para que eu a carregue sozinha. Não sei se vou aguentar muito tempo ocupando este lugar que é seu, passando por cima de tantas situações que me deixam triste! A sociedade, os olhares daqueles que dizem que lugar de mulher é dentro de casa, ser firme com os funcionários, com os filhos... Tudo o que está fora de nossa família não machuca tanto quanto a ingratidão do nosso querido Antony.

Elísia começou a chorar só em pensar que, naqueles instantes, seu filho caçula estaria passando pelas primeiras dificuldades de sua vida. Mal sabia que ele estava mesmo passando por dificuldades, que representavam apenas as questões interiores que deveriam ser vencidas, como o orgulho que assolava as suas fibras mais íntimas.

Antony chegava às imediações do prédio onde ficavam as oficinas. Nesse momento, George e os bons espíritos aplicavam passes energéticos em Elísia, que se sentia bem melhor.

Ela enxugou as lágrimas e um pensamento passou pela sua mente, como se alguém estivesse ao seu lado dizendo:

“Querida, tudo ficará bem. Fortaleça-se em sua fé. Deus a guiará. Continue o nosso trabalho tendo os filhos ao seu lado. Eles precisam de você.”

— Meu Deus! George, você está aqui? — disse, espantada.

Elísia estremeceu. Estava com o corpo arrepiado. Sentia que as energias enviadas para ela eram de George. Era uma mensagem de conforto e esperança, que lhe permitia a segurança para enfrentar o que aconteceria logo a seguir.

Mentalmente agradeceu a Deus por ter permitido receber o auxílio do seu querido companheiro e esposo, pai amoroso de seus filhos.

“Obrigada, George, por mais uma vez me ajudar. Eu o amo, continuo a amá-lo. Você não imagina o que aconteceu...”

Repentinamente ela ouviu alguém bater à porta.

Imediatamente se refez daquele breve período de alegria, de gratidão a Deus por George, seu amado, em espírito, vir dar-lhe forças e encorajá-la.

Como um presente divino, viu a porta ser aberta pelos três filhos, que adentravam o recinto radiantes.

Elísia sorriu e falou:

— Que maravilha vê-los reunidos novamente!

Antony a abraçou e a emoção tomou-lhe o ser.

— Mamãe, desculpe-me por ter agido daquela forma com a senhora. Ajude-me a melhorar este gênio ruim que tenho. Eu amo muito vocês. Ainda me aceita no trabalho de antes?

Elísia, totalmente feliz, chamou-os e disse:

— Obrigado, meu Deus! Os meus três filhos novamente juntos! — agradeceu, emocionada, e abraçando-os continuou: — Antony, meu filho, sabemos que todos temos as nossas imperfeições. Não podemos nem devemos deixar que essas imperfeições se avolumem ao ponto de atrapalhar a relação familiar e do trabalho, trazendo prejuízo a tudo o que o seu pai conquistou arduamente. Continuaremos a ser fortes como antes e estaremos mais unidos ainda, porque aprendemos as lições mais difíceis, as de dentro de nós. Trazemos em nosso interior os bons e os maus sentimentos. Lembremos que os maus devem ser extirpados, pois foram motivos da nossa derrocada moral em outras vidas.

Antony surpreendeu-se com as palavras proferidas pela mãe e perguntou:

— Mamãe, a senhora acredita mesmo que tenhamos vivido outras experiências em épocas remotas?

— Filho, acredito que Deus é tão justo ao ponto de nos dar uma segunda, uma terceira, uma milésima oportunidade de nascer novamente para superar, retirar de nós as más tendências.

— Mas, mamãe, se o corpo morre e vira pó, o que sobrevive após a morte?

— Acredito muito que a nossa essência, o espírito, sobreviva a tudo — ponderou Elísia. — Porém, ele carrega consigo as impressões, os registros do que fizemos em todas essas oportunidades ao nascer de novo.

— Mas, mamãe, de que jeito nascer de novo? — insistia Antony, curioso.

— Meu filho, não é justamente o corpo que já morreu que vai renascer e, sim, o espírito que vai reencarnar. Ele renasce em outro corpo. É uma nova chance de viver na Terra e melhorar-se como espírito e no aspecto moral também.

Antony ficou quieto por um tempo e questionou:

— Como a senhora sabe de tudo isso, se a nossa religião diz outra coisa?

— Meu filho, as religiões são interligadas em muitos pontos, mas divergem no aspecto referente à reencarnação do espírito. Umas creem na ressurreição, que antigamente tinha o mesmo sentido de reencarnar, ou seja, o espírito nascer de novo. Tudo isso não vem ao mérito da questão. Hoje eu tive a prova viva de que o seu pai vive em espírito.

Joseph iluminou-se de alegria e perguntou:

— A senhora quer dizer que o papai esteve aqui?

— Sim, meus filhos. Ele disse palavras que jamais esquecerei — lembrou Elísia, emocionada.

Os três, curiosos em saber qual havia sido a mensagem do pai, perguntaram:

— Mamãe, quais foram as palavras do papai?

— Calma, meus filhos. Ele disse mais ou menos assim: “Querida, tudo ficará bem. Fortaleça-se em sua fé. Deus a guiará. Continue o nosso trabalho tendo os filhos ao seu lado. Eles precisam de você.”

Nesse instante, os três choraram de felicidade e de saudade ao mesmo tempo.

Antony, colocando a mão no bolso, retirou a quantia de dinheiro que a mãe lhe havia dado e, entregando-a na mão de Elísia, falou:

— Mamãe, eis o dinheiro que me deu. Não o contei, mas a senhora sabe o valor total, pode conferir. Eu a magoei, assim como os meus irmãos. Peço que me desculpem pelo que fiz. Prometo que vou tentar mudar o que vai dentro de mim e, para que isso aconteça, peço que não meçam esforços em me ajudar, chamando-me à razão a cada vez que as más tendências queiram tomar o lugar em minha vida novamente.

Os irmãos compreenderam e perdoaram a atitude dele.

— Filho, para mim não foi fácil agir daquele jeito com você, mas se preciso for, chamarei a sua atenção novamente para o próprio bem do nosso

convívio familiar, assim como no trabalho — disse Elísia.

— Mamãe, agradeço o seu perdão. A partir de hoje tentarei ser mais humilde, como sempre me pediu.

Do alto, acompanhando o desenrolar daquele encontro, George dizia para o bom espírito que o acompanhava:

— Graças a Deus tudo terminou bem.

— É verdade, George. Você soube preparar muito bem Elísia para substituí-lo antes que retornasse para cá.

— Elísia é uma mulher firme, de fibra. Os filhos saberão obedecê-la, além do mais, você viu que ela percebeu que eu estava ao lado dela?

— Sim. George, o que ela disse aos filhos foi exatamente o que você pensou.

— Sim, amigo. Eu enviei o meu pensamento e ela o captou com a maior clareza!

— George, a mediunidade de Elísia demonstra estar cada vez mais a florada!

— É verdade, meu amigo, e estou preocupado com isso. Assim como ouviu os meus conselhos, ela também poderá ouvir outros espíritos, não é?

— Com certeza. Ela precisará estudar e entender como tudo isso se processa. A comunicação entre encarnados e desencarnados exige estudo, discernimento, muita atenção, para que tudo aconteça da melhor maneira possível, de modo seguro para ela.

— Meu Deus! Por favor, ajude Elísia para que não caia nas tramas do alheio!

— Vamos procurar observar melhor o rumo a que tudo isso caminha. Precisamos colocar a pessoa certa na vida de Elísia para que ela entenda como tudo isso acontece e se torne uma medianeira responsável, tendo o discernimento do certo e do errado.

George e os bons espíritos ficaram mais algum período de tempo ao lado dela e dos filhos antes de partirem para a colônia espiritual da qual vieram com o intuito de ajudá-los nesse entendimento familiar.

Enquanto isso, Efigênia recolocava as roupas de Antony no armário e nas gavetas, sempre cantarolando uma música religiosa. Ela estava feliz e sabia que tudo iria dar certo. Sentia dentro de si uma sensação única de bem-estar, de alegria.

Pessoas da estirpe de Efigênia, que fazem da vida um ato de amor e de doação ao próximo, precisam de muita devoção, altruísmo, resignação e paciência, confortando ora um, ora outro — e sabemos que ela teria todos os motivos para agir diferentemente.

É um exemplo de espírito resignado, que encontrou os afetos anteriores necessitados do seu auxílio.

Assim é a vida, um encontro diário com pessoas que, mesmo desconhecidas, traduzem afeição e carinho por alguém que viram pela primeira vez. Mistérios para quem não crê em vidas anteriores, porém aqueles que creem na reencarnação entendem tratar-se de espíritos simpáticos entre si, afins até, desde as eras mais remotas.

Assim classificamos Efigênia em relação à família de George e assim constatamos diariamente muitas outras pessoas como ela no nosso dia a dia.

## Capítulo VI

### A origem

Encantadoramente, Elísia realizava, à semelhança de Jesus, o seu calvário na Terra, com amor, fé e dedicação aos seus. Não à grande família, a humanidade, a exemplo de Jesus, mas propriamente na família que Deus lhe confiou para que pudesse ajudá-los nos percalços e dificuldades.

Amava verdadeiramente seus filhos e pretendia fazer deles homens bons perante eles próprios e a sociedade reinante nesse território da Normandia, que fora palco, muitos anos atrás, de guerras e conquistas materiais.

Elísia queria que eles fossem criados de acordo com os costumes e pontos de vista que George trouxe consigo das tradições de sua família, vinda de país vizinho.

Unidos nesse país existiam clãs diversos, respeitando mutuamente as particularidades que cada um deles trazia de sua origem. Porém, um aspecto relevante há de se levar em conta. As conquistas territoriais remetem à origem desses povos fortes, representam sua marca. São capazes de ir às últimas consequências para conseguir o que almejam.

Estamos falando dos vikings, conquistadores fortes, pertinazes, exploradores dos mares bravios. Realizaram expedições e conquistaram vários territórios, rendendo lembranças e contos que fazem parte e ajudam a manter viva a sua história.

Elísia era descendente direta de um deles, um povo forte que lutava por seus ideais. Ela era igualmente forte, corajosa. Enfrentava a sociedade local e seus costumes arcaicos para permanecer à frente dos negócios da família.

Elísia também lutava bravamente contra os males que o filho caçula trazia consigo. E conseguiu trazê-lo de volta à realidade, com o auxílio da fiel colaboradora Efigênia, tendo os bons espíritos a lhes ajudar.

Tudo colaborou para que Antony desse o passo inicial para vencer o orgulho primeiramente e voltasse atrás em sua decisão. Incluímos aí a humildade, tímida no início, que começava a fazer parte da vida do rapaz.

— Que bom! Que maravilhosa cena nós pudemos observar! — dizia George ao bom amigo Nicodemos, que o auxiliava no Plano Maior.

— É verdade, George! Você percebeu o quanto Efigênia, com seu amor e dedicação pelos seus, foi capaz de promover em Antony uma mudança de ideia?

— Sabe, amigo, tenho uma curiosidade dentro de mim.

— Fale, George. Diga o que o preocupa tanto.

— Nicodemos, sabemos que em nosso lar acolhemos espíritos simpáticos, afins, e também outros que precisam de auxílio, como no caso de Antony.

— Isso está correto.

— Pensando em tudo isso, às vezes fico me questionando sobre a nossa ligação espiritual com Efigênia. Ela chegou mocinha em casa e, a partir de então, nos elegeu como a sua família, não medindo esforços para nos ajudar. Você viu a dedicação que ela tem por nós e o amor por Antony.

— Parece que você já respondeu a sua pergunta...

— Não entendi, Nicodemos.

— Pense um pouco, amigo.

George refletiu por alguns instantes e sorrindo para o amigo comentou:

— Deus é a perfeição mesmo! Será que estou certo?

— Diga: o que pensou?

— Penso que acolhemos em nosso lar uma pessoa fantástica que tinha ligações do pretérito com Antony, nosso filho de sangue — concluiu George.

— Parece-me ser exata a sua conclusão. Percebe os meios de que Deus se utiliza para realizar a programação anterior?

— É fantástico! Antony, meu filho, ter ligação do pretérito com Efigênia. Essa pessoa que nos faz tanto bem.

— Percebe que você colaborou com o plano divino, acolhendo primeiramente o espírito devedor de Antony como seu filho, doando o material genético juntamente com Elísia? — refletiu Nicodemos. — E, posteriormente, acolheu Efigênia, espírito bondoso que, por vias extremas e maravilhosas, chegou até vocês para ajudar o espírito querido de Antony a desvencilhar-se de suas más tendências? Antony e Efigênia são devedores mútuos e nesta reencarnação ela não teria condições de cuidar dele como filho, uma vez que na encarnação anterior privilegiaram o orgulho e a

ambição, o que resultou na derrocada moral deles. Nesta oportunidade reencarnatória, Efigênia nasceu em um lar sem condições de criá-la. Seus pais eram simples, humildes e preferiram dá-la a outra pessoa, que a criou e depois a levou até vocês, onde aconteceu o encontro tão programado no Plano Espiritual — e após uma breve pausa, Nicodemos concluiu: — O reencontro deles não foi o único.

— Não estou entendendo...

— George, a ligação que os une a Efigênia é muito mais intensa do que possa imaginar.

— Por favor, Nicodemos, explique. Então quer dizer que a ligação não se restringe apenas a Antony?

— Diretamente é com ele, sim, porém em anteriores reencarnações todos já conviveram como parentes simpáticos.

— É por isso que todos gostam dela como se fosse pessoa da família? — questionou George.

— Sim. Se pensarmos que estamos incluídos na grande família de Deus, ou seja, todos somos irmãos, temos a certeza de que Efigênia já conviveu com vocês em outras circunstâncias familiares. É só isso o que posso esclarecer por enquanto.

— Nicodemos, eu agradeço o seu esclarecimento. Nunca imaginei que Antony, o meu filho, fosse tão próximo a Efigênia.

— George, nós apenas temos a confirmação disso tudo quando estamos deste lado. Somos esclarecidos através dos registros que cada um de nós possui e os nossos benfeitores são capazes de nos auxiliar.

— Isso quer dizer que, enquanto encarnados, de nada nos lembramos? — refletiu George.

— Normalmente, não — ponderou Nicodemos. — Apenas em situações excepcionais recebemos algum tipo de esclarecimento dos espíritos benevolentes, não para saciar a curiosidade, mas para atuar no auxílio de uma pessoa que apresente algum traço de comportamento difícil.

— É por isso que mais uma vez devo agradecer a Deus. Como sou devedor de suas benesses!

— Eu posso dizer que talvez não seja um devedor, e sim um merecedor.

— Mesmo assim, o que fiz para merecer tanta ajuda divina? — indagou George, confuso.

— Isso eu não posso explicar. Com o tempo você irá descobrir sozinho...

— Não ficarei curioso para descobrir. Sabe, Nicodemos, não há maior presente para mim do que ver a minha família em harmonia novamente, ver a paz reinando no meu lar. O que fiz, já passou. Se um dia eu puder ser esclarecido ficarei feliz, mas a minha maior alegria é saber que os meus estão bem.

Enquanto conversavam, Nicodemos e George caminhavam em uma praça muito bela, onde havia muitas flores com cores exuberantes e fragrâncias nada comparadas às terrenas.

No plano espiritual tudo é esplêndido, maravilhosamente confeccionado pelo maior artesão divino: Deus!

Toda a pureza, o melhor que possa existir, situa-se nos planos espirituais. E o homem merecedor de estar nesse local pode prestigiar a sua criação e nele trabalhar, estudar, entender os porquês nos diversos departamentos de ensino, de estudo, de atendimento fraterno, entre outros meios existentes nas diversas colônias espirituais que fazem jus àquele que pode nelas se comprazer, participando desse belo segmento do plano maior.

Contudo, podemos dizer que nem tudo são flores no plano espiritual. Os indivíduos moralmente mais inferiores, ligados aos vícios, ao mal, habitam um espaço e têm companhias correspondentes ao que fizeram enquanto encarnados.

É triste constatar que muitos desencarnados, endurecidos em sua maneira de ser, de viver, sempre ligados ao mal, aos vícios, tanto de pensamentos inferiores quanto na condução de seus atos, desperdiçaram a oportunidade reencarnatória neste planeta escola, onde o aprendizado profícuo no bem muito os ajudaria a elevar-se moralmente.

A evolução depende exclusivamente de cada indivíduo esforçar-se para ser melhor moralmente. Sabemos que a luta interior é imensa, porém a vida nos mostra os pontos que precisamos melhorar em nós.

É melhor ouvir a voz do coração e da razão para fazer desta passagem a melhor de sua vida eterna, corrigindo os registros reencarnatórios impregnados no espírito, para, assim, não perder tempo nesse proceder ascensional do espírito.

Precisamos da família, dos anjos guardiães, dos espíritos protetores a nos auxiliar através das intuições, a fim de que possamos caminhar pelas

veredas corretas do bem e do amor ao próximo. O objetivo é evoluir moralmente e extirpar de nós os maus sentimentos que ainda nos fazem arrastar pelo mal.

Essa equipe maravilhosa, de imenso valor, nos auxilia diariamente para podermos ser melhores.

No caso de Antony, além da família terrena, dos espíritos de valor que auxiliam a todos, ele possuía Efigênia, cuja missão premente era ajudá-lo na ascensão espiritual e moral.

Percebemos de quantos recursos Deus se vale para que cada um possa melhorar moralmente e evoluir. E nessa evolução, todos procuramos nos situar de alguma maneira sempre procurando auxiliar, ora um, ora outro, ora aquele que nos pede auxílio, ora aquele que não pede, porém sabemos o quanto precisa.

Assim é a vida. Evoluir sempre! Mesmo que, se preciso for, o aprendizado se realize pelas vias da dor, e através do sofrimento no próprio corpo, obtenha-se o reconhecimento, o aprendizado necessário para tornar-se uma pessoa melhor, mais humilde, caridosa, que tenha compaixão pelo próximo e espalhe a todos o quanto Deus é importante em nossa caminhada.

Com isso, cada pessoa pode demonstrar a mudança de paradigmas nos atos e que a pureza no coração é o princípio fundamental para a bondade e a benevolência.

Tornar-se melhor moralmente deve ser o propósito de todos aqueles que acreditam em Deus, que são cristãos.

Nesse retorno às origens, percebemos o quanto devemos necessariamente procurar a nossa melhora pessoal. Por isso, o papel fundamental que o livre-arbítrio exerce.

Traduzindo em palavras simples, a realidade individual demonstra o patamar evolutivo em que cada um se situa. É questão de observação apenas, pois a constatação se dá através de atos, atitudes, palavras que se diz, assim como dos sentimentos que emanam do coração.

Basta observar criteriosamente para perceber não somente quem é, mas também as companhias espirituais que cada um possui naquele determinado momento.

São as afinidades! Espíritos afins, bons ou ruins! Tudo depende de cada encarnado saber posicionar-se no lugar que o leve a ser alguém melhor.

Após essas constatações e esclarecimentos, percebemos que é preciso, com urgência, explicar a posição da Elísia no lar. Ela reencarnou em uma família que daria a estrutura firme de que necessitava para enfrentar todos os embates que a vida lhe proporcionaria. Sempre confiante em Deus, não se surpreendia com os períodos difíceis da vida, buscando forças na fé, tornando mais leve o jugo para poder, mais fortalecida, superá-los sempre.

A família de George mais uma vez vence os problemas advindos do interior de cada um.

## Capítulo VII

# Os sentimentos

A força, a confiança e a fé em Deus fortaleceram Elísia. Ela obteve a ajuda de Efigênia que, conversando com Antony, mostrou-lhe amorosamente o valor da vida, da bela família que ele possuía. Dessa forma, percebeu aflorar nele a humildade para que pudesse retornar ao seio familiar, com sensível melhora na maneira de pensar e de agir.

Elísia olhava do mezanino os filhos trabalhando como de costume nas oficinas. Sua impressão era que aquele grave incidente em suas vidas nem sequer acontecera.

Agradecia a Deus por poder contemplar novamente aquela cena que tanto a alegrava. Admitia que, naquele dia, constatara que Antony amadurecera ao repensar suas atitudes. Pedia a Deus e a seu espírito protetor que continuassem a protegê-lo, assim como aos outros filhos que tanto amava e com os quais não tinha qualquer outro tipo de preocupação séria.

Joseph nada contou a sua mãe sobre a misteriosa donzela que vira várias vezes na capela.

Por um momento, enquanto trabalhava, Joseph pensou com tristeza naquela pessoa que não possuía a liberdade de sequer mostrar o rosto, sempre coberto pelo véu branco de rendas.

Ele se indagava quanto ao paradeiro dela.

“Por onde andaria aquela donzela misteriosa?”

Tentava entender o porquê de nos últimos anos não mais tê-la encontrado no mesmo local onde a tinha visto, despertando a sua curiosidade. Chegou à conclusão de que talvez ela tivesse mudado para outro lugar ou até se casara.

Joseph continuava a indagar-se.

“Será que ela foi prometida para casar-se com alguém? Quem seria esse rapaz?”

Sabia que, pelo coche que utilizava para ir à igreja, deveria ser de uma família de posses.

Aqueles pensamentos interromperam seu serviço e ele começou a olhar para o infinito. Respirou fundo e voltou ao trabalho, sem perceber que havia chegado um freguês. Aliás, era um freguês especial, acompanhado por um senhor de estatura alta, bem-vestido, aristocrata da mais alta sociedade.

Não era preciso dizer nada, tudo era visível.

— Senhor! Senhor!

Ouviu o chamado do jovem e quase não acreditou que à sua frente estavam pessoas tão especiais do ponto de vista econômico e social.

— Sim, desculpe-me, senhor, o que deseja? — respondeu Joseph, recompondo-se rapidamente.

— Por favor, desejo que faça para este jovem um calçado que seja um modelo bem clássico, para que possa usá-lo no dia do seu casamento. Desejo vê-lo bem-vestido. Por isso, os sapatos precisam ter um acabamento perfeito.

— Pois não, eu tenho alguns modelos propícios para essa ocasião. Vou buscá-los. Dê-me licença, por favor.

Em pouco tempo Joseph retornou com alguns pares de sapatos que foram feitos para servir de modelo na vitrine. Caso o freguês se interessasse por alguns deles, tomaria as medidas do interessado para que pudesse vir buscar a encomenda após alguns dias. Era o procedimento habitual de Joseph.

Pousou as caixas sobre o balcão e retirou delas os calçados, colocando-os um ao lado do outro.

O jovem freguês imediatamente interessou-se pelos modelos expostos.

Joseph estranhou, a princípio, os trejeitos e os modos do rapaz, porque não condiziam com o vozeirão do pai, que tentava afirmar seu machismo, enquanto o filho demonstrava sensibilidade excessiva nos modos de falar, até nos gestos, ficando patente que era de um comportamento distinto. Era um rapaz “delicado”, como diziam naquela época.

Nesse instante, o pai do rapaz asseverou:

— Filho, escolha logo o modelo que deseja usar no dia do seu casamento.

— Papai, todos são lindos! Está difícil escolher.

O rapaz segurava um par de sapatos na mão, olhava-o, depois pegava outro par, e outro, fazendo a mesma coisa.

Por fim, olhou para o pai e disse:

— Papai, eu não sei qual levar, todos são lindos! Ajude-me a escolher.

Já sem paciência, o pai esbravejou:

— Basta! Por mim você leva este modelo e pronto! É mais masculino, propício ao seu casamento.

— Ah, papai! Este é mais delicado, eu adorei! — falou apontando para outro par de sua preferência.

— Este não! De delicado já chega você — e olhando para Joseph, o pai ordenou: — Meu rapaz, pode tirar as medidas do modelo que escolhi.

Joseph precisou se conter para não rir da situação criada pelos inusitados clientes.

— Pois não, senhor. Vou preparar o modelo que escolheu.

Após separar o par de sapatos na caixa, Joseph pediu que o rapaz o acompanhasse até a cadeira onde ele poderia sentar-se enquanto anotava as medidas do seu pé.

Joseph indicou ao pai do rapaz que se sentasse na cadeira ao lado, para que pudesse esperar com mais conforto.

Após acomodar-se, o exigente senhor finalmente se apresentou, dizendo:

— Sou o senhor das terras próximas ao rio. Posso muitas terras. Pode me chamar Monsieur Konstantini.

— Sim, Monsieur Konstantini, sou Joseph, muito prazer.

Enquanto isso, o jovem Antunes Philip, ou melhor, Philip, como gostava de ser chamado, mostrava-se ansioso.

— Philip, não é preciso demonstrar tanta alegria assim — reclinou Monsieur Konstantini.

— Mas, papai, eu sinto cócegas na sola do pé, o que vou fazer? — ponderou o rapaz.

Joseph sorria e achou melhor colocar o modelo pronto no pé do rapaz para que ele pudesse observar as medidas, sem precisar anotá-las.

— Por incrível que pareça este sapato é do seu tamanho. Não está apertado, Philip?

— Nem um pouco! Está perfeito em mim. Até parece o sapato de cristal da Cinderela...

— Meu Deus! Cale-se Philip! Eu não suporto o seu bom humor... — esbravejou o pai, em tom de censura.

Joseph tentou contornar a situação.

— Monsieur Konstantini, Philip deve estar muito feliz! Afinal, ele vai se casar. A noiva deve ser muito bonita!

— É sim — confirmou o pai. — Ela é a donzela mais bonita, mais pura que já conheci. Está prometida para casar-se com Philip há sete anos. Acredita que durante todos esses anos ela não saiu mais de casa?

Joseph ficou ainda mais interessado em saber quem seria a moça destinada a casar-se com Philip, esse rapaz que aparentava ser tão imaturo, tão infantil ainda!

— Fico contente em saber que nos dias de hoje ainda existam moças puras, reservadas... — comentou Joseph.

— É o que sempre falo para Philip. Ele tem de cuidar bem dela, pois moças assim são difíceis de encontrar.

— Parabéns pela escolha, Philip. Espero que seja muito feliz com ela.

O jovem quis dizer alguma coisa, porém o pai antecipou-se e respondeu por ele.

— Será feliz, sim. Só não o será se não quiser. Ai dele se fizer algo que dê motivos para separação.

Joseph percebeu que não lhe cabia entrar nos pormenores, nos problemas daquela família.

— Philip, como se sente com o calçado no pé? Ande um pouco com ele para que eu saiba se aperta em algum lugar — orientou Joseph.

O rapaz ficou de pé e deu alguns passos sobre um tapete colocado nesse local de provas. Parou diante de Joseph e falou:

— Tem outro sapato deste modelo?

— Não, ele é único. Eu o terminei na semana passada. Ainda não fiz outro igual.

— Melhor, então. Papai, este par é o único da criação deste rapaz. Pode comprar para mim?

Já cansado das atitudes do filho, Monsieur Konstantini voltou-se para Joseph e exclamou:

— Meu rapaz, eu sei que não é costume vender o modelo, ainda mais quando não se deixou nenhuma cópia para guardá-lo. Eu pago o preço que você quiser se me vender esse par de calçados agora.

— Por favor, Monsieur Konstantini, vou perguntar para a pessoa responsável se posso vendê-lo e qual valor devo cobrar.

Joseph levou o par de sapatos até Elísia, que observava a cena com discrição.

— Filho, eu não quero cobrar abusivamente, mas a sua criação está excepcional! Que lindo par você fez! Está de parabéns. Cobre o dobro do que vale. Se ele gostou tanto assim do modelo, pagará sem reclamar. Perceba que ficará sem o seu modelo.

— Está bem, mamãe, é isso o que vou fazer.

Em pouco tempo, Joseph retornou com os sapatos na caixa e tentou explicar a Monsieur Konstantini o porquê do preço cobrado. O austero senhor começou a rir.

— Meu jovem, você está sendo muito modesto. Por uma criação única você poderia cobrar muito mais. Vou lhe pagar o triplo do que vale normalmente.

— Monsieur, é muito...

— É o valor razoável, se bem que só o fato de que já estou levando o sapato, que ficou bem nos pés do meu filho, já compensa muito. O seu trabalho é muito bom. Parabéns! — elogiou Monsieur Konstantini.

— Está bem, se é o que deseja, eu aceito o que vai me pagar — consentiu Joseph.

Konstantini tirou do bolso a carteira de couro e pagou o preço que estipulou pela obra-prima.

Joseph embrulhou a caixa de sapatos em um papel especial e entregando-a a Philip, disse:

— Parabéns pelo seu casamento, rapaz, Seja feliz.

Joseph agradeceu a gentileza de Monsieur Konstantini e os dois deram um aperto de mãos ao se despedirem.

Konstantini deu dois passos em direção à porta e retornou perguntando discretamente:

— Joseph, quem é aquela bela senhora com quem acertou o preço do calçado?

Joseph sentiu uma pontinha de ciúmes.

— É a dona destas oficinas. É a minha mãe.

Monsieur Konstantini corou com a resposta.

— Bela mulher! Desculpe-me o abuso em lhe dizer isso. Não estou faltando com o respeito. Adeus, meu rapaz.

— Adeus, Monsieur Konstantini.

Nunca Joseph desejou tanto em sua vida que uma pessoa saísse da loja tão rápido. Se os seus olhos pudessem dizer algo, certamente diriam que sentia ciúmes de sua mãe e não desejaria que aquele senhor retornasse à loja.

Não deseja vê-lo novamente, jamais.

Guardou o dinheiro no caixa e colocou os modelos não escolhidos na vitrine.

Sentiu por aquele homem algo de que jamais gostou. Admitiu que ele pagaria o preço que quisesse e fosse preciso para obter o par de sapatos. Isso não era bom.

Com esses sentimentos ruins, Joseph procurou não deixar que ninguém percebesse o que sentia naquele momento. Tinha vergonha do que estava pensando e ao mesmo tempo não gostaria de ver aquele homem envolvido com a sua mãe.

Por vezes, a vida nos mostra os lados que não desejamos ver. Porém, é preciso adaptar-se e saber solucionar as questões da melhor maneira possível. Ter consciência que “ninguém é dono de ninguém” já ajuda.

## Capítulo VIII

### As dificuldades de Philip

Os acontecimentos durante a conversa com o ilustre freguês trouxeram a Joseph um sentimento de posse que ele ainda desconhecia. Jamais percebera anteriormente a existência desse tipo de sentimento em relação a sua mãe.

Esse fator tão forte o deixou cabisbaixo, pensativo. Até então, sua vida era despreocupada nesse sentido.

Sabia perfeitamente que Elísia nunca havia permitido que alguém se aproximasse dela com segundas intenções, a não ser comerciais, e que o respeito de todos por ela era imenso.

Toda a comunidade conhecia suas lutas diárias e o esforço que empregava para levar adiante as oficinas que George deixara em suas mãos antes de falecer.

Joseph estava quieto, triste, porque percebeu que aquele era um homem obstinado e que pagaria qualquer preço para alcançar seus objetivos.

Assim aconteceu com a compra do par de sapatos, e assim seria para conseguir o que mais desejasse.

Percebeu também que Konstantini faria tudo o que estivesse ao seu alcance para que o bom nome da sua família continuasse a existir naquela sociedade, falida nos aspectos morais, quiçá nos religiosos também.

A fama do comportamento de Philip corria de boca em boca naquele vilarejo que aumentava consideravelmente e, em breve, se transformaria em um ponto comercial de importância chave para a região. Uma bela cidade, incrustada em região lindíssima, tendo ao norte as mais belas paisagens do país.

Nesse ponto, Joseph concluía que Monsieur Konstantini não mediria esforços para que Philip se casasse com aquela donzela pura e bela, de que tão bem ele falou, somente para que o povo esquecesse os trejeitos do filho.

Philip sofria com o descaso do pai. Nascera assim, sensível. E ninguém o compreendia. Ele não sabia por que era daquele jeito, com pensamentos diferentes dos outros rapazes, filhos dos empregados do seu pai.

Lembrava-se do tempo de criança. Nunca gostou de estar junto dos meninos que brincavam jogos brutos, mesmo que o seu pai fizesse questão que ele passasse algumas horas do dia em companhia desses garotos.

Konstantini dizia para a sua esposa, enquanto viva:

— Eleonora! Este menino tem que aprender a ser homem! Não o quero “debaixo de suas saias” vendo-a ler livros, bordando...

A mãe sofria em silêncio, porque sabia que Philip nascera assim, muito sensível. Ela possuía uma saúde frágil e não ligava para os rompantes do esposo. Passava os seus dias fazendo o que mais gostava: dava atenção ao filho, contava histórias no seu universo particular e era feliz.

Falava ao filho das longas viagens dos seus antepassados longínquos: os vikings. Dizia o quanto eram corajosos e destemidos e Philip sempre mencionava que um dia gostaria de fazer uma longa viagem no mar, como os antepassados de sua mãe fizeram.

Philip gostaria de poder livrar-se do jugo paterno, mas ainda dependia totalmente dele no aspecto econômico.

Monsieur Konstantini sempre levou adiante os seus negócios tendo uma pessoa de sua total confiança à frente: Bernard, que era filho do seu melhor empregado e executava perfeitamente o papel de auxiliar o chefe em tudo o que fosse necessário para tornar mais fácil a administração de suas posses.

Quando Eleonora partiu para o Plano Maior, deixou seu filhinho querido nas mãos da governanta Aída, que acabou de criá-lo. Nessa época, Philip estava por completar seis anos de idade.

Quanto tempo se passara!

Quantos anos ele sofrera nas mãos do seu pai, que desejava vê-lo diferente do que realmente era.

E por quanto tempo ele ainda sofreria?

Philip acreditava que a união com Fabrícia poderia amenizar o seu sofrimento pessoal.

Ele pensava:

“Quem sabe a minha noiva possa entender o meu jeito de ser. Se ela for compreensiva, poderá me ajudar a ser o homem que o meu pai tanto deseja. Não tenho culpa de ter nascido dessa forma. Como gostaria de ser forte

como Bernard, praticar como os outros jovens os esportes mais radicais. Tudo o que sinto e sou é mais forte do que eu.”

Por fim, ele suplicava:

“Mamãe, esteja onde estiver, por favor, me ajude a ser forte, nem que seja somente para agradar o papai.”

Percebemos o sofrimento patente de Philip, que desde pequeno sofria pressões do pai.

Konstantini lhe dizia palavras fortes, deixando-o cada vez mais diminuído perante Bernard, utilizado como modelo para constantes comparações.

Philip já havia perdido as contas de quantas noites tinha chorado perante essa situação. Era claro e patente que o pai nunca conseguiria mudar a sua maneira de ser, algo mais forte do que tudo, até dos impropérios e desmandos que sofria.

O mais humilhante para o rapaz era quando o pai falava mal dele diante dos empregados, principalmente de Bernard.

Philip percebia o sorriso de sarcasmo do rapaz, deixando-o ainda mais nervoso. Por vezes saía rápido da presença deles, quase correndo na direção do seu quarto para poder chorar à vontade.

Por quantas vezes desejou morrer! Gostaria de deixar em definitivo essa vida tão difícil para ele!

Philip era belo e culto, e seus gestos e mente sensíveis, “delicados”, como definia o pai.

Não raras vezes ia à cozinha, escondido do pai, procurar por Aída para desabafar com ela o seu sofrimento.

Konstantini há anos havia proibido a companhia de Aída, dizendo que ela não soube criar o seu único filho, tornando-o tal qual uma moça pelos gestos e modos de falar.

Aída, contudo, sabia que a constituição do rapaz era assim. Não sabia por quais motivos Deus houve por bem deixá-lo nascer com essas tendências e, por isso, fez todo o possível para tentar demonstrar a Philip a necessidade de ele comportar-se diferente perante o pai.

Embora todo o seu empenho e insistência, Aída não conseguiu fazê-lo mudar. Era tudo tão natural, intrínseco a ele, que as manifestações de delicadezas apareciam naturalmente, sem que ao menos percebesse essas

demonstrações efusivas, quando estava alegre, e o choro intempestivo, quando estava infeliz.

Aída entendia o “seu menino” e era infeliz ao vê-lo crescer tendo ao seu lado um pai que tentava tolher a sua naturalidade, transformando-o num “boneco”.

Konstantini o manipulava de acordo com a sua conveniência nos locais que frequentavam. Dessa forma, o pai controlava e limitava a individualidade, os gestos e a maneira de ser de Philip.

Muitas vezes o rapaz agia tal qual um ator interpretando um papel que não fazia parte da sua vida, que nada tinha a ver com ele.

A luta de Philip era diária, do bem contra o mal, da mentira contra a verdade.

Havia momentos em que ele se via perdido nesse turbilhão de preconceitos e atitudes de censura do pai.

Konstantini, por outro lado, não percebia o esforço que o filho fazia para tentar modificar-se e, mesmo assim, não conseguia realizar o intento do pai.

Diante disso, quando Philip saía em companhia de Konstantini sempre acontecia uma situação vexatória. O jovem ficava calado a maior parte do tempo, e quando abria a boca para falar, não havia jeito, a natureza falava mais alto, deixando o pai irritadiço o resto do tempo.

Philip agradecia a Deus quando não precisava acompanhá-lo nas visitas, saídas, compras.

“Ah! Se pelo menos tivesse um jeito de eu ser como o meu pai deseja na frente dos outros, como seria bom! Eu me esforço para ser diferente do que sou, mas quando percebo, já falei, ou fiz algum gesto, que deixa o meu pai irritado. Que vida! Por que nasci desse jeito?”

Philip admitia que talvez o casamento fosse uma solução para acabar com esse sofrimento. Pedia a Deus que a sua futura esposa pudesse compreendê-lo e ele pudesse ser feliz realmente, nem que fosse por um dia apenas.

Dizia para si:

“Tomara que na minha viagem de lua de mel no navio eu possa respirar livre dessa pressão diária.”

Essa era a vida de Philip. Lutava incessantemente para não demonstrar perante o pai e os “outros” como realmente era. Sofria por ter nascido em um corpo masculino e interiormente sentir-se diferente.

Percebia que não havia jeito de modificar-se, e não era por falta de vergonha, como ouvia alguns falarem às escondidas, tampouco uma aberração da natureza, como diziam outros. Ele era o que era e assim seria até o fim dos seus dias terrenos.

Um aparte se faz necessário incluir nesse drama íntimo e pessoal de Philip.

Sabemos que somos espíritos encarnados e que cada um carrega consigo as tendências do que viveu em suas múltiplas oportunidades reencarnatórias.

Muitos reencarnam em um corpo feminino repetidas vezes para realizar a nobre missão da maternidade, tendo por essa razão a sensibilidade mais desenvolvida.

São registros que ficam marcados no espírito, assim como também se registram os pontos vulneráveis que serviram de derrocada moral em determinada encarnação.

Algumas vezes, um espírito que muito errou em reencarnações anteriores, vivendo como mulher ou como homem, usando da sua beleza para destruir a harmonia de lares alheios, além de insistir em vícios e comportamentos nada aceitáveis a quem deseja evoluir no aspecto moral, pede para reencarnar com o sexo oposto para evitar cair novamente em erro.

Esse foi o caso desse espírito, que agora reencarnou como Philip. Deus, que é piedoso, aceita o pedido para que haja oportunidade de reparação. Forçosamente terá de refrear os impulsos de outrora, vivendo plenamente com a maneira que escolheu para evitar cair em novos equívocos.

Muitas vezes determinadas situações são necessárias para que os acontecimentos surjam como medida emergencial, a fim de socorrer o espírito necessitado.

A missão junto à família é maravilhosa. Ser mãe, gerar novas vidas, cuidar daqueles que Deus colocou em seu caminho, é uma dádiva imensa.

Mas ser mulher não é tão fácil quanto se pensa.

Se fôssemos colocar todas as qualidades da mulher perante o seu valor na família e outros segmentos da sociedade, diríamos que são inúmeras.

Percebemos que Deus lhe deu uma sensibilidade maior que a do homem, para que realmente fosse a “rainha do lar”. Seus sentimentos e suas percepções aguçadas fazem com que ela tenha condições de guiar,

compreender, educar os seus, e com o seu amor abraçar tudo em que possa ser útil.

Dessa maneira, constatamos que a mulher tem papel importantíssimo na família e na criação dos filhos, juntamente com o marido.

Além disso, sobretudo atualmente, notamos os atributos que as mulheres possuem ao realizar o trabalho fora de casa para auxiliar no sustento da família, aliado às demais funções primeiras, como na situação de Elísia.

Vemos, enfim, que não são poucos os atributos que Deus proporcionou à mulher e, diante da sua sensibilidade, tudo fica mais leve.

Nesse contexto de evolução, o espírito pode escolher suas provas a serem realizadas na próxima reencarnação. Isso acontece porque ele acredita que poderá vencer as dificuldades propostas e identifica em si pontos que merecem correção.

Visto que existem casos e mais casos, e cada um possui a sua própria cadeia de causa e efeito, analisemos mais profundamente o caso de Philip.

Por muitas vezes, Philip reencarnara em um corpo feminino e não conseguira dominar vícios seculares.

Em suas últimas reencarnações, serviu de descaminho através do sexo desregrado, culminando no rompimento de muitos lares nessas situações de erro.

Sempre utilizando de sua beleza e dos seus atributos pessoais e corporais, protagonizou situações comprometedoras, das quais se arrependeu profundamente na erraticidade. Portanto, nessa reencarnação, Philip sofria muito por ainda trazer consigo as tendências femininas num corpo de homem, impossibilitando, dessa vez, que ele repetisse os mesmos erros.

Logo, percebemos que tudo tem uma causa. É a lei da causa e efeito, levada com o firme propósito de ajudar esse espírito a sair-se bem em nova oportunidade reencarnatória.

A programação divina faz com que a constituição do organismo aja em concomitante equilíbrio, para que tudo aconteça como forma de superação, de acordo com os feitos anteriores.

Concluimos que o sofrimento de Philip nessa reencarnação deve-se exclusivamente aos parâmetros esperados pelo seu pai em relação ao sexo masculino.

E notamos que por tudo ser tão intrínseco, jamais suspeitaríamos existir um planejamento anterior para que isso aconteça. Há, porém, muitos episódios anteriores envolvendo esse espírito. Para alguns, “um mistério ainda a ser desvendado”, e para outros, algo “completamente explicado”.

Sabemos que para tudo nesta vida existe um por quê. Portanto, respeitemos a lei da natureza porque ela é perfeita e age em consonância às leis divinas. Respeitemos, pois, as inúmeras pessoas que são como Philip e que passam pelo nosso caminho.

Sabemos que muitos deles ainda se encontram reparando os atos de outrora.

Portanto, tenhamos a compreensão, o respeito, a admiração e a coragem que esse espírito teve em assim agir para tornar-se melhor e não cair em erros novamente.

Retornando a Joseph, no final daquela tarde ele estava totalmente envolvido em seus pensamentos.

Tinha dúvidas se deveria falar à mãe sobre o comentário de Konstantini acerca da sua beleza.

Estava quieto, ajustando os materiais da oficina, quando percebeu Charles ao seu lado, tendo nas mãos um modelo de calçado feminino maravilhoso.

Olhou para o irmão e falou:

— Charles, meu irmão! Desta vez você se superou! Que belo par de sapatos você conseguiu fazer! Parabéns! Vamos mostrar para a mamãe!

Nesse instante Elísia os surpreendeu:

— Nem é preciso dar-se ao trabalho de subir os degraus da escada. Já estou aqui, meus filhos.

— Mamãe, veja o modelo que Charles criou!

— Charles, meu filho, que beleza! Deixe-me segurá-lo.

Elísia pegou o exemplar nas mãos, examinou os detalhes, o acabamento e falou:

— Meus filhos estão ficando especialistas no assunto! Está maravilhoso, Charles! O sapato está perfeito e digno de levar o nome de George.

Joseph aproveitou a ocasião e emendou:

— Mamãe, a senhora ainda ama o papai?

— Ainda tem dúvidas, meu filho? Ele foi a melhor pessoa que conheci. Proporcionou-me tudo do melhor. Os melhores filhos, o melhor marido, o

melhor aprendizado que nos possibilitou continuar o trabalho dele...

Elísia parou de falar por momentos e, ao lembrar-se de George, continuou:

— Coitado! Sempre com aquelas crises! Não houve outro jeito senão trazer-nos para cá e ensinar o ofício dele. Nesse instante ele deve estar satisfeito vendo os seus filhos produzindo o melhor de si nestas oficinas.

Charles, como que intuído por alguém, falou:

— Mamãe, se aparecer um dia outro homem em sua vida, a senhora se casaria novamente?

Elísia sorriu.

— Fique tranquilo, Charles, querido — disse a mãe. — Eu já possuo três homens na minha vida para tomar conta. Quatro homens para cuidar seria demais para mim. Além do que, eu não desejo casar-me novamente. George foi tudo de bom que aconteceu em nossas vidas.

Joseph e Charles respiraram mais aliviados.

— Mamãe, sabe que ainda é uma mulher encantadora — elogiou Joseph. — Se aparecer alguém, poderá voltar atrás em sua decisão?

— Que conversa é essa, Joseph? Vocês nunca tocaram nesse assunto comigo. Como já disse, não pretendo unir-me com mais ninguém. Manter a nossa união já é o bastante para mim.

— Mamãe, eu sinto ciúmes da senhora e não gostaria de ver nenhum homem rondando a senhora — confessou Charles.

— Eu também, mamãe, sinto ciúmes da senhora e não gostaria que algum homem se aproximasse da senhora e viesse atrapalhar a união da nossa família — completou Joseph.

Elísia olhou os filhos e percebeu o que nunca havia notado neles. Possuíam um sentimento de posse que jamais admitiria em alguém, quem quer que fosse.

Simplesmente sorriu para eles e perguntou:

— Vocês já ouviram dizer que somente Deus sabe das nossas vidas?

Joseph, sendo o mais velho, percebeu o que a mãe não tinha falado, porém sentia-se tolhida em suas decisões.

— Mamãe, desculpe o nosso jeito de filho que quer tomar conta da vida da mãe. É que...

Charles interrompeu o irmão:

— Desculpe-me, Joseph, mas eu vou falar o que penso há muito tempo. Mamãe, a senhora sempre se dedicou a nós três em tempo integral. Sei que não tem sido fácil para a senhora. Sei também que somos filhos ciumentos e não desejaríamos ter em nossa casa alguém ocupando o lugar do nosso querido pai.

— Eu tampouco desejo ter em casa mais alguém para mandar na minha vida — concluiu a mãe. — Esta conversa está ficando séria demais. Até parece que existe alguém que desconheço querendo ocupar o lugar de George...

Os dois coraram e nada disseram.

— Para mim, George ainda continua vivo nas lembranças e em tudo o que faço. Só isso eu posso dizer no momento. Ainda sinto George perto de mim. É só isso o que interessa para os meus dois ciumentos. Obrigada por me protegerem.

Charles e Joseph ficaram a observar a mãe que se dirigia para a oficina de móveis. Lá ela encontraria Antony conversando com um senhor.

Sem ser vista por eles, Elísia recolheu-se em um cantinho especial debaixo do mezanino onde poderia sentar-se numa poltrona e meditar um pouco.

Enquanto isso, Joseph e Charles retomaram o assunto.

— Joseph, pensa que não percebi os modos do Monsieur Konstantini? Ele é dessas pessoas acostumadas a ter o que quer. Será que ele é casado? Tomara que não volte aqui. Nunca mais. É uma pessoa que detestaria encontrar novamente. Não sei como você o aguentou falando da noiva do filho, das terras. Arre! Ainda bem que ele foi embora.

— Então você viu e ouviu tudo?

— Sim, Joseph. Eu estava vindo falar com você quando ele chegou, e logo de início não gostei dele. Fiquei aqui junto às peças, aos materiais. Vi e ouvi tudo o que aconteceu. Irritei-me tanto quanto você quando falou que a mamãe era uma bela mulher. Ah! Se eu pudesse, teria falado umas boas! Ainda bem que não estava ao seu lado.

— Foi por isso que você ficou triste e pensativo?

— Foi, sim. Eu também não gostei do jeito dele e não gostaria que entrasse novamente nesta oficina...

— Então somos os dois a não querer tê-lo por perto. Seremos os guardiões da mamãe.

— Ah! Se a gente pudesse mandar nos pensamentos das pessoas! — confabulou Charles

— Por que diz isso?

— Joseph, olhe lá, a mamãe está sentada justamente naquele sofá que normalmente fica quando tem algum problema para resolver.

— É verdade, Charles. Só espero que não tenhamos acendido no seu coração a chama para um novo amor.

— Nem me fale uma coisa dessas! Nem quero pensar nisso! — sentenciou Charles.

Nesse momento, Antony os chamou.

— Irmãos! Venham aqui!

— O que aconteceu? — perguntaram uníssonos.

— Olhem a mamãe! Pelo jeito ela não está nada bem — alertou Antony, com preocupação.

Os três se aproximaram de Elísia e a viram como que adormecida. Joseph tocou-lhe o braço e percebeu que ela estava com a temperatura corporal próxima à normalidade. Tentou acordá-la e, de repente, ela abriu os olhos assustada.

— O que aconteceu comigo?

Os três assustados disseram juntos:

— Não sabemos! Nós é que perguntamos.

— Eu não entendo, sentei-me neste sofá e de repente me vi num outro lugar. Era tão bonito e me encontrei com o pai de vocês. Ele estava alegre ao me ver e também preocupado comigo. Eu não entendi direito o motivo da preocupação. Só deu para lembrar a palavra mediunidade.

— Mamãe, o papai está preocupado com a mediunidade da senhora — comentou Joseph.

Nesse momento, Elísia lembrou que havia ouvido a mensagem de George.

— Creio que ele deseja que eu procure a dona Irma, aquela senhora que fala com os espíritos.

— Sim, mamãe. Se o papai está preocupado com isso é melhor inteirar-se do assunto — recomendou Joseph.

— Joseph, meu filho, nem sei como devo chegar até ela, ainda mais dizer o que aconteceu aqui comigo — e virando-se para o caçula, advertiu: — Antony, a coisa é séria, não dê risada!

— Desculpe mamãe, eu só estava pensando numa coisa. Se a senhora ouviu o papai falar isso, então quer dizer que pode ouvir outros espíritos também.

— Deve ser por isso que o papai está preocupado com a senhora — cogitou Joseph.

Charles, sempre quieto e reservado, falou:

— Mamãe, hoje mesmo eu irei à casa da dona Irma e combinarei um horário para que possa atendê-la.

— Está bem, vocês têm razão. Irei falar com a dona Irma.

— Ainda bem que a senhora está boa — disseram os filhos, aliviados.

— Estou sim, meus filhos. Ter estado com o pai de vocês me fez sentir renovada — e olhando para os lados, disse: — Vamos fechar as portas. O nosso trabalho por hoje já terminou.

— É verdade, mamãe. Hoje o dia foi longo — disse Charles.

— Longo e difícil para todos nós — concordou Elísia.

— É verdade — todos admitiram.

A vida é assim. Um aprendizado incessante. E nesse aprendizado, somos aprendizes sempre!

## Capítulo IX

# As circunstâncias

No intervalo das existências — aliás, muitas são as reencarnações — o espírito adquire um grandioso aprendizado, carente que é de lições específicas ao seu adiantamento espiritual.

De que outros meios e recursos o homem necessita para evoluir? A evolução não se processa do dia para a noite em nossas existências mas, sim, através das longas jornadas reencarnatórias, visto que muitos declinam dos projetos reencarnatórios enquanto outros simplesmente desistem do caminho difícil a ser percorrido e que justifique o fim essencial de cada ser.

A evolução requer uma grande parcela de abdição dos velhos costumes para transformar-se numa pessoa com mais virtudes, com bons sentimentos.

Quando encarnados, muitos acham mais fácil continuar a levar a vida desregrada, sem promover mudanças dos hábitos, de modo geral e grosseiramente falando.

Alguns iniciam a mudança interior quando se põem a analisar o verdadeiro sentido de estar reencarnado, vivendo entre tantos irmãos nesta imensa família humana. Aqui, um necessita do amparo do outro, da ajuda mútua.

É necessário colocar ordem na lista das prioridades. A realização dos bens materiais é importante, de valor para o trabalhador que consegue realizar os projetos familiares. Contudo, não nos esqueçamos de que está em nossas mãos diminuir o desalento daquele que não tem forças para lutar devido a doenças, fome e misérias de toda sorte.

Empenhemo-nos então nessa conquista, para que possamos ter duas listas e que elas tenham a mesma prioridade.

Só assim, vendo o necessitado atendido, nos sentiremos realmente felizes também.

O plano assistencial divino abrange desde as mínimas tarefas até o labor mais intenso e elaborado.

Intensificando ainda mais esse labor, há uma luz pura, cada vez mais forte, a brilhar nos caminhos daquele que auxilia e daquele que busca o auxílio através da prece.

A prece, realizada com o coração, dá alívio a quem pede e a quem recebe. Sejamos os emissários divinos através da prece, do auxílio de toda a sorte. Sejamos, pois, os samaritanos de Deus a auxiliar sempre o próximo, sem perguntar a origem, sem nos importarmos de onde veio ou a cor da pele, pois somos todos irmãos em Cristo em nome de Deus, nosso Pai.

Após esse aparte, voltemos à nossa história. Situamo-nos na pequena capela, onde observamos pessoas fazendo preces de agradecimento a Deus e outras clamando por pedidos variados.

Percebemos entrar neste momento a figura da donzela ainda misteriosa para Joseph.

Ele também estava lá. Arrependido por ter sentido ciúmes da mãe há alguns dias, resolveu que iria pedir desculpas a Deus naquele santuário.

Era para lá que se dirigiam todos que necessitavam da força recebida dos espíritos bondosos, que assistiam todos os que oravam com fé e sinceridade.

Alguns faziam as suas preces tais quais autômatos, repetindo as ladainhas como se fossem robôs sem sentimento. Para essas pessoas, orar era meramente repetir frases que não faziam sentido algum, visto que o pensamento vagava por algum ponto longe dali.

Aqueles que preferem meditar, de pronto percebem que suas preces, feitas com o coração, com sentimento, tinham mais valor e sentiam-se melhor.

De nada adianta orar com os lábios se o coração está distante. Deus está em todo lugar e dentro de nós. Sabendo dessa premissa, podemos fazer preces em qualquer lugar, ligando-nos a Deus mesmo fora do lugar supostamente reservado a este fim.

Entendamos que Deus nos beneficia sempre na medida que necessitamos, nem mais, nem menos, e tudo tem relação com aquilo que merecemos.

Saibamos, portanto, fazer o necessário para que a prece saia do coração e não apenas dos lábios. Neste último caso não tem sentido, nem

sentimento.

Deus sabe exatamente, como já dissemos, a necessidade de cada um. Se somos merecedores de seu auxílio ou não é outro departamento. Precisamos, sim, fazer por merecer sempre o auxílio e as dádivas que recebemos diariamente.

Joseph orava com devoção quando percebeu a entrada da donzela, que não via há muito tempo.

Sentiu seu coração bater mais forte.

Não entendia o porquê desse descompasso em seus batimentos cardíacos, porém alegrou-se com a presença dela naquele local reservado a preces.

Mais uma vez o seu pensamento divagou:

“Ainda bem que já havia feito minhas preces!”

Admitiu o jovem que, por mais esforço fizesse, não conseguia tirar os olhos dela. Nesse dia percebeu a existência de uma força maior que o atraía. Não sabia quem era, onde morava, desconhecia a vida dela.

Apenas a olhava e esperava que saísse de lá como das vezes anteriores. Dessa vez a seguiria, como já havia feito anteriormente, e se pudesse tomaria forças e falaria com ela.

Essa resolução lhe surgiu simplesmente pela vontade de conhecê-la melhor. Saber quem era ela já significava motivo suficiente para saciar a sua curiosidade.

Após um longo período de prece a donzela saiu da capela, construída com tanto esmero séculos atrás, acompanhada como de costume pela senhora vestida de negro.

Joseph saiu logo atrás e em sequência desceram os degraus da escadaria.

O rapaz então percebeu que a donzela havia deixado o lenço escapar de suas mãos.

Era tudo o que ele necessitava para aproximar-se dela.

Apanhou o lenço do chão e se dirigiu a ela:

— Senhorita, por favor, me desculpe a abordagem. Este lenço lhe pertence?

A senhora que a acompanhava adiantou-se:

— Obrigada, cavalheiro. Este lenço pertence a ela, sim.

A moça quis dizer alguma coisa, porém foi impedida pela senhora, que se antecipava a suas respostas.

Joseph percebeu que a donzela gostaria de falar e insistiu:

— Por que ela não fala?

— Por respeito ao noivo — disse a senhora. — Ela está comprometida e vai casar-se em breve.

— Desculpe-me. A senhora deve ter as suas razões, contudo não vejo nenhum problema em ela responder a minha pergunta — persistiu Joseph.

Fabília, a donzela misteriosa, fez menção de dizer algo, mas apenas balbuciou:

— Eu...

Imediatamente a senhora se dirigiu rispidamente a ela:

— Vamos embora agora! Já perdemos tempo demais com este rapaz!

A senhora pegou na mão da jovem e a puxou para seguir o caminho até o cocheiro, que as esperava debaixo de uma árvore.

Joseph percebeu que a senhora de negro a repreendia.

— Você não deveria ter parado para ouvir o rapaz! Fabília, você está comprometida e não mais existe para os outros.

— Mas, eu não amo Philip!

— Não tem importância! Ele é um bom moço, aprenderá a gostar dele. Isso acontece com todas as donzelas como você.

Joseph ouvia a conversa das duas a poucos passos delas, cuidando para que não se sentissem importunadas, e sentiu um frio intenso percorrer o seu corpo.

Parou e sentou-se em um banco de madeira debaixo de uma árvore perto dali.

Ele precisava colocar as ideias em ordem. Quase não acreditava que aquilo fosse verdade.

— Deus! Por que tudo na minha vida é tão complicado? Por que tenho de sofrer tanto por alguém que, agora sei, é comprometida? — Joseph cogitava consigo.

Nesse instante lembrou-se das palavras de Konstantini:

“O meu filho vai casar-se.”

E da forma como ele se referiu à noiva:

“Com a donzela mais bela e pura da região.”

Joseph chorava só em pensar, em lembrar-se das palavras da pessoa que havia causado nele um sentimento horrível em relação à sua mãe: o ciúme.

Admitia que Konstantini fosse realmente uma pessoa que comprava, sim, o que desejasse.

Concluiu que o casamento de Fabrícia e Philip era contra a vontade dela, ou melhor, de ambos. Teve a certeza de que Philip muito se beneficiaria com essa união, calando a boca daqueles que o julgavam.

Novamente tudo se misturou em sua mente.

Sabia que essas personagens ainda ficariam por muito tempo em sua mente.

Aprendera a gostar da donzela misteriosa e percebia agora que ela estava comprometida a contragosto com Philip. E, na concepção de Joseph, o pai dele, Monsieur Konstantini, era da pior estirpe de pessoa.

“Deus! Ajude-me a superar mais este sofrimento! Não, eu não posso nem devo pensar nem mais um segundo nessa donzela, para o meu próprio bem.”

Joseph olhou para os lados e percebeu ao longe a moça, que acabara de entrar no coche. Percebeu também que ela o observava e, dessa vez, havia tirado o véu que recobria o seu rosto.

Ao longe pôde ver que ela era muito bela, mas, diante das circunstâncias, apenas disse para si:

“Não tenha esperanças, Joseph! Ela está comprometida com o filho do homem mais asqueroso que já conheci.”

Lamentavelmente, Joseph sentia as suas esperanças em relação à moça se esvaírem, caírem por terra, tal qual um castelo de areia ao receber as águas quentes do mar, levando consigo todos os seus sonhos.

Não mais queria pensar nesse episódio. Desejava nunca mais vê-los novamente e queria estar livre desses pensamentos quando chegasse em casa.

Procurou andar para cansar o corpo, mas os pensamentos não se cansam.

Chegando ao seu destino, logo percebeu algo diferente no “ar”. Elísia estava feliz e tinha nas mãos um envelope, no qual havia uma carta da sua cunhada, que morava em outra região daquele país.

Ao vê-lo, Elísia comentou:

— Joseph, meu querido! Hoje você demorou a chegar! Estava preocupada, quase pedi aos seus irmãos para irem buscá-lo.

— Obrigado pela preocupação, mamãe. Hoje resolvi caminhar mais um pouco e pelo jeito já ficou tarde demais.

— Não tem mais importância, meu filho. O importante é que esteja bem. Elísia olhou para os três filhos e disse:

— Agora que todos estão reunidos vou contar o motivo da minha alegria.

— Conte logo, mamãe! Já estamos cansados dessa espera — disseram, ansiosos.

— Fiquem calmos, meus filhos! O motivo da minha alegria é esta carta que recebi hoje. Ela vem da parte de sua tia Gregória, a irmã de George. Gregória vem passar uns dias conosco e com ela trará a prima Elizabeth.

— Mamãe, quando o papai ainda estava vivo, ela vinha em casa todos os anos — recordou Joseph. — Depois que o papai morreu, ela nunca mais apareceu. Ainda por cima trará Elizabeth. Lembro bem que era uma menina chata, implicante. Tomara que tenha mudado aquele gênio cheio de dengos!

— Sabe que eu nem lembrava mais disso? — comentou Elísia. — Naquela época ela era muito jovem. Ela é bem mais nova do que você, Joseph.

Charles tentava lembrar-se, assim como Antony, do tempo em que eram felizes ao lado do pai ainda vivo. Momentos de nostalgia, de lembranças.

Elísia leu a carta aos filhos.

O conteúdo registrava os períodos difíceis que haviam passado. Gregória também havia ficado viúva e teve de aprender a superar a perda do marido. Disse que sempre sentiu por eles um grande apreço e que só agora poderiam visitá-los, porque estavam em melhores condições.

— É bem verdade que sempre gostei de Gregória — refletiu Elísia. — Sabem que depois da partida de George eu senti vontade de visitá-las?

— Por que não foi, mamãe? — questionou Charles.

— Não fui porque você sabe como tudo funciona: sou uma viúva, com três filhos para acabar de criar — explicou a mãe. — Não poderia me dar ao luxo de sair para passear e ficar alguns dias fora dos negócios. Isto certamente faria falta no nosso orçamento mensal. Não esqueçam que no comércio o estabelecimento com as portas fechadas faz com que a freguesia vá procurar outro lugar.

— Está certa, mamãe — disse Joseph. — Agora que estamos crescidos, homens, como diz, pode deixar os negócios em nossas mãos e viajar para rever os parentes sem se preocupar conosco.

— Eu sei disso, Joseph. Porém, acredito que não gostaria de ficar longe de vocês.

Os três, sorrindo, abraçaram a mãe e disseram:

— Nós também não gostaríamos que ficasse longe de nós, de casa.

— É verdade, meus queridos. O lema continua este: todos por um!

Rindo muito, perceberam que a união entre eles era sólida e não gostariam de ficar separados nem por pouco tempo.

Efigênia, que assistia à cena familiar da porta da cozinha, agradecia a Deus pela união, por fazer parte dessa família que adotou como a sua por amar verdadeiramente cada um, sem distinção. Aliás, Antony era o seu menino especial. Uma paixão especial os unia.

Nesse instante, percebendo a presença de Efigênia, Elísia pediu que ela se aproximasse.

Abraçaram Efigênia carinhosamente.

— Efigênia, querida! Você também faz parte da nossa família — disse Elísia.

— Não sei o que seria de mim sem você... — disse Antony.

— Obrigada, meus queridos — agradeceu Efigênia. — Eu é quem digo: não sei o que seria de mim sem vocês.

— Efigênia, Gregória vem nos visitar no mês que vem e trará Elizabeth — informou Elísia.

— E Jaqueline, não virá? Ela era um doce de criança!

— Não sei. Gregória apenas mencionou Elizabeth na carta.

— Seria bom se ela viesse.

— É verdade, Efigênia. Vou responder a carta de Gregória e convidar Jaqueline a vir também.

— Seria bem melhor que ela trouxesse Jaqueline em vez de Elizabeth — comentou Joseph. — Que menina entojada! Chorava por tudo, lembram disso meus irmãos?

Tanto Antony quanto Charles riram muito e falaram juntos:

— Até parece que você não era chorão também.

Todos riram admitindo que Joseph chorava por tudo, pois ora queria uma coisa, ora outra.

No final, o primogênito cresceu e aprendeu a resignar-se com a vida, com tudo o que lhe acontecia.

Efigênia olhava para os três e recordava como eram na época de crianças, cada qual com o seu jeito especial de demonstrar as suas carências, os seus afetos, as suas alegrias e as dores também.

Que riqueza!

Lembrava-se detalhadamente dos momentos felizes, do brilho nos olhos deles, das risadas que se ampliavam nessa ampla sala.

“Ah! Como tudo era especial! Que tempo bom!”

Assim cada um sentia ao seu modo o que haviam passado juntos. Essa união, esse tempo, jamais se dissipariam de suas lembranças.

Os dias passam céleres na nossa vida. Tanto que por vezes nem percebemos a rápida passagem, a não ser nesses raros momentos de encontros familiares ou durante os períodos de introspecção, quando lentamente tudo acontece tal qual fosse um filme em dimensão proporcional à sua importância em nossa vida, deixando marcas indeléveis.

Nesse proceder, avizinhamos o amanhã de nossas existências chegar tão rápido, que se pudéssemos retornaríamos no tempo para poder viver novamente os melhores momentos de nossa meteórica passagem.

Aí então dizemos, com nostalgia:

— Que saudades daquele tempo! Era tão bom!

Recordar é reviver o que vivemos apenas nas lembranças. Não se volta atrás! Não se faz um passado mudar!

Apenas temos a chance de fazer do nosso presente os melhores dias dessa passagem terrena.

Assim é para todos e nos situamos dentro desse pensamento incansáveis vezes.

O tempo passava e, como sempre, Elísia e os filhos mantinham a mesma postura diante dos empregados, amigos e fregueses. Muitos deles tornaram-se grandes amigos e fiéis às oficinas de trabalho familiar.

Finalmente chegou o dia que tanto aguardavam: a vinda da tia Gregória e das primas Jaqueline e Elizabeth.

Num belo final de semana perceberam alguém bater palmas no portão da casa. Logo em seguida, o sino colocado no alto do portão se fez soar.

Efigênia apressadamente foi abrir o portão, sendo recebida com alegria.

A ansiedade era imensa, tanto da parte dos que chegavam quanto daqueles que iriam recebê-las.

— Efigênia, como está? — perguntou Gregória.

— Muito bem e a senhora?

— Graças a Deus, bem.

Tanto Jaqueline quanto Elizabeth cumprimentaram Efigênia efusivamente.

Logo atrás de Efigênia estavam Antony, Charles e Joseph, acompanhados de Elísia.

A recepção primeira foi longa, estreitando laços recíprocos de saudade.

Eram familiares ligados por afinidades, especialmente Elísia e Jaqueline. Elas tinham real amizade e sentiam que o tempo não foi capaz de diminuir o sentimento que as unia.

Os rapazes levaram as malas que elas trouxeram para o quarto de hóspedes.

Colocando as malas no assoalho do quarto, Charles debochou perante os irmãos.

— Joseph, Antony, pelo número de malas, acho que não irão embora tão cedo!

Após rirem muito, os irmãos perceberam que Jaqueline se dirigia ao quarto.

— Fique quieto, Charles! — alertou Antony. — Ainda bem que a prima não ouviu. Mala de mulher é assim mesmo.

Mais uma vez Charles riu até não aguentar mais e sentou-se em cima de uma das malas, sem perceber que Jaqueline estava no quarto rindo com eles, mesmo sem saber o motivo.

— O que aconteceu com você, meu primo?

Charles tentou disfarçar, gaguejando num acesso de riso.

— É que, é que... Eu caí em cima da mala!

Os outros irmãos riram da resposta rápida.

Joseph deu a mão ao irmão para ajudá-lo a levantar-se e disse-lhe baixinho ao pé do ouvido:

— Você está se saindo melhor do que a encomenda.

Charles não sabia o porquê, mas não conseguia mais parar de rir. Jaqueline aproximou-se dele.

— Charles, não sabia que ficaria tão feliz com a nossa presença — revelou a moça.

— Nem eu — respondeu Charles sem pensar. — Quer dizer, me desculpe o mau jeito, prima, é que hoje estou radiante mesmo — tentou

justificar o rapaz, atrapalhado.

Antony e Joseph saíram do quarto colocando as mãos na boca para evitar a gargalhada que adviria da observação de Charles, sempre tão quieto, e que estava mostrando um outro lado que desconheciam.

Enquanto isso, procurando disfarçar o riso, Charles colocou as malas sobre as colchas das camas.

— Prima, depois cada uma de vocês separe as roupas no armário — disse, mostrando-se cortês. — A mamãe fez questão de colocar aqui para que ficassem bem instaladas durante o período que permanecerem aqui.

Jaqueline estava séria nesse momento e chamou Charles para conversar.

— Primo...

— Diga, o que é?

— Bem, nada. Creio que depois a mamãe explicará a todos o real motivo da nossa vinda até aqui.

— Isso me preocupa, Jaqueline.

— Não se preocupe, está tudo bem.

Charles compreendeu que havia acontecido algo sério, que por detrás dessa visita certamente haveria algo não muito bom.

“Será que a minha brincadeira com as malas tem fundamento?” — ele pensava.

Charles preferiu esperar que a tia Gregória falasse com eles e convidou a prima a irem até a sala, onde os demais estavam, conversando e rindo muito.

Nessa acolhida, almas afins puderam sentir-se em casa.

Novamente, ali na sala, estava reunida a “parte boa” da família, tal qual George sempre fez questão de frisar.

Gregória e George eram inseparáveis quando crianças e depois de adultos também mantiveram visitas constantes.

O distanciamento entre as famílias foi natural, mas agora novamente estavam reunidos em nome do amor fraternal que os unia.

Surpresas e novidades adviriam com o passar dos dias.

Porém nada os abalaria, porque não tocariam nos sinais do coração.

## Capítulo X

# A convivência familiar

É importante ressaltar que as ocorrências nesta família traduzem espetacular vivência das personagens, com suas singularidades e diferentes modos de ser.

Tal situação ocorre com toda e qualquer família na amplitude deste Universo do qual fazemos parte, completando e realizando os nossos meios de aperfeiçoamento pessoal.

Neste paradigma, ainda diríamos que a cada um compete trilhar o seu progresso, tendo de antemão os principais meios para que tal evolução aconteça.

O discernimento de que aqui estamos para evoluir concorre a fim de que utilizemos a inteligência e a sensatez como meios para sua realização.

Iniciar essa caminhada a partir da própria família, que é a nossa base, o nosso principal meio de progresso, já é uma grande escola que nos leva ao aperfeiçoamento moral e do espírito.

Dentro da família percebemos os meios de que precisamos para a elaboração desse objetivo, visto que convivemos com indivíduos de caráter diferente do nosso, cada qual com o seu modo próprio de ser e de pensar.

Já é um bom motivo para desenvolver e evoluir as qualidades de que necessitamos para realmente “amar o próximo como a si mesmo”, estabelecendo a paciência em aceitar o outro como ele é. Cada um carrega consigo o forte poder de sua personalidade, evidenciando-se as diferenças pessoais.

É a partir da resignação, da paciência e do autocontrole que mantemos a boa convivência e podemos ajudar o próximo mais próximo dentro do nosso próprio lar, a fim de que o outro vença as próprias limitações e dificuldades.

E assim, interagindo com o outro, trazemos harmonia e paz para a família, algo de que necessitamos para realizar o grande projeto divino.

É preciso vencer a si próprio, vencer as próprias mazelas. E isso se faz às vezes por meio da convivência diária e talvez do sofrimento interior, retirando de dentro de si os pontos vulneráveis e substituindo-os pelos quesitos maiores que possam trazer a harmonia e o bem-querer.

Sabemos que todos têm o que melhorar.

Que dentro de cada um possamos realizar essa mudança, tendo como principal objetivo o bem comum.

A evolução do ser se dá paulatinamente e é por isso que necessitamos avaliar e descobrir as nossas próprias deficiências e qualidades.

Conhece-te a ti mesmo para depois conhecer o próximo e aceitá-lo, com seus erros, defeitos e também qualidades, inerentes a cada ser.

Na busca incessante pela paz e pelo entendimento, encontramos-nos na grande família humana com as nossas diferenças pessoais, divergindo muitas vezes em pontos de vista e maneiras de ser.

Nesse encontro, pretendemos ser honestos conosco, admitir que somos falíveis e ainda estamos muito distantes da realidade desejada, porém, como todos, estamos caminhando juntos para conseguir um dia chegar ao patamar esperado: a evolução moral e espiritual.

Dessa maneira caminhamos, e nesse aprendizado contínuo conseguiremos um dia realizar o nosso objetivo maior.

Somos todos aprendizes e aceitar o outro como irmão, compreendendo que todos têm as suas dificuldades, assim como nós, já é um bom ponto de partida.

Temos a certeza de que não existe nada melhor do que começar essa percepção o quanto antes, pois que nos livramos do “dever” de querer mudar o outro.

Sabemos que ninguém muda a essência do outro e unicamente através dos bons exemplos aprendemos a ser melhores.

A mudança deve partir do indivíduo, de dentro de cada um. Só assim nos aprimoraremos.

Deus nos colocou em uma família — aliás, a melhor de que necessitamos — para que possamos realizar o aprendizado e, nesse sentido, angariar na convivência diária com as pessoas que amamos o resgate da nossa essência, exercitando o amor ao próximo com todas as suas nuances.

Executamos dessa maneira o que necessitamos para nossa melhoria, através do amor filial, paternal, maternal.

Enfim, o amor é o único e melhor meio que irá nos possibilitar alcançar tudo de quanto precisamos. Basta aceitar o outro como é e realizar as próprias mudanças em si.

Que através desse amor existente na família possamos dar os primeiros passos na grande caminhada da aceitação do outro, com suas diferenças, divergências, buscando a harmonização e a paz através do bem viver e do amor familiar.

As qualidades e as virtudes que precisamos conquistar precisam do nosso empenho.

Abramos a “guarda”. Deixemos que as bênçãos diárias que recebemos de Deus nos mostrem o quanto precisamos estar bem e ser felizes, mesmo diante dos tempestuosos conflitos íntimos que eventualmente vivamos.

Pensemos no quanto Deus nos proporciona para sermos felizes. Deixemos que o amor a Deus faça moradia em nosso pensamento, em nosso interior, e aceitemos o outro tal qual ele é.

Este é um exercício necessário, assim como o outro também terá de nos aceitar. Afinal, somos todos imperfeitos e caminhamos diariamente para realizar o imenso esforço pessoal de autoaprimoramento.

Essa é a nossa maior luta: nós conosco mesmo.

Como seria bom se fôssemos bons de coração e aceitássemos plenamente o outro!

Como seria bom não julgar. O comportamento humano não se restringe somente à sociedade em que se encontra, mas principalmente reside no seu eu, nas qualidades e nos defeitos que necessitam ser trabalhados para que, a cada dia, o homem procure ser melhor, buscando realizar a transformação e a mudança do ser — para melhor, é claro!

Dessa feita, Deus elegeu a família como o melhor meio e a escola onde iniciamos essa proposta de mudanças. Tudo proporcionado pelo exercício do amor.

A família viabiliza esse entendimento. É uma via de progresso especial.

Retomemos, pois, a família da Elísia.

Nesse lar, no palco terreno, por ora vivenciamos as diferenças individuais dos filhos. E agora o cenário se ampliou com a chegada da tia Gregória e das primas Jaqueline e Elizabeth.

Elas se estabeleceram naquela confortável casa, suficiente para que essa família vivesse as suas diferenças.

Elísia, mãe firme e decidida, mas que sempre se baseava no amor, contava com a ajuda permanente de Efigênia.

Ambas procuravam dar atenção às visitas, vindas de longe, e era perfeitamente visível a diferença que existia entre as duas irmãs.

Jaqueline era simples, bonita o suficiente, sem procurar realçar a sua beleza com os artifícios da maquiagem.

Suas roupas eram discretas, diferentes dos trajes da irmã, que procurava vestir-se tal como se estivesse em um evento importante, com muitas rendas e bordados.

Jaqueline usava um vestido lindo, cuja simplicidade do corte enaltecia suas qualidades físicas. De uma azul suave, combinava e realçava ainda mais os seus belos olhos igualmente azuis, sua pele alva e seus cabelos castanhos.

Ela não precisava se utilizar de artifícios. A natureza havia sido generosa com ela.

Seus dotes físicos foram dados por Deus e ela os potencializava ainda mais através da generosidade e da boa educação que recebera de sua mãe.

A delicadeza dos gestos e das palavras chamava a atenção de todos, principalmente de Joseph, com quem conversava nesse momento. Ao lado deles estava Charles, participando dessa recepção inicial.

Charles já havia proporcionado bons motivos de riso na chegada das visitas e agora dava a sua opinião sempre divertida sobre o assunto em pauta.

Já Elizabeth tinha uma postura diferente da irmã. Era cheia de particularidades.

Seu modo de vestir-se era demasiadamente abusivo para a hora, o local, principalmente para a viagem que haviam acabado de enfrentar.

Havia nela “um quê” de requinte. Procurava com satisfação demonstrar que se vestia e se penteava melhor que as demais pessoas da cidade de onde veio.

Prestimosa, Gregória fazia questão de dizer que Elizabeth se vestia tal qual uma bonequinha, sempre bela em qualquer situação ou hora do dia. Dizia que a filha tinha os seus atributos pessoais destacados pela maneira de vestir-se.

Elizabeth era bonita o suficiente e não precisaria utilizar-se e abusar dos artifícios da maquiagem para enaltecer o que Deus lhe havia dado. Tornava-

se, assim, realmente parecida com uma boneca, artificial.

Enquanto Jaqueline possuía cabelos castanhos claros, olhos azuis e face alva, Elizabeth tinha cabelos negros encaracolados, face alva, olhos castanhos e usava um belo vestido de renda de cor rosa claro.

Eram tão diferentes! E não apenas fisicamente, mas sobretudo na personalidade.

Elizabeth, que encontrou em Antony o primo ideal para conversar, era mais sofisticada no jeito de ser, enquanto Jaqueline era mais natural.

Elísia conversava com Gregória enquanto os jovens se confraternizavam, formando dois grupos distintos. Efigênia observava a família reunida e pensava:

“A vida encaminha as pessoas que têm os interesses parecidos. Antony é o mais sofisticado dos três, próximo de Elizabeth, enquanto Jaqueline, Charles e Joseph já se enturmavam.”

Ela se perguntava:

“Por que Gregória e as filhas vieram até eles após tantos anos da partida de George?”

Algo não fazia sentido para ela, que sentia existir algo mais.

Charles tivera a mesma percepção. Muito embora se expressasse através de brincadeiras, ele sentia que algo não estava de acordo.

A presença delas ali, naquela época do ano, não fazia sentido. Não haveria festas, nem ocasiões especiais.

Contudo, a recepção da família de Elísia havia sido a melhor possível.

O final de semana passou muito rápido e o convívio familiar havia sido incrível para todos eles.

Após tantos anos sem se ver, estavam novamente integrados, como costumava acontecer no tempo de George.

No final do domingo, enquanto todos ainda estavam sentados ao redor da mesa de jantar, Elísia e Gregória conversavam.

— Minha cunhada, eu e os meus filhos teremos de retornar às nossas atividades a partir de amanhã — informou Elísia. — Efigênia fará companhia a vocês. Se quiserem passear, este local tem paisagens belíssimas! Vocês poderão observar o quanto tudo aqui é lindo. Deus foi muito generoso com a natureza daqui. Enquanto estão de férias aproveitem para descansar e passear também. Nós só retornaremos para o almoço, depois voltaremos para o serviço e regressamos no final do dia.

— Elísia, vocês trabalham muito! — constatou Gregória.

— A vida para nós não tem sido fácil — observou Elísia. — Se não trabalharmos não teremos o dinheiro para nosso sustento. Não podemos nos dar ao luxo de ficar em casa descansando. O trabalho é a nossa vida e com ele também podemos manter a mente ocupada.

— Desculpe estarmos invadindo a sua casa desse jeito.

— Que conversa é essa, Gregória? Vocês são visitas e sempre bem-vindas!

Gregória quis falar algo e não conseguiu.

Charles olhou a tia sem jeito e disse:

— Titia Gregória, é impressão minha ou a senhora quis dizer alguma coisa?

Jaqueline procurou encorajar a mãe:

— Mamãe, conte para a titia o que vai à sua mente!

— Gregória, aconteceu algo que ainda não me disseram? — perguntou Elísia, preocupada.

— Desculpe-me, Elísia — disse Gregória. — Estou muito envergonhada. Percebo agora que vocês todos trabalham muito, a semana toda, para terem a vida que levam. Imaginei que George houvesse deixado muitos bens para vocês viverem sossegados. Eu nunca imaginei que...

Elísia a interrompeu.

— Gregória, George me deixou os maiores bens que possuo. Ele me deixou os filhos queridos, ensinou-nos a trabalhar no ofício que realizamos muito esforço. Os bens que ele nos deixou foram esses. Além do amor, do preparo para o trabalho, ele nos ensinou que devemos obter os recursos para viver através do suor dos nossos corpos e da inteligência, fazendo o melhor que pudermos.

A cunhada ouvia tudo quieta. Elísia continuou:

— Ouça bem, Gregória. Só assim o dinheiro terá o valor que precisamos para viver. Sem orgulho nenhum eu posso dizer que George nos ensinou a ser independentes pois sabia que nos deixaria em breve. A palavra mais adequada a essa situação é gratidão. Eu tenho muita gratidão por George nos ter deixado os melhores bens que possuímos.

— Desculpe-me, Elísia, eu nunca havia pensado nisso.

— É verdade, Gregória. Nós temos muita gratidão a George. Se hoje somos o que somos, foi porque ele nos ensinou a ser assim, trabalhadores e

fiéis ao nosso compromisso. Não há maior alegria do que poder trabalhar e ganhar o sustento honestamente. Com você foi diferente, não é? O seu esposo lhe deixou bens antes de falecer.

— Com certeza, Elísia. Estéfano nos deixou muitos bens materiais, só que não nos ensinou a mantê-los nem a trabalhar — lamentou. — Não sei como tem forças para trabalhar no meio dessa sociedade tão machista.

— No meu caso, ou trabalhava para trazer dinheiro para casa, ou deixava os filhos passarem fome. É a lei da sobrevivência. Pelos filhos a gente consegue tudo, até passar pelos comentários maldosos de algumas senhoras que vivem à custa dos maridos até hoje. George me ensinou o que sei quando ainda tinha condições de saúde para fazê-lo. Saiba que mesmo diante das crises de dor, ele fazia questão de ir comigo à oficina para me ver trabalhar, me ensinar a fazer o serviço do jeito dele.

— Elísia, o meu irmão estava à frente do seu tempo...

— Certamente, e sou muito agradecida pelo muito que ele fez por nós. Ele nos deixou o maior e o melhor legado do mundo.

— Esse legado Estéfano não teve tempo de me ensinar. Ele sempre dizia que a mulher era a rainha do lar e que cabia ao homem o mundo dos negócios. Sinto o quanto ele poderia ter sido diferente e passado outras instruções para mim. Se ele me houvesse ensinado a conduzir os negócios, a nossa família não estaria passando por dificuldades desse tipo.

— Conte-me: o que aconteceu com o patrimônio que ele lhes deixou?  
— Elísia perguntou, preocupada.

— Da mesma maneira que lhe contei, sem preparo algum da vida, aos poucos vendi o que ele nos deixou...

— Você vendeu tudo? As propriedades, a casa?

— Elísia, com muita vergonha digo que sobrou pouquíssima coisa. Vendi quase toda a propriedade. Só está em nossas mãos a parte onde se situa a outra casa da propriedade, que já está velha, e pouquíssimo terreno. Posso dizer que é equivalente a uma chácara. Tive de abrir mão da bela casa em que vivíamos para quitar as dívidas que fizemos com os gastos das viagens de Elizabeth, e alguns de Jaqueline.

Jaqueline, completamente indignada, falou:

— Meus? Não, mamãe. A senhora os fez porque quis. Imagine, tia Elísia, que a mamãe queria arrumar-me um marido rico! Era um velho que dava dó. Por que a senhora não se casou com ele?

Elizabeth, envergonhada em ver a vida delas sendo escancarada, disse sem rodeios:

— Titia, na verdade estamos sem onde ficar.

— Então é isso! Eu bem que imaginei! Não errei como sempre — disse Charles. — Pelo tamanho das malas falei isso mesmo para os meus irmãos. Adivinhei que vieram para ficar.

— Então era esse o motivo daquela risada? — observou Jaqueline.

— Acertou, prima! Olha que eu não errei na observação.

— Como sempre, continua muito observador, Charles! — e virando-se para Gregória, continuou: — O problema agora é o seguinte, mamãe.

— Diga, Jaqueline.

— Não precisamos mais esconder da titia e dos primos que estamos falidos. A senhora ainda tem um pouco de dinheiro. Vamos alugar uma casa e tentar sobreviver humildemente à custa do nosso trabalho.

— Minha filha! Eu nunca trabalhei na vida!

— Nem eu, mamãe! As minhas mãozinhas são delicadas demais! — completou Elizabeth.

— Eu tampouco trabalhei algum dia da minha vida — concordou Jaqueline. — Só que precisamos tomar uma séria decisão. Mamãe, a senhora se enganou quando pensou que a titia poderia nos ajudar. Como vê, ela e os filhos trabalham o dia todo para manter o patrimônio que o titio George lhes deixou. Como prêmio, possuem uma vida confortável. E quanto a nós? Só soubemos gastar e gastar o que o papai nos deixou. Nada fizemos para aprender a manter a posição que ostentávamos. Nem a bela casa nos restou! Que saudades do tempo de fartura que tínhamos enquanto o papai estava vivo!

— É verdade, Jaque — falou Elizabeth com tristeza, chamando a irmã pelo nome carinhoso, como costumava fazer.

Elísia ouvia o que elas falavam e pediu a Deus que as auxiliasse, proporcionando a elas algo, uma decisão, uma ideia de como poderiam aprender com os erros e, assim, impulsioná-las ao progresso, a trabalhar, coisa que nunca haviam feito antes, para honrar o nome de Estéfano.

Novamente Elísia sentiu perto de si a presença especial do amigo fiel, o companheiro de todas as horas, George.

Ele e seu amigo espiritual Nicodemos assistiam à cena chorosa da irmã e das sobrinhas.

— Amigo, o que posso fazer para diminuir o sofrimento da minha irmã?  
— comentou George.

— George, meu amigo. Elas estão colhendo o que fizeram, ou melhor, o que deixaram de fazer: trabalhar. Estão aprendendo que, nesta vida, nada dura para sempre, nem a opulência, nem a alegria, nem a tristeza. Nada dura eternamente, tudo se acaba. Principalmente no caso delas, que não trabalharam nem se esforçaram para progredir. Elas precisam saber que não estamos na Terra para viver em festas, gastando o que temos sem o mérito do trabalho. Um dia tudo se esvai, escapa pelos dedos. Hoje elas estão colhendo exatamente o resultado da vida despreocupada e inconsequente que sempre tiveram.

George ouvia as palavras do amigo com atenção.

Nicodemos continuou:

— Olhe Elísia e os seus filhos. Você soube bem ensiná-los a viver através do trabalho, ser úteis a si próprios através das próprias ações. Eles são muito agradecidos a você.

— Graças a Deus! Nicodemos, ainda bem que tive tempo para ensinar às minhas joias como manter o brilho da vida através do esforço pessoal.

— Grande feito, amigo! Olhe bem diante de você a colheita do seu trabalho. Há felicidade maior do que ver os seus felizes e completos? Problemas todos temos perante as diferenças individuais, contudo a prática do amor e da caridade em busca da harmonização traz o seu bem maior, que é conquistar exatamente o lugar que tanto buscamos. O perdão, a compreensão e a amizade são essenciais para que esse enorme bem ocorra na família. Lembra-se de Antony?

— E como iria esquecer desse episódio? Nicodemos, nós vencemos mais esta parte!

— E agora pensemos em como Elísia poderá ajudar a sua irmã — refletiu o amigo espiritual. — Perceba que, nesse caso, o modo de vida dela e das filhas tem grandes diferenças comparando-se aos costumes da sua família.

Os dois pediram a Deus que os auxiliasse e após alguns minutos em prece, enviaram a Elísia o seguinte pensamento, que ela captou claramente e passou a reproduzir oralmente.

— Gregória querida, Jaqueline e Elizabeth, vocês representam uma pequena parte do que restou da família de George. Percebam que somos

muito diferentes e as nossas diferenças não abrangem apenas a aparência física, mas também o pensamento e o modo de viver. Nós somos simples e à nossa maneira conseguimos manter o patrimônio que temos. Nele trabalhamos arduamente, enfrentando todo tipo de situação no dia a dia e, como fruto desse esforço, vejam o modo que vivemos e que podem conviver conosco nestes dias hospedadas em casa.

Gregória ouvia com atenção o que Elísia dizia.

— Com vocês ocorreu o contrário. Estão colhendo exatamente tudo o que deixaram de fazer. Não souberam manter o patrimônio, porque apenas gastaram o que Estéfano lhes deixou. Agora estão diante desse triste modo de vida. Uma coisa eu posso lhes assegurar: nesta casa, todos trabalham para viver. Não lhes deixarei sem-teto em consideração a George. Tampouco lhes faltará o que comer. Contudo, terão de aprender a trabalhar para pagar pela hospedagem. Não tenho condições de mantê-las no luxo. Aqui a realidade é outra. Também não pretendo ser rígida com vocês, apenas justa. Não existe empregada em casa.

Nesse momento Efigênia sentiu verdadeiramente que fazia parte da família.

Elísia continuou:

— Efigênia é apenas uma colaboradora nossa e eu a ajudo quando chego do trabalho. Portanto, cada qual terá de tomar conta do que lhe pertence. Depois mostrarei as instalações da casa que ainda não conhecem. Nesta casa, todos trabalham para não sobrecarregar ninguém.

Elísia disse que colaboraria com o teto para elas morarem e o com alimento na mesa. Além disso, cada qual faria a sua parte, com a condição exclusiva de que trabalhassem para manter-se.

Nicodemos olhou para George e do plano espiritual perceberam a reação de cada um que estava à mesa participando dessa reunião.

Elizabeth foi a primeira a demonstrar visível ira. Ela precisou esforçar-se para não falar algo do qual pudesse arrepende-se depois.

Ela temia pela possível reação de Elísia, sempre tão firme em suas decisões e que talvez não gostasse de ouvir o que estava pensando.

Calmamente, Jaqueline foi a única a manifestar-se.

— Titia, a senhora está correta quando disse que estamos colhendo exatamente as consequências dos nossos atos. Realmente nada fizemos para merecer o contrário. Se hoje estamos nesta situação de penúria é porque

merecemos colher esse destino. Nada mais justo que aprendamos a trabalhar pelo ganho do nosso pão, e se não o fizemos por bem no início, aprenderemos agora, nem que seja pela necessidade. Obrigada por nos proporcionar este teto e o alimento. Assim que pudermos, nos estabeleceremos em outro lugar. Obrigada pelos exemplos de vida digna que a senhora nos deu. Procurarei receber pelo meu trabalho e darei a ele o valor que nunca soubemos dar. O papai ficará feliz em nos ver transformadas.

Enquanto isso, Elizabeth pensava consigo:

“Chega de conversa mole! Eu não quero essa vida de esforço para mim. As minhas mãozinhas são muito delicadas para trabalhar. Eu preciso pensar bem depressa de que maneira poderei sair dessa situação.”

Na sua triste maneira de agir e de pensar, Gregória sabia que estava acabada!

Humilhara-se perante a cunhada e os sobrinhos e acabava de receber um corretivo. Precisando urgentemente encontrar uma solução para a sua vida, ela raciocinava:

“Eu não vim até aqui, cruzando caminhos horríveis, para receber estas palavras! Eu não mereço ser tratada desse modo! Quem Elísia pensa que é para nos tratar assim?”

George e Nicodemos admitiam que Gregória e Elizabeth realmente não tivessem jeito mesmo. A vida as ensinaria a ser melhores, eles conjecturavam.

— Nicodemos, meu amigo, Elísia fez muito mais do que nós dois faríamos ou diríamos a elas. Vamos retornar para a colônia, onde temos muito a fazer.

— É verdade, George. Elísia é firme e saberá mostrar à sua irmã e à sua sobrinha que não estamos na Terra para passear, e sim trabalhar para a própria evolução.

Os dois retornaram ao local de aprendizado e serviço de onde vieram e de lá poderiam ouvir os apelos de Elísia via pensamento.

Nesse instante, Gregória colocou a mão na cabeça e pediu licença para recolher-se mais cedo, porque estava sentindo uma forte dor de cabeça.

Elizabeth fez o mesmo, argumentando que faria companhia à mãe.

Elísia ficou só na mesa após os filhos e Jaqueline também se retirarem. Os jovens se reuniram no jardim para conversar enquanto não se fizesse a

noite na Terra.

Certamente não seria uma boa noite para Gregória e Elizabeth. O orgulho ainda falava muito alto na vida delas.

No quarto, Elizabeth abraçava a mãe, que chorava muito.

— Mamãe, não fique assim! Nós daremos um jeito!

— Qual jeito, minha filha? Não vê que estamos diante de um impasse? A sua tia nos impôs trabalhar para nos manter aqui! Não sabemos fazer nada, nem lavar as próprias roupas! Que dirá passá-las!

— Mamãe, só há uma coisa a ser feita.

— Fale, minha filha.

— Ainda nos restou a casa na chácara. Nós podemos perfeitamente nos instalar naquele lugar.

— Naquele lugar horrível?

— Mamãe, pense uma vez na vida — ponderou Elizabeth. — A titia não tem obrigação nenhuma de nos sustentar. Não admiti na hora, mas tudo o que ela falou sobre o que aconteceu, não podemos negar, é verdade.

— Sei disso, Elizabeth. Eu não queria isso! Voltar para lá, ver as pessoas que tanto se aproveitaram de nós.

— Mamãe, não devemos deixar que o orgulho faça parte novamente de nossa vida. Pelo menos lá ninguém nos dará ordens. Entende o que eu quero dizer?

— Eu também não desejo trabalhar, não sei fazer nada. Na nossa propriedade talvez consigamos pensar em algo melhor para nós. Por aqui já vimos que nada nos será dado. Posso ser orgulhosa e talvez me achem um pouco fútil, mas ainda penso em viver num lugar bonito, com tudo o que merecemos. Filha, eu nunca fui tão humilhada!

Elizabeth percebeu que a mãe ainda vivia no mundo dos sonhos. Embora ela fosse aloucada, orgulhosa, tinha os pés firmes no chão e sabia onde poderia pisar. E naquele terreno não seria bom continuar.

Mãe e filha ficaram trocando ideias, planejando o futuro comodamente deitadas nas camas do quarto.

Enquanto isso, Elísia ajudava Efigênia na cozinha limpando as louças, panelas, talheres e copos utilizados na refeição.

Elísia estava quieta, cansada, após ter dito as palavras firmes que tocaram o íntimo de cada hóspede. Sabia que a decisão do futuro caberia a cada pessoa querida que por ora participava da acolhida naquele lar.

Efigênia pensava no quanto a vida prega peças.

— Dona Elísia, a senhora já parou para pensar se essa conversa não tivesse sido hoje?

— Tem razão, Efigênia. Até quando elas poderiam usufruir de nossa hospitalidade? Percebeu que Gregória não queria contar a real situação em que se encontram?

— Talvez até quando a senhora perguntasse, titia.

Elísia e Efigênia levaram um susto enorme. Era Jaqueline.

Refeita, a tia comentou:

— Desculpe-me, Jaqueline. Percebo que você é a mais sensata de todas.

— Titia, não estranhe o comportamento de Beth e de mamãe. A mamãe vive no mundo da fantasia, como se pudesse, não é? E Beth aproveita e usufrui desse jeito da mamãe para fazer o que acha melhor, só que ela tem noção da nossa realidade. O que a senhora disse está certo. Conversei com os primos e pensei que talvez eu pudesse trabalhar na oficina. Eles se propuseram a me ensinar o serviço. A senhora me autoriza a trabalhar com vocês?

— É claro que sim, Jaqueline.

Feliz, a moça abraçou a tia.

— Obrigada, titia — agradeceu Jaqueline. — Amanhã mesmo começo o meu aprendizado. Prometo que não vou lhe dar nenhum problema. Não quero ser inconveniente e se precisar chamar a minha atenção, eu peço que o faça para o meu próprio bem.

— Como você pode ter nascido de Gregória? É tão diferente dela! — comentou Elísia, sorrindo.

— Sempre fui, titia. Eu era mais parecida com o papai e a mamãe não gostava disso. Até com o meu jeito de vestir a mamãe se incomodava. Nunca me importei com isso e vivia do jeito que me sentia mais confortável.

— Jaqueline, percebo que nos daremos muito bem — disse Elísia. — Também sou desse jeito, sincera, e faço o que acho o melhor para mim.

— Obrigada, titia. Agora me deixe ajudá-las porque só estamos dando trabalho.

As três ficaram conversando enquanto trabalhavam. Em pouco tempo haviam terminado o serviço.

— Vê como terminamos rápido? — disse Elísia.

— É verdade, titia. Unidas conseguimos terminar em pouco tempo e ninguém ficou sobrecarregada.

— É exatamente assim que eu penso, Jaqueline.

— Eu também, dona Elísia — concordou Efigênia.

A noite se fazia alta. A conversa agradável uniu as três mulheres que encontravam afinidades pessoais.

Elísia gostava da companhia de Jaqueline. Efigênia tinha o mesmo pensamento. Parecia que elas se conheciam havia anos. A convivência entre elas seria profícua.

Certamente todos precisavam de uma noite de sono, que lhes traria o merecido reconforto.

Efigênia preferiu recolher-se e as deixou conversando.

As duas ainda conversavam quando os filhos de Elísia entraram na sala e se aproximaram delas.

Eles tinham tantos assuntos para tratar e muitos novidades enfrentariam em todos os setores de suas vidas.

## Capítulo XI

### As afinidades

Na imensidão do tempo, na eternidade, em seu amplo aspecto, o tempo é fugaz se observarmos as diferentes maneiras de viver.

Perceber o quanto são flexíveis e brandas as reencarnações, as desencarnações, os períodos vividos pelo espírito em ambas as situações, na erraticidade ou não, sujeitos a várias circunstâncias, é maravilhoso.

Verificamos que a cada renascer o espírito traz consigo o planejamento das situações “a priori”, suficientes para que a realização desse aprendizado possa estabelecer-se nos mais variados períodos da existência humana.

Sabemos que a eficiente maneira de realizar o aprendizado é estabelecer para si, diante dos obstáculos surgidos, os meios eficazes de iniciar a busca da jornada primeira, o objetivo maior, que é o aprimoramento pessoal do caráter.

E, dentro desses parâmetros, percebemos que a evolução moral é necessária e nos capacita à realização desse amplo aprendizado na Seara do Pai.

Jornadeando, pois, nesse amplo aspecto de aprendizes, estamos todos capacitando-nos a caminhar através de alamedas seguras para realizar o grande projeto existencial. Projeto este que só tem valor se aproveitarmos o tempo que, a princípio, é demasiadamente escasso.

Sob o ponto de vista do espírito e da reencarnação, percebemos o homem vivendo neste planeta escola, desempenhando suas funções, imerso em extenso aprendizado que poderá torná-lo melhor.

Sabemos que as colheitas são inevitáveis desde que semeamos o plantio de nossas obras.

Sabemos também que a sementeira é livre, porém a colheita se faz obrigatória. Se boa ou ruim, só depende de cada um, do uso do livre-arbítrio.

Estabelecemos dessa forma um parâmetro perante a eternidade, os feitos, a responsabilidade dos atos e suas consequências, o espírito milenar que todos somos e o progresso individual.

Analisemos o comportamento de Gregória, suas inconseqüências perante a vida e a dolorosa colheita das suas atitudes. Colheita nada fácil para quem ainda se localiza num “mundo particular” de sonhos, de perspectivas nada aceitáveis para quem um dia reencarnou com a firme decisão de trabalhar para o próprio sustento, aproveitando a oportunidade que Estéfano lhe havia proporcionado para vencer o orgulho e a insensatez.

Ela não soube retirar do infortúnio as lições preciosas para realizar o progresso interior. Ao contrário, sofria calada no quarto da casa da cunhada Elísia.

Gregória deixava que algumas lágrimas rolassem pela sua tez alva, deitada na cama com o colchão macio coberto pelo lençol branco perfumado.

Para ela, parecia que o mundo desabava mais uma vez. Lançava a responsabilidade do seu infortúnio a Estéfano, que havia partido para junto de Deus antes dela, causando-lhe todo esse sofrer, todo tipo de agruras que estavam reservadas a ela e a suas filhas.

Gregória parecia fora de si. Não conseguia admitir os erros cometidos levianamente na vida que levava após o desencarne de Estéfano. Vendera aos poucos o patrimônio deixado pelo marido, até que lhe sobrou apenas a chácara com a casa, que avistava ser a única e última chance onde poderia viver sem incomodar os parentes. Aliás, os únicos que lhe estenderam as mãos nesses últimos anos.

Os poucos familiares do lado de Estéfano apenas deixaram que ela e as filhas ficassem morando por um tempo no casarão da família, adquirido por eles por intermédio de terceiros.

Gregória se indagava:

“Deus! Por que sofro tanto? Por que sou uma pessoa que não admite que os percalços maiores sejam realmente o resultado da minha maneira de ser, como diz Elizabeth? Preciso urgentemente dar um jeito nesta situação. Não posso viver de favor nesta casa e muito menos trabalhar. Eu não fui preparada para isso.”

Gregória se questionava sobre o seu futuro.

Enquanto isso, Elizabeth, que possuía ideias semelhantes à mãe, pensava:

“Morar na chácara até que pode ser uma boa opção como medida de urgência. Agora, como poderemos nos sustentar? Eu não sei cultivar nada.”

Enquanto isso, Jacqueline combinava com Elísia e os primos o que fariam no dia seguinte.

Jaqueline era muito parecida com seu pai e procurava resolver os problemas da melhor maneira possível.

Sempre à custa do trabalho, ela realizava o aprendizado conseguindo superar os obstáculos que surgiam após as atitudes tresloucadas de sua mãe.

Nesse episódio percebemos que a luta era desigual, pois ela tinha como antagonistas de suas ideias a mãe e a irmã.

A noite veio calma, suave, o que muito os auxiliou a relaxar em seus aposentos.

Os filhos de Elísia ainda conversavam enquanto ela, após as preces sinceras enviadas ao Criador, se preparava para receber do sono benéfico o refazimento para as suas estruturas emocionais e físicas.

Elísia adormeceu rapidamente.

Enquanto o seu organismo trabalhava sem cessar, estabelecendo a harmonia necessária para mantê-la saudável e forte emocionalmente, seu espírito incansável lançava-se ao plano espiritual para encontrar-se com os seus afins, seus afetos mais caros.

Sabemos perfeitamente que, quando o corpo adormece, o espírito, mesmo ainda ligado a ele, estabelece contato especial com almas queridas.

Elísia, em desdobramento do sono, adentrou um recinto maravilhoso. Nele tudo emanava paz, reinante equilíbrio, harmonia entre os muitos espíritos encarnados e desencarnados.

Naquela bela ocasião, encontrou-se com George, a quem muito amava e que foi o esteio de sua vida enquanto encarnado. Ele estava acompanhado de Nicodemos.

Os dois a cumprimentaram com satisfação e caminharam para um amplo salão com muitos lugares.

Nessa colônia espiritual de imenso aprendizado havia esse salão que seria ocupado por visitantes, onde receberiam valiosos ensinamentos junto aos demais irmãos.

Assim como Elísia, muitos outros espíritos ainda encarnados para lá se dirigiam para receber, dos espíritos benevolentes, palavras edificantes e assistir a palestras maravilhosas, ricas de ensinamentos e confortadoras, que lhes traziam o refrigério e o fortalecimento para suas almas.

Ao despertar, sentiam-se confiantes em Deus e a fé tornava-se cada vez mais sólida, dando-lhes uma suave e agradável sensação de bem-estar.

Elísia, George e Nicodemos se acomodaram nos lugares da primeira fila, ficando em silêncio e em prece para aguardar o responsável que iria proferir a palestra da noite.

Após ouvirem uma melodia angelical, que invadiu o local e parecia advir do espaço celestial, a paz se estabeleceu no ambiente. O espírito de um senhor de aparência idosa, adentrando o salão, emanava paz. Ele postou-se à frente de todos os que estavam sentados.

Estavam completamente em êxtase por participar dessa experiência maravilhosa, esplêndida, belíssima. Todos os adjetivos aplicados não seriam suficientes para exprimir a sensação que a todos contagiava diante da espetacular recepção e da prece proferida por esse senhor de maneira ímpar.

A prece é a mesma que os encarnados realizam tão comumente em seu dia a dia e não sentem o esplendor e o significado que cada palavra remete ao Pai Celestial.

A oração do Pai Nosso exprimia a todos um convite inigualável de bênçãos, de gratidão, de fé, recebidas diariamente.

Pedir é apenas um ato que os humanos realizam mecanicamente. Entretanto, agradecer pelas bênçãos recebidas, no alcance dado nesse local, era algo indizível, imensurável.

O sentimento é algo tão profundo que às vezes não se encontra a palavra certa para dizer o significado do que sentiu.

Elísia sabia disso e, nesse momento, a paz que invadia o seu ser era tão profunda que apenas chorava de alegria, deixando extravasar o que sentia.

Assim acontecia a cada espírito e às almas afins.

Outros espíritos, com o intuito de aprimorar seu aprendizado, ali se encontravam e se permitiam sentir de acordo com os sentimentos aflorados diante de inigualável beleza.

Nesse contemplar, sentir e extravasar as emoções incontidas, a prece Pai Nosso chegou ao final deixando os presentes aptos a receber os ensinamentos da noite.

Elísia estava felicíssima ao lado de George, que lhe dizia:

— Minha querida, tenha paciência com Gregória. Ela ainda tem muito a aprender. Gostei da sua atitude no dia de hoje. Aos poucos ela compreenderá o quanto precisa aprender com você. Eu continuo amando-a, minha querida. O nosso amor é eterno.

— Sei disso, George, querido. Eu o amo e sou muito agradecida por tudo o que me ensinou e sou no dia de hoje.

— Não me agradeça, querida. Tudo o que é hoje dependeu exclusivamente da sua coragem, da sua fé em Deus. O aprendizado é contínuo, saiba disso. Agora vamos ouvir o preceptor da noite. Ele tem muito a nos ensinar.

Elísia e George, de mãos dadas, certamente assistiram à melhor palestra de suas vidas.

O responsável falou sobre a família, a responsabilidade perante os membros familiares, o papel de cada um e a omissão como fator prejudicial ao progresso do espírito reencarnado.

Explicou também sobre o convívio de espíritos afins e daqueles que ali vieram para absorver esse aprendizado e aprender com o núcleo familiar.

Enfim, a palestra forneceu dados que muito precisamos saber sobre os espíritos familiares.

Os espíritos vêm e vão no decorrer dos tempos de acordo com as suas necessidades de aprendizado e evolução. Encarnam, desencarnam, reencarnam novamente, ora como pais, ora como filhos, netos. Alguns foram os avós, tataravós...

A família é o núcleo que age como veículo e meio de levar o amor, vivenciar o amor fraternal, pois que só o amor nos leva a fornecer os elementos para realizar o aprendizado que necessitamos, elevando o espírito imortal ao patamar maior, pois o objetivo é melhorar-se, evoluir moralmente em todos os níveis que o progresso permitir.

E o progresso, como sabemos, se dá em duas vias. Quem ensina também aprende a ser tolerante, paciente, a entender o outro como é.

Sendo assim, a evolução requer muito amor e doação de ambas as partes, uma vez que o aprendizado não é unilateral.

Sempre aprendemos uns com os outros e evoluímos também. Essa é a meta: tornar o outro melhor e buscar aprimorar-se moral e espiritualmente.

Elísia pensava em tudo o que havia ouvido do palestrante. Ela tinha três filhos, cada um com seu jeito próprio de ser e de pensar. Sabia justamente o quanto era difícil participar desse aprendizado constante.

Percebia, contudo, que o seu amor era imenso e embora tivesse de ser firme com eles, amava cada um e com total dedicação procurava mostrar-lhes o lado bom, o caminho do bem a ser seguido.

Após a palestra, Elísia pôde conversar mais um pouco com George, tendo Nicodemos a acalentar esse brilho do reencontro daqueles dois seres que se amavam.

Nesse intercâmbio de aprendizado a evolução se faz certamente, uma vez que as noções adquiridas aparecem em forma de pensamentos certos, intuições, para tornar as decisões mais firmes, com base no amor.

Fundamentos não faltariam a Elísia para que pudesse utilizá-los em seu dia a dia, tão conturbado com a presença de Gregória e as filhas em sua casa.

Como se não bastassem os seus próprios problemas familiares! Muitas vezes Elísia pensou assim durante o dia anterior.

Retornando ao corpo ao alvorecer, Elísia se encontrava claramente em paz. Despertou do sono feliz.

Pouquíssimas recordações trouxera desse passeio astral. Apenas sentia claramente que estava feliz.

Fez as preces matinais e levantando-se da cama realizou as devidas providências de higiene corporal. Colocou uma roupa condizente com o seu trabalho, ajeitou as longas madeixas, olhou-se no espelho e pensou:

“Nada como um dia após o outro! Ontem eu estava tão cansada, com tantas preocupações e hoje estou ótima, com outra aparência. Sinto-me tão bem quanto nos tempos em que George estava vivo entre nós!”

Colocou um casaco preto por cima do vestido cinza, de comprimento longo, linhas simples, apenas acentuando a sua beleza natural, e saiu do quarto confiante de que viveria mais um dia especial concedido a ela por Deus.

Elísia nunca gostou de roupas com excessivas justaposições. Era simples e assim eram as suas vestimentas.

Desceu os degraus da escada que levavam para a sala e dirigiu-se até a cozinha.

Lá encontrou Efigênia elaborando o desjejum da família e dos familiares visitantes.

Não percebeu que no sofá da sala estavam Gregória e Elizabeth, já despertas e bem arrumadas, tendo ao lado delas as malas, que fizeram questão de carregar sem o auxílio dos rapazes.

Efigênia falou baixinho:

— Dona Elísia, encontrou a dona Gregória e Elizabeth?

— Não. Onde elas estão? — disse Elísia, confusa.

Nesse momento Gregória e Elizabeth adentraram a cozinha e cumprimentaram Elísia.

— Bom dia, minha cunhada!

— Bom dia, titia!

Elísia retribuiu o cumprimento de ambas.

— Minhas queridas, não precisam colocar essas roupas tão belas, tão chiques, para iniciar o trabalho nas oficinas. Lá é tudo muito simples, adequado apenas a organização e confecção do que realizamos.

— Minha querida cunhada — disse Gregória, sorrindo. — Eu e Elizabeth conversamos e decidimos retornar à nossa cidade. Aliás, nunca deveríamos ter vindo para cá. Se nós soubéssemos...

Elísia sentiu dentro de si algo que não desejaria.

Mal havia iniciado o seu dia, tão feliz estava, e agora dava de encontro com a cunhada dizendo frases inacabadas, dando margem a tantas interpretações.

— Gregória, Elizabeth, eu nem sequer imaginava que a palavra trabalho lhes trouxesse tanta aversão — lamentou Elísia, após longo suspiro. — Saibam que o trabalho enobrece as pessoas, as torna dignas, e não parasitas que vivem à mercê dos outros! Desculpem-me se falei todas essas palavras, mas vocês precisavam ouvi-las.

Gregória, sorrindo sarcasticamente, respondeu:

— Não se preocupe conosco, querida. Voltaremos ao nosso lugar, onde sempre vivemos e iremos morar na casa da chácara. Ainda temos algum dinheiro. Não é muito, mas será suficiente para pensar o que fazer da vida. Como você diz, não queremos ser parasitas de ninguém.

Elísia tentou se recuperar e ia dizer algo, porém lembrou-se de George e do que ele faria se ali estivesse. Convidou-as para sentar-se à mesa e participar do desjejum.

Após comerem em silêncio, levantaram-se e se dirigiram à sala, sentando-se novamente no sofá.

— Elísia, minha querida, logo mais iremos embora de sua bela casa. Apenas estamos esperando Jaqueline acordar para sairmos — informou Gregória.

— É lamentável que tudo tenha acontecido dessa forma! Vocês são os únicos parentes da parte de George. Eu não desejaria que isto transcorresse assim.

Jaqueline, que já estava entre elas, ficou surpresa com a decisão da mãe e indecisa se deveria acompanhá-las ou não.

Olhando para Elísia, pediu-lhe se poderia permanecer mais algum tempo ali; em troca, aprenderia o serviço nas oficinas.

— Jaqueline, minha querida, é claro que pode ficar morando conosco! — disse Elísia, olhando-a com ternura. — Adoraria vê-la trabalhando em nossas oficinas. É uma pena que a sua mãe decidiu retornar hoje. Ela também poderia conhecer as nossas atividades e, quem sabe, até interessar-se por alguma delas.

Jaqueline insistiu para que a mãe ficasse, porém ela foi irredutível nessa questão:

— Jaque, minha flor, pode ficar o tempo que quiser com a sua tia e com os primos. Quando cansar de trabalhar saberá onde nos encontrar.

— Minha irmã, eu vou acompanhar a mamãe — emendou Elizabeth. — Você a conhece bem e sabe que sempre tento tirá-la dos seus arroubos. A mamãe é muito impulsiva.

Jaqueline olhou-as com piedade.

— Mamãe, Beth, pelo jeito já estão mesmo decididas. Só posso desejar-lhes boa viagem e tenham muita sorte. Mamãe, só lhe peço que não venda a chácara, porque é tudo o que lhe resta de bens materiais.

As duas sorriram e falaram:

— Não se preocupe, minha flor. Até um dia.

Gregória e Elizabeth despediram-se de Elísia agradecendo a estadia e prometeram encontrar-se algum dia, quando estivessem mais bem estabelecidas. Elísia as abraçou e desejou com ternura que realmente fossem felizes. Disse que tomaria conta de Jaqueline como se fosse a sua própria filha.

Pela primeira vez Elísia viu Gregória agir com humildade ao agradecê-la pelos cuidados que ainda teria com a filha, e recomendou-lhes cautela em tudo o que fizessem.

Após os sentimentos aflorados serem externados, Elísia e Jaqueline, acompanhadas de Charles, Antony e Joseph, viram Gregória e Elizabeth partir em uma carruagem de aluguel.

Elísia teve vontade de chorar. Sentia-se completamente derrotada por não ter conseguido fazer a cunhada mudar de ideia. Abraçou Jaqueline e pediu-lhe desculpas.

— Titia, não fique triste desse jeito. A mamãe e a minha irmã são assim mesmo, como você pôde ver nestes dias. Ainda bem que a encontrei. Em sua família sinto-me completamente em casa. Sei que tenho muito a aprender e me esforçarei para não ter de dar-lhe preocupações.

— Eu agradeceria muito, minha querida. A vida já me fornece preocupação de grande monta.

Em pouco tempo, Elísia, os três filhos, a sobrinha Jaqueline e Efigênia iniciavam uma nova etapa em suas vidas.

Os cinco caminhavam alegres, conversando sobre outros assuntos até chegar ao prédio onde havia uma placa escrita: “*George — Oficinas de Arte e de Calçados*”.

Jaqueline contemplou a enorme placa e ficou pensativa, o que chamou a atenção dos demais.

— Prima, por que parou repentinamente de andar e ficou olhando a placa desse modo tão triste? — perguntou Charles.

— Desculpe-me. Por momentos lembrei-me do titio George, sempre tão bom conosco. Que bela homenagem vocês fizeram!

— Que nada, Jaque! — disse Antony. — A mamãe só completou o que o papai já havia feito.

— Jaqueline, a vontade de mamãe era colocar uma placa em cada setor das oficinas, mas nós achamos que seria muito — continuou Joseph.

Jaqueline o olhou profundamente e falou:

— Eu acho tão bonita a devoção, a gratidão que você sente por ele...

— E por que seria diferente? George não foi o meu pai biológico, mas foi o melhor pai que Deus pôde me dar. Para mim, que fiquei órfão muito novinho, George foi o único pai que realmente conheci e lembro o quanto era carinhoso, dedicado. Ensinou-me a ser o que sou hoje.

— É maravilhoso ouvi-lo dizer essas palavras tão belas!

Elísia, emocionada e abraçada aos filhos, falou:

— Jaqueline, minha querida! A partir de hoje fará parte da nossa família também. Seremos unidos em tudo o que nos acontecer, nas alegrias, nas tristezas, nos trabalhos, enfim, em tudo o que uma família possa passar...

— Obrigada, tia! Obrigada, primos! A partir de hoje serei a nova integrante dessa família tão bela. Muito obrigada, tia, por me conceder essa oportunidade. Muito obrigada, meu Deus! Só peço que olhe pela minha mãe e pela minha irmã.

Os cinco reunidos formariam, a partir desse dia, uma bela família, assim como vemos tantas se unirem pelos mais variados sentimentos e afinidades.

## Capítulo XII

### Os interesses

Nos parâmetros encontrados sob o ponto de vista familiar, divisamos, pois, como já observado anteriormente, os laços que os unem: os consanguíneos apenas e os duráveis, as afinidades, os laços espirituais.

Pertencemos, portanto, todos nesse embasamento, que só sob a égide do espírito encontramos explicação plausível a tudo o que nos cerca e nos ocorre.

Nas famílias isso fica claro. Naquelas unidas por laços consanguíneos desenvolvemos o senso da prática do amor, da caridade e outros atributos que nos levem à compreensão, à paciência, muitas vezes à resignação diante daquele que nos traz problemas incessantemente e ao qual atribuímos o termo “ovelha negra”. Pensemos justamente de que forma poderemos auxiliá-lo para que se torne melhor.

Viver, conviver com os afins ou não, é um aprendizado constante, e nele nos incluímos também como filhos de Deus, caminhando cada qual com a sua bagagem especial, com seus dotes, defeitos, virtudes, a um fim específico: a evolução.

O aprendizado se dá justamente na convivência familiar. Seja de que maneira escolheu conviver, seja em qual família tenha decidido aprimorar-se, saiba sempre que está na melhor família que Deus lhe poderia proporcionar, a fim de que possa desenvolver sua potencialidade, promovendo a mudança moral que terá como consequência a própria evolução espiritual.

A família, como já dissemos, é a melhor escola para o desenvolvimento das potencialidades, pois as possibilidades encontradas no meio familiar auxiliam sobremaneira.

Portanto, famílias unidas através dos laços afetivos de outrora, por afinidades presenciais ou por laços consanguíneos como meio de

aprendizado e evolução, são os melhores meios que conduzem ao aperfeiçoamento do indivíduo.

Novamente nos atemos ao assunto referencial tendo a família como égide, meio e ponto primordial a fim de que ocorra o aperfeiçoamento moral. Nisso, tem fundamental importância o amor, elo que nos solidificará e nos sustentará em todas as circunstâncias, nesta, nas anteriores ou posteriores reencarnações.

Traduzindo em outras palavras, diremos que o aluno esforçado aprende melhor as lições que lhe são prestimosamente ensinadas. Assim, significativamente o comparamos ao homem que se esforça para vencer os mais variados caracteres, através das provas e das expiações que sempre são as justas lições para realizar o aprendizado, tornando-o melhor.

A eficiência desse trabalho só depende de cada um, quando dentro de si rompe as amarras que o prendem ao passado obscuro, visando a um novo hoje e a um novo amanhã para sua vida.

Poderemos perguntar mais uma vez: onde encontraremos o melhor meio de via de progresso?

Novamente repetimos: na família que escolhemos.

É justamente nela que encontramos todas as possíveis medidas que nos tornem melhores. Na convivência fraternal, na aplicação do amor ao próximo, na indulgência, exercitando as máximas que o Cristo nos ensinou e aludiu como as melhores ferramentas para transpor os obstáculos: a fé, o amor, a caridade incondicional. Nelas incluem-se também as outras virtudes, ensinando-nos a aceitar o outro tal como ele é e ajudando-o a vencer a si próprio, retirando as amarras do orgulho, da ambição, da vaidade, do egoísmo, todas as chagas que destroem o homem e qualquer relacionamento saudável.

Neste aparte, percebemos o quanto poderemos evoluir e, para tanto, só depende de cada um iniciar tal mudança.

Nos preâmbulos desta obra destacamos como mote a primordial célula da sociedade: a família e os aspectos intrínsecos que podem torná-la mais um ponto de aperfeiçoamento do ser.

Percebemos o quanto temos diversificado os elementos familiares em seus núcleos, destacando o que vai no íntimo de cada elemento que os constitui e que a princípio seria de amor, de compreensão, medidas essenciais à boa vivência e à evolução.

Retornando à nossa história, veremos a família de Elísia adentrando o enorme local de trabalho.

Nesse dia, o funcionário de confiança, senhor Alfredo, foi recepcioná-los como sempre com um sorriso, sua marca pessoal, desejando a todos um bom-dia.

Todos retribuíram o sorriso e o cumprimento desse bom senhor, que ostentava os fios de cabelos branquíssimos em sua cabeça e nas têmporas, marcas da idade.

Alfredo sempre fora o fiel colaborador de George e tinha por sua família alta estima.

Elísia apresentou-lhe Jaqueline como a sua sobrinha, filha da irmã de George, e explicou que ela ficaria algum tempo morando com a sua família.

O bom homem estendeu-lhe a mão para cumprimentá-la, dando um sorriso imenso e falou:

— Jaqueline, seja bem-vinda a esta família. Deus possa abençoá-la e que traga muita alegria para a dona Elísia.

A moça, estendendo a mão para o bom velho, respondeu com um belo sorriso em seus lábios:

— Muito obrigada, senhor Alfredo. Eu procurarei ajudar a titia que me tem mostrado como devemos ser perante as dificuldades. Se Deus me permitir, um dia pretendo ser forte tal qual a titia é.

Elísia segurou a mão de Jaqueline e falou:

— Querida sobrinha, a vida nem sempre nos dá o que desejamos. Aprendi que para realizar as nossas conquistas, precisamos trabalhar e nos esforçar. Deus ajuda quem vai à luta, quem trabalha direito, honestamente.

O senhor Alfredo concordou com Elísia, dizendo:

— Pelo que observei você é uma pessoa de caráter firme e será uma excelente colaboradora desta casa.

— Obrigada, senhor Alfredo. Contudo, nada sei. Mas tenho imensa vontade de aprender.

— Isso é o principal. Vejo que Jaqueline encontrará aqui um lugar do qual irá gostar. O aprendizado é diário, constante. Agora me dê licença, vou atender um cliente.

Joseph, avistando o referido cliente, percebeu a presença de alguém que tanto o marcou por todos esses anos.

Era Fabrícia, a donzela misteriosa, que adentrava a loja acompanhada da senhora sempre vestida de negro.

Jaqueline a observava e comentou com a tia:

— Titia, que pessoa misteriosa é aquela usando a capa? Não está tão frio ao ponto de usar essa vestimenta pesada.

Elísia percebeu que Joseph havia ficado transtornado e pediu licença, dirigindo-se a ambas. Alfredo as atendia e o rapaz, que mal podia se conter, aproximou-se delas.

— Por que a senhorita está sempre com essa capa tão pesada? — Joseph se arriscou a perguntar.

— Meu rapaz, seria de bom tom que não se dirigisse a esta donzela — advertiu a senhora que a acompanhava. — Ela está comprometida e em breve se casará.

— Mas, senhora, então ela é uma prisioneira?

— Não é bem assim. Eu me responsabilizei perante os pais dela, antes da morte deles, que cuidaria dela.

— Desculpe o meu modo meio intruso de ser — Joseph tentava justificar-se —, porém as vi algumas vezes na capela e agora, na minha presença, percebo o quanto essa donzela deve sofrer com esse tipo de restrição que lhe impõe fugir de todos, do mundo — e pedindo enfaticamente, suplicou: — Deixe ao menos que ela possa ver o mundo como é e não através da abertura frontal do capuz.

A donzela nada dizia. Apenas mantinha a cabeça abaixada por recomendação da sua guardiã.

De repente, Fabrícia levantou a cabeça e reconheceu diante de si o rapaz que tantas vezes percebeu estar sentado no banco da capela.

Joseph pôde enfim perceber a real beleza daquele rosto. Ah! Quantas noites insones pensando como seria vê-lo de perto... E agora ele estava bem diante dos seus olhos; e o que via, jamais esqueceria pelo resto de sua vida.

Foram momentos preciosos que registrou em sua mente. Como ela era linda! Os dois se entreolhavam como se o tempo tivesse parado.

Nesse instante, Alfredo trouxe a encomenda da senhora, que falou:

— O senhor pode registrar esse produto no seu caderninho? Como as outras vezes eu o pagarei da mesma forma.

— Senhora Beatrice, a jovem Fabrícia precisa experimentar o sapato.

— Sei disso, senhor Alfredo. Mas neste momento este rapaz a está importunando com os seus olhares e não gostaria que ele visse os pezinhos de Fabrícia.

Alfredo olhou para Joseph, que entendeu a mensagem.

— Desculpe-me, senhora Beatrice. Jamais desejaria importunar a senhorita Fabrícia e não faltei com o respeito. Mesmo assim, as deixarei em paz. Cuidarei do meu serviço. Até mais ver.

Beatrice não gostou do jeito de Joseph, mesmo assim agradeceu a gentileza dele em deixá-las em paz.

Joseph mirou mais uma vez os olhos de Fabrícia, cujo brilho parecia dizer-lhe muitas palavras que ele, todavia, não conseguia decifrar.

Virou-se em direção da sua mãe, que acompanhava Jaqueline e mostrava as oficinas e os trabalhos realizados, e não percebeu que Fabrícia o acompanhava com o olhar até o momento do encontro com a sua mãe e com a prima.

Fabrícia novamente ficou triste, pensativa. Ela imaginava que Joseph poderia ser o seu príncipe encantado e o via agora ao lado de uma bela jovem.

Alfredo percebeu todo o movimento da jovem e apenas observou que, após a retirada de Joseph, a jovem manteve o olhar triste de quando chegou. Ele também havia percebido que a jovem iria casar-se contra a própria vontade e que a senhora Beatrice ganharia por isso.

Dessa feita, o senhor Alfredo também não se conformava com o que via acontecer na sua frente.

Fabrícia não demonstrou nenhuma alegria ao colocar os sapatos em seus pezinhos. Retirou-os rapidamente e os entregou nas mãos de Alfredo, que fez questão de embrulhá-los.

Ele pediu que Fabrícia escolhesse qual papel usaria para fazer o embrulho. A jovem olhou para Beatrice e disse:

— Escolha a senhora. Hoje não estou bem.

Beatrice se levantou da cadeira reclamando:

— Nunca vi noiva tão desanimada! Deveria dar graças a Deus por eu ter arrumado para você um noivo que lhe dará uma vida de princesa.

Enquanto Beatrice escolhia o papel, rapidamente Fabrícia perguntou ao senhor Alfredo.

— Quem é aquele rapaz?

— Joseph, filho da dona desta oficina.

— Ele está comprometido?

Alfredo sorriu.

— Oh! Não! Aquela jovem é a prima dele.

No mesmo instante Fabrícia retribuiu o sorriso dizendo:

— Eu vou me casar com Philip, filho do Monsieur Konstantini, contra a minha vontade. A senhora Beatrice foi a pessoa que combinou o meu casamento com ele, mas não o amo.

— Minha jovem, diga-me, há algum parente seu por aqui? — especulou Alfredo.

— Próximo não existe ninguém, apenas uma prima da mamãe que mora ao sul da cidade.

— Eu não deveria aconselhá-la, mas vejo que não será feliz nesse casamento. Se achar-se mais fortalecida, procure a sua familiar e vá morar com ela.

Nesse momento Beatrice se aproximou.

— Senhor Alfredo, coloque o sapato nesta sacola discreta de papel escuro.

Alfredo fez o que Beatrice pediu e ambas saíram da loja apressadamente. Nem sequer se despediram propriamente dele.

Ao longe, o bom homem observou que as duas entraram em uma carruagem que se distanciou rapidamente.

Aproximando-se do fiel funcionário, Joseph perguntou:

— Senhor Alfredo, observou que aquela pobre donzela vive nas mãos daquela senhora? Que horror!

— É verdade, Joseph. Lembra-se daquele senhor que esteve aqui com o filho comprando o sapato e pagou bem por ele?

— Sim, senhor. Eu me lembro.

— Pois bem, a senhora Beatrice arrumou o casamento do rapaz com a donzela Fabrícia.

— Não entendo. Como ela suporta tudo isso, assim, desse jeito? Qualquer pessoa já teria achado ruim, saído de casa.

— Então, foi o que recomendei a ela.

— Será que ela vai ouvir os seus conselhos?

— Não sei, Joseph! Não tenha esperanças nem pense nisso. Essa situação é muito complicada e envolve pessoas de poder. É melhor não se

envolver...

Nesse momento Jaqueline se aproximou do primo e falou:

— Joseph, tenho tantas ideias na minha cabeça. Será que eu posso ajudá-los fazendo desenhos dos sapatos e dos móveis? Lá onde eu morava havia tanta diversidade de modelos.

— Joseph, ocupe o seu tempo com o trabalho — disse Alfredo, aos risos. — Jaqueline o ajudará a esquecer os problemas. Nada melhor do que trabalhar, preencher o tempo com bons e úteis pensamentos.

Joseph começou a rir e concordou com o bom homem.

Jaqueline, sempre ao seu lado, logo procurou papéis, pincéis e lápis para desenhar suas ideias, os modelos que em sua expectativa fariam sucesso na região.

A dupla inicial logo ganhou mais adeptos. Charles e Antony colaboravam com os aspectos práticos dos croquis, modelos desenhados no papel que aos poucos tomavam forma, movimento, inovando o catálogo de produtos.

Os meses passaram na vida dessa bela família, que tinha seus ideais e tudo realizava com amor, criatividade e união, deixando-os com a mente ocupada.

Joseph não mais pensava naquela frágil donzela. Compreendera que o destino dela era casar-se com o filho do homem mais rico e poderoso do lugar.

Entretanto, nesse meio tempo, Fabrícia enfim conseguira realizar o sonho de liberdade.

Ela fugiu dos desmandos de Beatrice em uma noite chuvosa, aproveitando que os guardas não ficaram nos seus devidos postos de vigia.

Fabrícia pensou muito em como a sua vida havia mudado desde o dia em que pôde desabafar com alguém.

O senhor Alfredo lhe dera o alento de que, um dia, ela seria capaz de libertar-se do jugo da senhora Beatrice e do Monsieur Konstantini.

E, assim, Fabrícia conseguiu fugir em meio à tempestade na noite escura.

Levou consigo poucas roupas, apenas o suficiente para poder viver longe dos desmandos de Beatrice. Qualquer lugar para ela seria o ideal, desde que estivesse longe do castelo que fora para ela uma prisão.

Lá ela vivia com Beatrice desde que os seus pais morreram, deixando-a aos cuidados dessa senhora, que se responsabilizou pelos interesses da única filha deles.

Quanto Fabrícia chorou em sua vida!

A capa pesada, que sempre utilizou nos anos mais recentes de sua vida, ainda lhe fazia companhia.

Fabrícia conseguiu um bom cavalo e com ele pôde afastar-se rapidamente do castelo.

Enquanto fugia, montada a cavalo, as lágrimas se misturavam aos pingos grossos da chuva que lavavam o seu rosto e a sua alma.

Durante muitas horas ela teve o cavalo, amigo fiel, como companhia e meio de transporte. O animal galopava sem parar, afastando-se da cidade. Fabrícia sabia que a prima de sua mãe morava naquela direção.

O alvorecer mansamente clareou o seu primeiro dia de liberdade. Ela olhava a paisagem calma das matas. O cavalo, cansado, apenas caminhava devagar.

Fabrícia não tinha pressa em chegar à casa daquela prima distante, pessoa que havia visto uma única vez na vida — ou pelo menos lembrava tê-la visto, antes de os seus pais morrerem.

Devagar, o cavalo a conduzia através das folhas verdes.

Enquanto apreciava uma relva belíssima, percebeu movimentações e conversações por perto. Pensou que nas imediações haveria certamente alguém que poderia ajudá-la.

Aproximou-se devagarinho e por pouco não foi vista por aquelas pessoas ali reunidas.

Afastou-se suficientemente, a uma distância que ficasse a salvo e pudesse ouvir a conversa daqueles homens.

Por instantes sentiu um frio percorrer o seu corpo. Eram ladrões e faziam planos para realizar mais um roubo.

Fabrícia deduzia que, pelo visto, não era pouca coisa.

Em pouco tempo eles montaram em seus cavalos e saíram em disparada na mesma direção pela qual ela viera.

Fabrícia agradeceu a Deus por ter escapado ilesa. Acariciou a cabeça do cavalo e falou:

— Bom amigo, agora somos nós dois a sair daqui. Continuemos a nossa caminhada. Ainda demoraremos a chegar no nosso destino.

Ela não tinha mais certeza se um dia encontraria a prima da sua mãe e até mesmo se desejava realmente morar lá. Pensava no quanto Beatrice iria destrata-la se a encontrasse, mas ao lembrar todos os anos em que esteve presa naquele castelo, reunia forças para prosseguir a sua caminhada.

Pedia a Deus que a guiasse até um lugar seguro, onde pudesse viver apenas.

Não mais desejava casar-se um dia ou ser feliz.

Queria apenas viver em paz, ter a liberdade de ver a natureza, como fazia nesse momento, de pensar, agir livremente, respirar o ar puro.

Ah! Que sensação de liberdade, de paz, ela sentia...

Aos poucos percebia surgir um atalho e decidiu seguir por ele. Depois, esse atalho tomou forma de uma estradinha de terra, cercada por árvores altas dos dois lados.

Fabília alegrou-se ainda mais ao ver, bem longe, uma velha casa de madeira, no sopé da montanha.

Estava contente e encheu-se de ânimo. Após muitas horas, tendo apenas como companhia o belo cavalo, acreditava estar perto da civilização.

Procurou aproximar-se da casa e amarrou o cavalo em uma árvore, deixando-o descansar. Preferiu andar a pé, devagarinho, para espreitar o local.

O silêncio marcava presença. Apenas os animaizinhos da mata pulavam de um lado para o outro e os passarinhos entoavam uma belíssima melodia.

Tudo lhe parecia espetacularmente belo.

Apreciou a paisagem maravilhosa, repleta de plantas nativas e árvores frondosas.

Conseguiu aproximar-se da casa de madeira escurecida pelo tempo e notou que estava irremediavelmente só naquele lugar ermo, isolado de tudo e de todos.

Se antes era tratada com o maior desvelo, com o castelo cheio de empregados, porém sem liberdade, nesse momento via-se totalmente livre, sem ninguém por perto.

Admitiu que a partir de então teria de suprir sozinha todas as suas necessidades prementes.

Chegando perto da casa, observou que por ali não passava ninguém havia muito tempo. Um telhado recobria a parte externa da casa.

Fabília pensou:

“Que ótimo! Vou limpar este local e deixá-lo aprazível para eu poder viver aqui.”

Tentou abrir a porta, que a princípio imaginou estar fechada, e para a sua surpresa ela abriu apenas com um pouco de força, quando a jovem empurrou-a para dentro.

Mais uma surpresa, gratificante até, pois percebeu que aquele local fora habitado por pessoas caprichosas.

Observou a existência de um fogão a lenha, que curiosamente não estava totalmente apagado. Algumas brasas da lenha ainda queimavam.

Olhou em cima da mesa e viu um bule e algumas canecas contendo um líquido ainda com temperatura morna.

Adentrou mais um pouco e notou que na sala havia alguns objetos colocados no chão.

Mexeu em alguns sacos e neles viu objetos caros, provavelmente fruto de assaltos.

Sentiu novamente um frio percorrer o seu ser.

Estava diante do pior espetáculo que jamais ousou ver: aquela casa, fruto de esperança, de liberdade, era o refúgio de assaltantes, provavelmente os mesmos homens cuja reunião havia presenciado na mata.

Imediatamente saiu da casa, puxou a porta, tentando fechá-la, como a encontrou, e correu para o lugar onde havia deixado o cavalo, seu fiel amigo.

— Amigo! Estamos perdidos! Vamos embora daqui agora mesmo! — falou, parada diante do cavalo, antes de nele montar.

Parecendo entender o desejo de Fabrícia, o cavalo a levava pela estrada o mais rápido possível, na direção em que ela o conduzia. Mais uma desesperança para Fabrícia! Mais um engano!

Certamente Deus a conduziria para um caminho seguro. Havia muita fé, confiança de que a bondade divina novamente poderia ajudá-la a vencer as vicissitudes da vida.

## Capítulo XIII

### A fuga

Conseguimos destacar com ênfase profunda, tal qual se estabelece nessa premissa, que a jovem Fabrícia se vê diante de situações terríveis, principalmente em se tratando do encontro com os assaltantes, que vivem à custa da usurpação dos bens alheios, adquiridos através de muito labor.

Especificamente neste caso, logramos dizer que o bem alheio se refere única e exclusivamente à posse real daquele que o obteve com por meio do trabalho responsável e diário.

Desde o mais alto ponto do qual emana a luz até o mais ínfimo ponto existente, a capacidade humana leva-nos a perceber que há regras de conduta, desde os primórdios, que inibem o ato de lesar o próximo.

Destacamos o sétimo mandamento: não furtarás.

É uma pena, realmente, que desde os primórdios, até os dias atuais, sempre exista alguém querendo “levar vantagem” sobre o outro.

O que significa levar vantagem?

A dedução é lógica: o ladrão tira proveito de algo que pertence a outrem, tirando de sua posse ou controle o que lhe era de direito. Como se esse ato não bastasse, sabemos que acarreta consequências incalculáveis ao prejudicado.

Também existem indivíduos que usufruem das conquistas do próximo para o seu exclusivo poder. É o caso dos roubos, assaltos, desde os de pequena monta, até os maiores.

Pertencendo a esse grupo que assalta pequenas lojas, casas, palácios, existe aquele que dá as ordens.

A realização dos planos é efetuada por muitos que sintonizam no mesmo patamar, ou seja, acostumaram-se a obter dos outros objetos que mais tarde serão vendidos, angariando lucro que compartilham entre si.

Porém, a divisão pode não ser igual quando há a figura do “líder” do grupo, que exige para si a maior parte.

Mas todos, indiscutivelmente, agem contra as leis divinas e as leis terrenas, comprometendo-se. Caberá, a cada um, reparar no futuro os erros cometidos no pretérito. Sem contar que provavelmente ainda na encarnação atual já terão de começar o processo de reparação, desde o momento em que forem presos.

Sabemos, contudo, que mesmo tendo os erros pagos perante as leis terrenas, cumprindo as penas impostas nos julgamentos, eles ainda se mantêm atados aos erros através do arrependimento que a própria consciência lhes acusa.

Este é o pior julgamento. É o que faz de si mesmo, dos atos cometidos que ninguém consegue retirar, ficando as máculas registradas a lhe acusar dos feitos de outrora.

Apenas o arrependimento sincero e a firme vontade de reparação perante aqueles a quem lesou é o que poderá trazer-lhe um pouco de paz.

Assim ocorre em muitos casos iguais ao que Fabrícia pôde presenciar.

Naquela manhã fria, ela não sabia ao certo qual direção seguir. Buscava alguma que pudesse levá-la até o encontro com a prima distante.

Nesse momento, seria um tanto difícil para ela esconder-se e relativamente fácil para Beatrice encontrá-la. É bem provável que Beatrice pensasse na referida prima como a primeira pessoa a quem Fabrícia solicitaria abrigo.

Ela fugia sem pensar direito e, naquele momento, apenas desejava estar o mais longe possível do refúgio dos ladrões.

Tinha no cavalo Azulão o seu único amigo, a conduzi-la para um destino ainda incerto.

Percebeu nesse instante que a roupa do corpo já estava seca. Notou também que a alegria tomava conta do seu ser. Ao longe viu algo parecido com um vilarejo, mas lembrou que estava sem dinheiro algum.

“Como poderei pagar por uma hospedagem?”

Dentro de si existia uma forte vontade de vencer e admitiu que talvez pudesse trabalhar para manter o seu sustento e o repouso adequado ao refazimento físico.

Pensou em seu fiel amigo Azulão e concluiu que seria muito difícil ficar com ele se conseguisse realmente um local para morar. Achou melhor, contudo, não o vender por enquanto. Só depois que conseguisse encontrar a tia o venderia, sem pressa, buscando um bom comprador.

Concluiu que seria urgente encontrar um local para guardá-lo, a fim de a família de Beatrice e também a família de Philip, que provavelmente viriam ao seu encalço, não o identificassem.

Após mais algumas horas Fabrícia chegava ao vilarejo. Era observada pelos moradores enquanto “desfilava” com o seu belo cavalo pelas pequenas e modestas ruas.

Nesse vilarejo havia uma única rua central, com algumas lojas, e nas laterais algumas casas de madeira com muita vegetação entre as casas.

A rua mais parecia um caminho de terra completamente repleto de vegetação, ora rasteira, ora mais alta. Até algumas árvores se destacavam nesse ambiente, onde a riqueza maior era a abundante natureza, que variava nos tons verdes em incontáveis nuances.

Tudo parecia ter saído de dentro de uma tela de pintura maravilhosamente confeccionada pelos homens. Só que esse cenário foi confeccionado pelas mãos de Deus!

Olhou mais à frente e leu numa placa: “*Hospedaria Violeta*”. Amarrou o cavalo com a corda em uma madeira roliça na frente do local, a fim de que o seu único meio de transporte não fugisse dali.

Adentrou a porta de madeira escurecida e já dentro do salão percebeu que mais uma vez se enganara. Aquele era na verdade um lugar típico de diversão e jogos.

Quando um senhor lhe comunicou que as portas somente se abririam logo mais à noite, ela ainda tentou explicar-se, dizendo que procurava por uma hospedaria.

O senhor deu uma longa gargalhada, pigarreou, colocou o cigarro na boca e falou:

— Senhorita, eu lhe darei um conselho: para seu próprio bem saia deste lugar o mais rápido possível. Aqui não encontrará o que procura. Siga viagem e mais adiante, após umas duas horas, encontrará o lugar decente que deseja.

Fabrícia agradeceu a gentileza do senhor e saiu o mais rápido que pôde, sob os olhares das pessoas, que curiosas saíram às ruas para ver aquela inusitada viajante.

Montou em seu cavalo e saiu em disparada, temerosa pelo que pudesse lhes acontecer.

Percorreu um longo trecho e percebia que nesse ponto a estrada já era bem larga. Pensava que seu primeiro dia de liberdade fora repleto de surpresas de todos os tipos. Pensava também como seria a reação da senhora Beatrice, que ia acordá-la todos os dias. Imaginou o quanto ela estaria irada e como Monsieur Konstantini receberia a notícia da fuga.

Mil pensamentos passavam por sua mente. Lembrava com carinho dos seus queridos pais, dizendo para si:

“Papai, mamãe, por que partiram tão cedo, deixando-me nas mãos de Beatrice? Por favor, de onde estiverem me ajudem! Eu não sei mais o que fazer da minha vida. Estou tão cansada.”

Nesse instante Fabrícia sentiu um leve carinho na face, tal qual a sua mãe fazia quando ela estava em necessidades. Chorando, a jovem falou:

— Mamãe! A senhora me ouviu! O que faço da minha vida?

Veio-lhe então a intuição de caminhar por um atalho da estrada e ela deixou-se levar por aquele caminho.

Após alguns minutos já estava a uma boa distância da estrada principal, encontrando diante de si uma paisagem bucólica, maravilhosamente repleta de vegetação e flores do campo.

Encontrou outro atalho e por ele seguiu admirando a natureza tão bela.

Ao longe, escondida atrás do morro, vislumbrou uma casa simples. A princípio sentiu medo de aproximar-se e ficou escondida com Azulão atrás de algumas folhagens.

Dedicou-se a observar o ambiente.

Não demorou muito e apareceu uma senhora idosa, tendo como companhia um cão de cor marrom, que logo ela descobriu o nome:

— Venha cá, Job! — chamou a senhora.

“Interessante... Por que será que ele recebeu esse nome?”, Fabrícia pensava.

Enquanto isso, Azulão comia a grama perto dela.

Job notou a presença deles e instintivamente começou a latir. A velhinha perguntou:

— Há alguém aí?

Fabrícia ficou com medo e continuou quieta. Mas não teve jeito. Job identificou sua localização, os alcançou e passou a latir insistentemente.

A idosa acompanhou o cão portando uma arma. Era a forma de se proteger vivendo naquele lugar distante.

Chegando perto de Fabrícia, teve piedade dela e falou:

— O que faz sozinha neste lugar? Por acaso está perdida?

Imediata e apressadamente, Fabrícia contou-lhe sobre a sua vida, história que a idosa ouvia com a máxima atenção.

Depois de muito pensar, a senhora falou:

— Pobre menina! Tão cedo perdeu os pais e foi morar com uma aproveitadora! Diga-me o nome dos seus pais. Ah! Esqueci de me apresentar: sou dona Ivone.

— Dona Ivone, o meu pai chamava-se Edward e a minha mãe Estela.

A mocinha percebeu que a velha senhora alterou o semblante. Claramente a sua tez mudou de cor, empalidecendo-se por completo. Fabrícia ficou com medo de que algo pudesse acontecer a ela.

— Senhora, por favor, precisa de alguma coisa? O que posso fazer pela senhora?

Fabrícia amparou a anciã, que nesse momento disse o nome inteiro do seu pai e da sua mãe.

— A senhora os conheceu? — perguntou Fabrícia.

— Sim, minha querida. Acho que foram eles que a induziram a seguir este caminho. Sou a tia Ivone, irmã de sua avó materna já falecida. Dê-me um abraço.

— A irmã de vovó! Por Deus! Eu estava procurando pela prima da mamãe e encontro a irmã da minha avó materna!

As duas se abraçaram fortemente, deixando claro que finalmente a caminhada de Fabrícia chegava ao fim.

— Fique morando comigo! Já estou velha o suficiente para procurar outros lugares para viver.

Fabrícia lembrou-se da prima de sua mãe.

— Dona Ivone...

— Por favor, pode me chamar de tia Ivone — disse-lhe a boa senhora, demonstrando carinho.

— Obrigada, tia Ivone. Estou pensando em uma situação que pode acontecer.

— Diga, minha flor.

— É o seguinte. A senhora Beatrice sabe da existência da prima da mamãe e, certamente, quando ela der por minha ausência, mandará os guardas atrás de mim. Tenho medo de que a prima fale onde a senhora vive.

— Fabrícia, a minha filha não vem aqui há anos e, por sinal, moro neste lugar há pouco tempo. Só se...

— O que titia?

— Só se ela der o meu antigo endereço para Beatrice e a vizinha informá-la o meu novo endereço.

— Estou perdida novamente — lamentou Fabrícia.

De repente elas ouviram o trotar de cavalos puxando uma curiosa charrete, uma adaptação do que seria uma carruagem.

Ivone começou a sorrir.

— Menina! Até os céus estão colaborando com você — celebrou a senhora. — Veja, é Cristine, minha filha. Justamente hoje ela veio me visitar! Venha conhecê-la!

— E o meu cavalo?

— Pode deixá-lo aí mesmo. Cuidado ao amarrar essa corda na árvore para que ele não fuja daí.

— Titia, vou tirar esta capa horrível que tanto usei no passado — disse Fabrícia, determinada.

— Faça isso mesmo, minha querida! Agora, vida nova!

Ivone segurou as mãos de Fabrícia, que a ajudou a caminhar até perto da casa. Próximas à entrada da simples moradia, foi a vez de Fabrícia empalidecer.

— O que foi que lhe aconteceu? — indagou Ivone.

— Titia, veja. Cristine trouxe uma pessoa com ela. Se for alguém a mando da família do meu noivo ou da senhora Beatrice, por favor, diga que não me viu.

— Está bem, é melhor que eu averigüe primeiro. Se tudo estiver bem, venho buscá-la — planejou a boa senhora. — Você tem razão, Cristine não veio sozinha. Volte imediatamente para o lugar onde estava e fique em segurança.

Fabrícia acatou o pedido de tia Ivone e ficou esperando, escondida. De onde estava pôde ver perfeitamente que a visitante gesticulava e conversava com uma pessoa que ela conhecia: justamente o guarda em quem a senhora Beatrice mais confiava.

Fabrícia pensou:

“Como a senhora Beatrice me localizou tão rápido? Eu nem sequer cheguei ao meu destino e eles já estão atrás de mim!”

Tia Ivone chegou à casa com algumas ervas para fazer chá nas mãos e encontrou a filha conversando com um guarda. Ao vê-la, a filha exclamou:

— Mamãe! Que preocupação a senhora me deu! Cheguei e não a vi. Por onde andava?

— Como vê fui colher ervas para fazer os meus chás. Que bons ventos a trazem aqui? Quem é esse senhor?

— Vamos entrar um pouco — disse-lhe a filha. — Enquanto faz o seu chá, eu lhe conto o que aconteceu. Até parece brincadeira que isso tenha acontecido.

Ivone os acolheu em casa e começou a preparar o chá.

— Conte-me o que aconteceu. Estou curiosa para saber! — apressou-se Ivone em iniciar a conversa.

— Mamãe, lembra da prima Estela?

— Sim, e daí? Ela já morreu há tanto tempo! Coitada! Que Deus a tenha.

— É isso mesmo, mamãe. Só que ela deixou uma filha para a senhora Beatrice cuidar e ser tutora dos bens que a menina herdaria — explicou-lhe Cristine.

— Tudo isso para mim é um tanto confuso. Como a sua prima Estela confiou a filha a uma pessoa estranha? Nós somos da família dela. Coitada dessa menina!

— É verdade. O que aconteceu é que essa menina cresceu e já é uma mocinha em idade de se casar.

Cristine narrou parte da mesma história que Fabrícia lhe havia contado e outra parte que a senhora Beatrice havia instruído o guarda para dizer aos parentes.

— Então, mamãe, a história é essa — concluiu a filha. — A senhora Beatrice preparou a menina de Estela para casar-se com o filho do senhor mais rico da região. Mas a desnaturada fugiu ontem no início da noite.

— Como Beatrice sabe se ela fugiu de madrugada ou no início da noite? Por que ela não fez nada para impedir?

— É o seguinte, minha senhora — interrompeu o guarda. — Quando fui me deitar, percebi que estava faltando um cavalo no lugar onde costumeiramente os deixamos. Eles ficam próximos ao local onde ficamos para que os utilizemos assim que necessário. Achei melhor comunicar a falta do cavalo e fui perguntar a dona Beatrice se alguém havia saído com o

cavalo. Após algumas deduções, percebemos que era a menina Fabrícia que havia fugido no meio da chuva torrencial.

— Agora, sim, estou entendendo essa história toda — disse Ivone. — E o pai do noivo dela já sabe disso?

— Ainda não. A senhora Beatrice pretende encontrá-la e trazê-la de volta antes que ele saiba dessa fuga — respondeu o guarda.

— Pode ficar sossegado. Se ela vier aqui em casa eu avisarei a minha filha. Aliás, Cristine era chegada à mãe dela. Se por acaso ela vir por estes lados, é certo que irá procurar por Cristine e não aqui, pois nem a conhecia direito.

O guarda percebeu que a senhora tinha razão. Tomou o chá e partiu com Cristine rumo ao vilarejo onde ela vivia.

Antes de partir, porém, Cristine fez mais recomendações a sua mãe para que se cuidasse e para avisá-la caso Fabrícia aparecesse por lá.

— Não se preocupe comigo, minha filha! Como percebe, estou muito bem de saúde.

Cristine sorriu e partiu com o guarda.

Ele não contara que havia visto a moça fugir. Tinha medo que a culpa pudesse cair sobre a sua cabeça.

E, além do que, o guarda não esperava que Fabrícia pudesse estar tão longe, temendo pela vida da coitada, que não tinha dinheiro algum, nem rumo certo.

O guarda havia sido relapso em sua função. Ele sabia disso. Ao mesmo tempo, acreditava que Fabrícia pudesse procurar e instalar-se na casa de pessoas conhecidas.

Não queria que a jovem donzela continuasse a sofrer as pressões de Beatrice, tampouco obrigada a um casamento repleto de tantos problemas pessoais.

Se por um lado tinha de cumprir as suas obrigações, por outro torcia para que Fabrícia encontrasse um lugar para viver onde realmente fosse feliz.

O guarda estava mais aliviado porque sabia que Azulão era um cavalo forte e poderia ajudar Fabrícia a percorrer longos caminhos sem se cansar.

Ele pedia a Deus que a ajudasse e olhasse pelos seus caminhos; que ela encontrasse alguma alma bondosa que cuidasse dela com verdadeiro amor e não apenas por interesse a tudo o que os seus pais deixaram.

O guarda estava pensativo e, ao seu lado, Cristine percebeu que ele alimentava certa preocupação com o desaparecimento da moça.

— Tenório, não há muitos lugares onde procurar por Fabrícia. Desculpe-me se a sua busca foi infrutífera. Quem sabe a menina fugiu para direção oposta a esta...

— Pode ser que sim. Creio que, onde ela estiver, estará mais feliz do que enquanto vivia naquele castelo cheio de luxo — refletiu o guarda. — Apesar de toda aquela riqueza, vivia como uma prisioneira da senhora Beatrice.

Cristine olhou-o atônita.

— Por que não contou logo que Beatrice a conduziria ao altar contra a vontade dela?

— Eu não poderia dizer-lhe isto antes porque precisava encontrá-la para levá-la de volta — explicou Tenório. — Agora que não sabemos o paradeiro de Fabrícia, acredito que seria até melhor que ela não retornasse e realmente encontrasse o afeto que jamais obteve de Beatrice.

— Então, volte imediatamente para o castelo e diga a essa Beatrice que a família de Fabrícia irá conversar com ela e tirá-la do castelo que era dos pais da menina — afirmou resoluta. — Certamente ela não terá mais nada a fazer naquele lugar. Nem cuidar direito da filha da minha prima querida ela o fez! Diga que se em um mês Fabrícia não retornar, eu irei instalar-me lá e não a quero por perto.

— Direi, sim, com o maior prazer — confirmou o guarda. — Ela não merece ficar onde não honrou o compromisso de cuidar direito da filha dos patrões.

A viagem não foi tão demorada como Tenório imaginava, visto que a casa de Ivone distava apenas algumas horas de viagem até a casa de Cristine.

Se Fabrícia tivesse conduzido Azulão por mais algum tempo, certamente teria encontrado o guarda que sempre a acompanhava até a capela.

Desta vez, finalmente Fabrícia estaria livre dos desmandos de Beatrice.

Como os visitantes já estavam bem longe, Ivone finalmente fez sinal para que ela se aproximasse e, abraçando-a, disse:

— Minha querida, foram seus pais que induziram os seus passos até aqui. Graças a Deus você não seguiu viagem, caso contrário teria

encontrado o guarda na casa da minha filha.

— Nem me diga isso, tia Ivone. Se ele me encontrasse não sei o que seria de mim. O meu tormento iria continuar...

— Esqueça o passado. Daqui em diante estará bem. Prometo que, enquanto eu viver, não sofrerá mais. Em nome de Deus eu lhe prometo que a sua mãe e o seu pai estarão bem onde se encontrarem, porque saberão que você está no meio familiar, ao lado de pessoas que poderão ajudá-la, tratá-la com carinho. Eu só não posso lhe oferecer as riquezas que possuía no castelo de seus pais.

— Tia Ivone, de que me adiantava tanta coisa se eu não tinha sequer a liberdade para agir, sempre usando aquela capa para proteger-me dos olhares alheios.

— Minha querida, hoje será o recomeço de sua vida — celebrou a boa senhora. — Irá trilhar caminhos simples, contudo não lhe faltarão afeto e compreensão.

Fabília abraçou a tia e agradeceu a boa vontade dela em ajudá-la e a Deus por protegê-la.

Assim, a jovem conheceria o outro lado da vida: o simples, o belo, tudo que ela tanto almejou ter um dia.

Enquanto isso, no outro extremo dessa região, Beatrice não se controlava em ter perdido o seu trunfo, que lhe renderia o recebimento de favores da parte de Konstantini.

Cada minuto para ela significava horas e a ansiedade tomava conta do seu ser.

Certamente era o pior dia da sua vida...

Tenório não teve pressa para retornar. Passou pela pequena vila, onde conversou com alguns curiosos que confirmaram a passagem de Fabília por lá.

Pela descrição do cavalo e da moça com capa, não teve dúvidas de que ela havia passado por ali e seguido o seu caminho. Só não entendia como não a encontrou e isso o preocupou. Sabia, contudo, que se Fabília havia conseguido passar por aquele lugar e de lá saiu ilesa, certamente alcançaria o seu destino.

Caso fosse à casa da prima de sua mãe, encontraria o respaldo, a acolhida que tanto precisava. Ele até torcia para que nunca mais ela

retornasse ao castelo ou, pelo menos, enquanto Beatrice ainda estivesse morando lá.

Nesse caso, Fabrícia teria de usufruir o que era seu por direito, sem a presença de Beatrice, para ser livre e feliz ao lado daquele que viesse a amar.

## Capítulo XIV

### Os acontecimentos

Compreendendo exatamente o problema de ambas as partes, o guarda Tenório possibilitou a Fabrícia a chance de encontrar a felicidade junto a alguém que pudesse amá-la, perfeitamente tudo o que sempre idealizou em sua mente antes pueril. Agora, ela já era outra, havia amadurecido.

Muito embora tivesse apenas quinze anos nessa época, os pais já decidiam o futuro de suas filhas e dos filhos. Nesse negociar, muitas vezes esqueciam-se dos interesses dos jovens, a fim de exaltar os seus interesses particulares.

Raríssimas vezes aconteciam uniões baseadas no conhecimento mútuo, no amor entre duas pessoas. Não se levava em conta o que os jovens pensavam sobre o acordo realizado pelos seus responsáveis, como no caso de Fabrícia. É notório o quanto Beatrice ganharia com esse casamento.

No castelo, Beatrice torturava-se com mil pensamentos. A ansiedade gerava em seu organismo um mal-estar exacerbado, chegando ao ponto de quase desmaiar.

Ela sentia ódio em ter deixado escapar o seu maior trunfo, que lhe daria o que desejasse e que almejava realizar em troca do sentimento que ela nunca soube o real significado: o amor.

Beatrice tinha em mente os seus interesses em primeiro lugar. Pensava em Monsieur Konstantini, que viria visitá-los no dia seguinte, e sofria imensamente só em imaginar que teria de desmanchar o acordo devido à fuga de Fabrícia.

Sabia que Konstantini não era homem de aceitar uma negativa, e principalmente nesse caso, pois os convites já haviam sido enviados e os convidados ficariam hospedados em seu domínio particular, no seu palacete.

Mil pensamentos a perturbavam.

Tratou de ir para a sacada do enorme salão para respirar ar mais puro. Ledo engano. Assim que pisou na ampla área externa, verificou que o guarda Tenório, ao longe, retornava para o seu refúgio, sozinho.

Completamente fora de si, ela gritou, blasfemou, dizendo palavras sem nexos, uma vez que teve a certeza de que Fabrícia não fora encontrada e, conseqüentemente, ela perderia todas as recompensas prometidas por Konstantini.

Fora de sua razão, começou a descer a escadaria do castelo rapidamente. Porém, sua pressa a fez tropeçar no barrado da saia. Ela caiu e bateu a cabeça com força nos degraus.

Ao tocar no chão, seu corpo jazia sem vida.

Beatrice faleceu nesse estágio de desespero, causado por sua ambição e ganância.

Após algumas horas, Beatrice, em espírito, completamente atordoada pelos últimos sentimentos e acontecimentos turbulentos, manteve-se ao lado do corpo tentando erguê-lo, dizendo para si própria:

— Beatrice, levante-se desse chão! Você tem muito a fazer!

Em vão ela tentou erguer o corpo já inanimado. Para seu tormento ainda maior, percebeu outros espíritos raivosos perto dela, que a princípio desconhecia. Tentou gritar por socorro e não obteve ajuda, uma vez que nem sequer os empregados da casa ouviam os seus gritos desesperados.

Obteve, contudo, amparo de espíritos que, em épocas remotas, haviam sido amigos dela.

Eles apostavam que desta vez, nesta encarnação, Beatrice pudesse desempenhar direito as suas funções, com uma programação reencarnatória que lhe proporcionaria viver com abundância em todos os sentidos.

Deveria atuar no sentido de fazer prevalecer o amor ao próximo, retirando de si a inveja, a ambição, a ganância, chagas que vivenciou em tantas outras reencarnações.

Realmente, uma pena!

Beatrice mais uma vez declinou de suas intenções primeiras, prejudicando novamente a sua evolução moral e a espiritual.

Percebemos os mecanismos que Deus nos dá para que efetuemos a nossa evolução. A encarnação é um aprendizado, um teste contínuo para que possamos provar que conseguimos realizar boas obras, afastando-nos dos atrasos, das chagas que nos prendem ao pretérito.

Os espíritos socorristas observaram que outros espíritos sem entendimento se aproximavam de Beatrice, pois ela emanava constantes pensamentos e energias malélicas.

A emanação de bons fluidos, de amor, dos bons pensamentos que eles enviaram foi capaz de afastar aqueles espíritos ainda presos na faixa mental que Beatrice se mantivera até então.

Dessa forma, através do amor, os bondosos espíritos auxiliaram mais uma vez Beatrice, que lhes era cara, um afeto de outrora que ainda não havia conseguido estagiar na fonte viva do amor e do bem.

É interessante pensar que ao nosso lado existem espíritos que se assemelham à nossa própria maneira de ser e de pensar, e isso os atrai. Novamente temos a atuação da lei de afinidade: os bons atraem para si os bons; os maus atraem para si os maus.

Após longo período, Beatrice finalmente foi acolhida pelos seareiros do alto, do bem, a fim de que pudesse receber o devido tratamento espiritual no plano do qual fazia jus e recuperar a consciência completa. Mas isso ainda levaria muito tempo.

O restabelecimento depende especificamente da aceitação ou não do espírito em querer realizar esse proceder no Plano Maior. É um problema que atinge todos os espíritos quando desencarnam. Muitos não aceitam o auxílio fraterno dos mensageiros e seareiros divinos e retornam ao meio em que viveram, ficando na erraticidade por tempo indefinido. Era mais uma questão que Beatrice precisava resolver: aceitar ou não o auxílio das equipes laboriosas desse trabalho sagrado.

No plano material, Tenório já havia chegado há várias horas e junto dos empregados foi procurar por Beatrice para dar a notícia do resultado infrutífero da sua busca.

Ao vê-la no chão, inerte, sem vida, todos levaram um enorme susto.

Em sua mente, nesse momento, o guarda só pensava na jovem Fabrícia que estava, a seu ver, foragida, sem paradeiro.

Tratou de realizar logo as medidas necessárias para o enterro daquela para quem por muito tempo trabalhou.

Não adotava como certo os modos que ela agia, nem como pensava. Contudo, era o empregado a quem ela mais confiava os seus feitos.

A morte da senhora de negro causou um grande alvoroço na pequena cidade, e logo a notícia chegou aos ouvidos de Konstantini, que se viu

ameaçado perante os compromissos diretamente ligados ao único filho.

Procurou estar perto de Tenório para saber o que realmente havia acontecido naquele castelo e o guarda aproveitou a situação para contar exatamente o que havia acontecido.

Imediatamente Konstantini reuniu seus guardas e pediu que procurassem pela jovem Fabrícia por toda a região. Para a sua infelicidade, ninguém sabia direito como eram as feições da jovem, uma vez que sempre usou a capa escondendo o corpo e a touca ou o véu ocultando a sua face.

Konstantini se sentiu ameaçado mais uma vez de servir de chacota para o povo. Ele dizia para si:

“Já não basta servir de gozação por ter um filho ‘delicado’, agora tenho que me controlar diante desse casamento que não vai acontecer. Nem ao menos eu pude ver direito o rosto da jovem, o que dirá os meus guardas? Não há meio de encontrá-la.”

Após o enterro do corpo de Beatrice, Konstantini arrumou suas malas e as do seu filho dizendo que ficariam meses na Europa e que o tão esperado casamento não mais ocorreria.

Konstantini tinha esperanças de encontrar alguma moça de boa família que pudesse consorciar-se com o seu único filho.

Mais uma página virada na vida deles.

Philip ainda tinha esperanças de um dia poder viver tal qual ele era e, quem sabe, seu pai encontrasse alguém que o fizesse feliz, deixando-o em paz.

Mais alguns períodos terrenos se passaram para todos.

A notícia do falecimento de Beatrice deixara todos da pequena cidade surpresos. Mais surpresos ainda ao saberem que a jovem Fabrícia havia fugido para não ter de casar-se com Philip.

O interessante desse episódio é que, sem querer, mais um espetacular afeto surgiria nessa história, tendo-se em conta que a jovem Jaqueline possuía muitas qualidades e afeiçoou-se à família da Elísia.

Por momentos, Elísia chegou a pensar em como seria bom se a jovem realmente fosse a sua filha do coração.

Elas se davam muito bem e Jaqueline estava completamente integrada à nova família.

A jovem trabalhava auxiliando-os na oficina, nos desenhos, aliás, muito bem aceitos pela família que, colocados em prática, chamavam a atenção de

todos pelo requinte, pelo estilo dos calçados femininos e masculinos.

Até nos móveis ela aplicava suas ideias, transformando simples aparadores em objetos de arte, encontrando boa aceitação dos clientes mais antigos.

A oficina de arte e calçados ganhava fama tanto no âmbito local quanto no âmbito nacional. Até alguns pedidos surgiram de outro país.

Aquela oficina constituía um marco importante de trabalho na cidade e região.

Alguns anos se passaram na vida de todos e a família de George continuava trabalhando com amor, criatividade e alcançando muito sucesso.

Para Elísia, Jaqueline já fazia parte de sua família. A união de Antony, Charles e Joseph muitas vezes ainda era abalada devido às diferenças comportamentais e de caráter de cada um. Contudo, Elísia tinha como aliada importante a medianeira Jaqueline, que sempre os fazia voltar à razão nos momentos extremos.

A vida de Elísia, Efigênia, Jaqueline e dos filhos era um exemplo de doação de si, do amor e do trabalho incessante.

O senhor Alfredo sempre dizia a Elísia:

— Se George estivesse entre nós, certamente estaria muito feliz!

— Ele está sempre presente nos nossos pensamentos e nos nossos corações. Neste momento está ao seu lado, senhor Alfredo.

— Credo, Elísia, isso é jeito de falar de alguém que já morreu?

Ela ria do jeito simples dele.

— Não tenha medo, senhor Alfredo. George sempre gostou muito do senhor.

— Ah! Isso é verdade e a recíproca é verdadeira! Que falta ele faz para nós!

— Senhor Alfredo, não se preocupe com isso. Se ele não pode estar ao nosso lado, com um corpo, como nós dois, ele está por várias ocasiões ao nosso lado em espírito.

— Elísia, é incrível a senhora dizer tudo isso desse jeito tão natural. Onde aprendeu tudo isso?

— Senhor Alfredo, tudo é natural. Veja bem, nós somos espíritos com um corpo e quando morre o corpo, o espírito fica livre e vai para lugares onde possa sentir-se bem, aprender, ser esclarecido e até trabalhar no mundo espiritual. Eu aprendi tudo isso com a dona Irma. Ela me orienta e

transmite tanta paz! Sabe que ela já falou uma vez como se fosse o meu George?

— Cruz credo! Não fale essas coisas.

— Não tenha medo! Eu tenho certeza de que era o espírito do meu George que falou através dela. É psicofonia, como a dona Irma me explicou depois. E o recado de George condiz com o jeito de ele pensar. Até parece que eu o estou vendo novamente na minha frente.

— Interessante! Muito interessante essa conversa de espírito — disse Alfredo, tentando disfarçar o medo que a palavra lhe causava. — Bem, agora vou cuidar do meu serviço, senão já viu.

— É melhor mesmo que vá trabalhar, senão... — disse Elísia, rindo bastante.

Cada qual se dirigiu ao seu trabalho pensando em como seria bom se George pudesse retornar como antes e estivesse ao lado deles.

A mediunidade de Elísia vez ou outra se manifestava dentro das reuniões e estudos na casa de dona Irma.

Ela nada dizia, nem aos seus, porque os filhos eram reservados quanto a esse assunto tão belo. Somente Jaqueline a acompanhava nessas reuniões, com quem ficava horas discutindo os assuntos relacionados ao Espiritismo.

Elas comentavam sobre a bondade divina em nos permitir vivenciar plenamente os nossos papéis terrenos como meio de evolução e aprendizado para o próprio espírito e, além disso, poder auxiliar outros espíritos que ainda não possuíam esclarecimentos nas reuniões ocorridas na casa da dona Irma.

Irma dizia que ali era um posto de socorro para muitos espíritos sedentos de auxílio e fixou a residência, o seu lar, em outra casa próxima a esse “posto de socorro espiritual”.

Quanta evolução Elísia conseguia realizar em sua vida, de alcance maior, infinito, através do seu dom da mediunidade!

Longe dali, na casa de Ivone, Fabrícia ficou sabendo tempos depois do ocorrido com a senhora Beatrice.

Naquela casa tão humilde encontrou o amor e a compreensão que tanto necessitava.

Fabrícia não sentia vontade de retornar ao castelo de sua família e sempre dizia:

— Naquele castelo conheci meus melhores e piores dias. Eu não sinto vontade de retornar àquele lugar.

— Minha querida, você precisa com urgência cuidar do patrimônio que os seus pais deixaram para você — procurava alertá-la Ivone.

— Tia Ivone, eu sei que Teodoro é uma pessoa boa e cuidará de tudo assim como tem feito todos esses anos. Desde que ele descobriu o meu paradeiro, vem visitar-nos e colocar-me a par das notícias. Além do mais... — Fabrícia relutou por um instante.

— Complete a frase, minha querida.

— Além do mais, eu não quero deixá-la sozinha neste lugar tão ermo... — Fabrícia pensou por um momento e continuou: — Tia Ivone, posso pedir uma coisa?

— Pode, se eu puder ajudar. O que é?

— Se eu preciso cuidar dos bens deixados por papai e não quero deixá-la sozinha, o que acha de vir morar comigo? Sei que eles também ficariam felizes...

A boa senhora olhou-a com ternura, passou a mão em seus fios de cabelos dourados e disse:

— Minha querida, agradeço o seu convite e a sua dedicação por mim — disse Ivone, carinhosamente. — Se você for embora sentirei tanto a falta da sua companhia...

— Eu também, titia! Sentirei muito a falta de sua companhia. Por favor, ajude-me a tomar conta do que os meus pais deixaram — suplicou Fabrícia.

Ivone sorriu para ela e conduziu a resposta dentro do que a jovem esperava.

— Fabrícia, me dê alguns dias. Preciso me organizar para realizar esta mudança.

— Então, a senhora aceitou o meu convite?

— O que vou fazer sem você por perto, minha querida? É claro que não a deixarei só. Você já sofreu demais nas mãos daqueles usurpadores, enganadores.

— Está bem, titia. Eu a ajudarei no que for preciso. Leve pouca coisa porque lá temos o que precisamos.

— Sei disso, minha flor. O que não tem no seu castelo é exatamente isto.

Ivone apontou a plantação rica em ervas com as quais realizava os seus chás medicinais, a horta com os vegetais que adorava fazer as suas

deliciosas receitas.

— Entendi o que quis dizer, titia. Fique à vontade para fazer as suas mudinhas. Eu vou ajudá-la.

As duas ficaram felizes arrumando as mudas, sem perceber que o tempo havia passado depressa demais.

Já estava anoitecendo quando ouviram o trotar de alguns cavalos, que pararam perto da casa.

Ivone olhou pela janela entreaberta e suspirou aliviada.

— Ainda bem que é Tenório. Mais uma vez ele veio nos informar sobre os acontecimentos do castelo.

— Titia! Eis a nossa oportunidade! Vamos retornar com ele! — entusiasmou-se Fabrícia.

— Você tem razão, minha querida.

Tenório aproximou da casa e bateu palmas. Logo Ivone e Fabrícia foram recebê-lo.

— Que bons ventos o trazem até aqui, amigo?

— Desculpe-me, dona Ivone! Sei que esta não é a hora mais apropriada para visitar a casa das pessoas. Só vim porque preciso comentar algo que aconteceu.

A boa senhora fez com que ele entrasse e se sentasse na cadeira da pequenina cozinha, dizendo-lhe:

— Pronto, agora pode dizer a que veio, Tenório.

— É o seguinte, cara Fabrícia. Monsieur Konstantini apareceu no castelo querendo cobrar as dívidas da senhora Beatrice e como ele está pretendendo casar-se novamente, quer dar aquele castelo para o filho Philip. Acredita que ele me ameaçou caso eu não o deixasse entrar nos domínios do seu castelo?

— E o que você fez? — interrogou a boa senhora.

— Dona Ivone, simplesmente disse que não abriria as portas, pois a dona daquela propriedade estaria de volta em breve.

— E o que ele respondeu? — perguntou Fabrícia.

— Disse que você deve honrar o compromisso com o filho dele.

— Jamais isso acontecerá — sentenciou Ivone. — Fabrícia, eu e Tenório a defenderemos dele. Você não tem compromisso com ninguém. O compromisso foi estabelecido por Beatrice e como ela está morta, o que ela falou ou fez não tem mais valor.

— Foi justamente isso o que eu disse a ele — comentou o guarda.

— E o que ele respondeu? — insistiu Ivone.

— Simplesmente que pagaria para ver o que ia acontecer.

— Mas esse Konstantini é prepotente! Ele verá que com Ivone ninguém passa por cima, ele não manda nas nossas vidas — afirmou Ivone, resoluta.

— E comigo também — asseverou Tenório, completamente indignado com o ocorrido.

— Tenório, me ajude a colocar estas mudas na carruagem e algumas malas que organizarei rapidamente — pediu Ivone. — Voltaremos com você hoje mesmo. Não deixarei margem para que esse senhor diga o que quiser, sem que receba uma resposta à altura.

Tenório estava feliz.

— Essa foi a melhor notícia que já ouvi desde...

Nesse instante Fabrícia o interrompeu:

— Nem continue a dizer o que pensa, meu caro! Isso aconteceu há muito tempo, deixe que ela descanse em paz.

— Se aquele veneno todo esparramar na terra, com certeza não nascerá nenhum mato lá — disse Tenório.

— Está certo que Beatrice não era uma pessoa boa — refletiu Ivone. — Temos mostras do mal que ela causou a Fabrícia, porém ela recebeu o que mereceu. Deus que é bondoso, que é Pai, não deixa que os seus filhos sofram eternamente.

Mal sabia ela que Beatrice ainda vagueava pelos cômodos e aposentos do castelo como se ainda estivesse viva. Não aceitara o auxílio dos bons espíritos e situou-se no local onde vivera por tantos anos como se fosse a real dona do local.

Nesse intercâmbio entre o mundo dos espíritos e dos homens, percebemos claramente o quanto se diversifica a aceitação daquele que desencarnou. Dependendo do estágio evolutivo e do apego ao local onde morou, o espírito pode prolongar a sua estadia terrena vivendo na erraticidade.

Beatrice sofria por não poder fazer coisa alguma no castelo onde passou grande parte da sua vida encarnada. Agora, desencarnada, via-se totalmente incapacitada de realizar os seus desejos.

Talvez, se houvesse alguém no castelo com a mediunidade da vidência e pudesse identificá-la no local, seu espírito tão necessitado de ajuda e de

esclarecimento teria a possibilidade de receber auxílio.

Em sua maneira apegada às coisas materiais, Beatrice dificilmente aceitaria sua condição de desencarnada.

Tampouco se deixaria levar às colônias de aprendizado, do qual tanto necessitava.

Prolongando um pouco mais nesse assunto, dialogando sobre os espíritos na erraticidade, sabemos que existem muitos locais de acolhimento e de esclarecimento específicos à necessidade particular de cada espírito.

Uma vez desencarnado, o espírito se lança ao espaço, retornando ao mundo espiritual. Muitos não admitem ou não entendem que não mais fazem parte do mundo dos encarnados, e sim dos desencarnados, sem ter a exata noção de que já passaram para o outro estágio.

O espírito, portanto, vai aonde tem a sua necessidade saciada, ora nas devidas colônias espirituais — onde encontra o atendimento fraterno, o esclarecimento, podendo servir de meio imprescindível para a sua evolução —, ora nos meios em que já viveu, ora busca afinidades pessoais.

Tudo depende do entendimento e da essência de cada um.

No caso de Beatrice, surpreendentes episódios lhe advirão para que possa finalmente aceitar o real auxílio espiritual a que faz jus.

## Capítulo XV

### O retorno

Como percebemos, temos o dever de mostrar o quanto o afeto conduz a vida dos humanos.

Mediante essa premissa, constatamos a união afetiva existente entre Fabrícia e Ivone. Duas pessoas carentes, necessitadas de apoio, de auxílio mútuo, foram capazes de unir-se tais quais fossem realmente filha e mãe, ou até mesmo neta e avó.

Nesse discernir, ousamos destacar a amizade simples e bela surgida desde a chegada de Fabrícia naquela casa, um lugar ermo, praticamente escondido, longe da estrada.

Unidas, procuravam através do auxílio mútuo uma maneira de ainda mais solidificar a amizade surgida pelas necessidades de proteção e de ajuda.

Manifestações semelhantes ocorreram com Jaqueline em relação a Elísia. Elas se completavam até nos interesses comerciais.

Em contraponto, observamos Gregória a lançar os seus últimos níqueis na conquista de alguém que pudesse dar-lhe o luxo e a riqueza, deixando-se de submeter-se ao esforço árduo do labor diário.

Constantemente ela procurava colocar-se em evidência nos altos círculos sociais, realizando também uma curta viagem ao local mais frequentado por aqueles que poderiam fornecer-lhe o modo de vida que considerava mais apropriado para si.

Empreendeu, assim, os seus últimos recursos em busca do parceiro ideal que pudesse dar-lhe o que tanto ambicionava.

Em uma dessas viagens, houve o encontro com Konstantini. Gregória, sempre elegantemente trajada, chamou a atenção dele, conquistando um lugar no seu coração.

Por vias incertas, Gregória rapidamente comprometia-se com Konstantini, fazendo com que ela retornasse à cidade onde a filha Jaqueline

vivia com a tia Elísia.

Por força do destino, inevitavelmente Philip sentiu Elizabeth aproximar-se dele, mesmo tendo o seu jeito especial de ser. A moça soube envolver o rapaz, que propôs fossem eles apenas amigos. Diante do pai, porém, comportavam-se como pessoas enamoradas, pois desejava que ele parasse de pressioná-lo.

No início tudo começou tal qual brincadeira inocente, como se fossem crianças. Sem perceberem, contudo, a amizade entre os dois tornou-se sólida.

Elizabeth era a melhor e única amiga de Philip.

Os dois tramavam cooperar com a intenção do pai dele, casando-se no futuro.

Voltando a Gregória, percebemos o quanto ela lutou para conseguir os seus objetivos. O que ela não esperava, porém, aconteceu de maneira simplesmente espantosa e natural.

Nunca imaginaria ter a filha que mais lhe era parecida casando-se com alguém da estirpe de Philip. Não que ela tivesse algo contra as tendências do rapaz, mas não entendia como se realizaria a união de ambos se Philip, o noivo, tinha outro modo de se comportar diante do socialmente esperado para o sexo masculino. Na mente de Gregória tudo parecia ser uma incógnita. Elizabeth, a seu turno, queria pagar para ver o que o futuro lhe reservava.

Notamos quantas voltas a vida dá! E nessas voltas, tudo pode acontecer! Até a união declaradamente pública de Philip com Elizabeth, toda repleta de etiquetas sociais, predileções que seriam satisfeitas perfeitamente por Konstantini se houvesse realmente o casamento entre ambos.

Era desejo do poderoso senhor apossar-se do castelo pertencente à família de Fabrícia e que, por direito, era dela, para que o filho fosse lá morar com Elizabeth.

A maneira de pressionar Fabrícia foi o único meio que encontrou de poder tomar posse do castelo, pois, ao seu ver, Fabrícia nunca mais apareceria para reclamar o que os pais haviam-lhe deixado.

Como ele se enganou!

Certa noite, Teodoro trouxe consigo a anciã Ivone e a verdadeira herdeira do castelo, Fabrícia.

Chegaram ao castelo ao amanhecer de um novo dia.

Fabília dessa vez chorava, mas não como no dia em que fugira, temerosa, em meio às gotas da chuva abundante. Entendia agora que aquele era o seu lugar e que nunca teria fugido se não fosse a situação criada por Beatrice.

Lamentou a morte trágica dela e sentiu imensa pena por ela ter feito de sua vida uma escolha errada.

— Titia, sabe que eu estava pensando em Beatrice neste momento? — refletiu Fabília.

— Minha querida, deixe que Deus se encarregue do espírito dela. Ela terá o que mereceu — ponderou Ivone.

— Titia, mesmo tendo sofrido nas mãos dela, pode acreditar, eu não sinto raiva, apenas tenho dentro de mim um sentimento de dó por tudo o que fez de sua vida e da minha. Acho que fomos duas pessoas que sofremos muito, cada uma por seus motivos e situações nada confortáveis.

— Minha querida! Eu não me enganei quanto ao seu caráter. Você é rica de valores morais. Os seus pais a ensinaram o correto. Não se deve guardar mágoa de ninguém, sabe por quê?

— Sim, titia, fale!

— Fabília, precisamos ter o coração puro, a mente livre de maus pensamentos — aconselhou Ivone. — Deixe tudo nas mãos de Deus. Ele sabe o que faz e o que é melhor para cada uma de nós. Percebe que colhemos os frutos das sementes lançadas ao léu? Cedo ou tarde, nesta ou na outra vida, certamente prestaremos contas dos nossos atos.

— É verdade, titia.

— Sabemos que a retaliação não é uma boa medida, pois cabe a cada um pagar pelos feitos de uma forma ou de outra. Sempre quitaremos as nossas faltas! Essa é a verdade. Agora, como será executada essa reparação só depende dos desígnios do Pai Celeste.

Tenório ouvia a conversa das duas e opinou:

— Sabe, dona Ivone, a senhora está correta. A gente paga pelo que faz, uma hora ou outra.

— O certo é que ninguém escapa da justiça divina. Nas leis humanas até percebemos falhas terríveis, porém a justiça de Deus não falha — completou Ivone.

Fabília ouvia os dois conversando e percebeu que Tenório havia passado primeiramente pelo portão dos fundos daquele imenso castelo.

Estranhando sua atitude, perguntou:

— Tenório, por que não nos deixou na porta de entrada?

— Fabrícia, medidas de precaução, apenas isso — disse o guarda. — Fechei a entrada principal e as laterais também, porque Konstantini pretendia colocar pessoas para ficar na posição de guardiões deste castelo.

— Agora entendi a sua preocupação.

— É melhor que adentrem o castelo pelos fundos e se encaminhem para dentro pela passagem dos empregados. Tenho medo do que ele possa querer fazer aqui.

Ivone, que os ouvia, percebeu a cautela de Tenório e que havia fundamento em sua precaução.

Entraram, assim, pelo mesmo caminho que normalmente Tenório costumava utilizar.

Depois de descarregadas as bagagens, ele as conduziu para dentro do castelo.

— Meu Deus! Quanta poeira existe neste lugar! — admirou-se Ivone. — É preciso com urgência fazer uma boa limpeza nestes cômodos e aposentos.

A cada cômodo que entrava ela abria as janelas e deixava o ar da manhã penetrar, dando uma suave sensação de alegria naquele lugar abandonado.

Fabrícia acompanhava a tia-avó e pensava:

“Tudo está conforme deixei. Até os retratos dos meus pais ainda estão colocados nos mesmos lugares! Que saudade deles! Eles se foram quando eu ainda era tão pequena!”

Parada diante dos quadros, Fabrícia sentiu por momentos uma imensa vontade de chorar. Tocada pela emoção da moça, Ivone fez uma prece em voz alta endereçada a eles. Fabrícia e Tenório acompanharam as palavras guardadas no fundo do coração, que misturadas ao sentimento de gratidão, davam-lhes incrível sensação de paz.

Eles não perceberam, porém Beatrice estava entre eles e a prece a deixou triste.

Momentaneamente, ela arrependeu-se de ter traído as pessoas que confiaram em suas mãos os cuidados de uma. Beatrice deveria cuidar de Fabrícia e administrar seu patrimônio até que ela tivesse a maioridade, época em que perderia os seus direitos de tutora, de acordo com o combinado.

Beatrice olhava a tela pintada com o rosto dos pais de Fabrícia, a princípio de soslaio. Não sentia coragem de enfrentar o olhar severo do pai da jovem. Na realidade, ele resplandecia alegria e paz, porém, para o espírito dela, parecia-lhe ser cruel diante dos seus feitos.

Beatrice, agora no plano espiritual, admirava-se por nunca ter percebido a tela com essa dimensão antes. Enquanto isso acompanhava a visita da senhora idosa com curiosidade.

— O que essa anciã está fazendo no “meu” castelo? — dizia para si. — Fabrícia, tudo bem, encontrou o caminho de volta, mas e essa senhora?

Enquanto Tenório providenciava os melhores cômodos da casa para que Ivone ficasse ao lado do aposento de Fabrícia, Beatrice não se conformava em tê-las no “seu castelo”.

Quando o guarda mostrou o aposento a Fabrícia, a moça começou a chorar. Parada na porta do quarto, fechou-a novamente.

— Não! Eu jamais pretendo ficar neste aposento! — sentenciou Fabrícia. — Beatrice me trancava aqui e me fazia prisioneira! Quantas recordações tristes eu tenho desse lugar!

Ivone a abraçou dizendo:

— Veja, minha querida! No meu aposento há duas camas de solteiro. Como bem sabe, em casa também era assim! O que acha de continuarmos a dormir no mesmo quarto?

— Jura que eu posso ficar com a senhora?

— É claro que sim! Depois de tantos anos compartilhando o espaço, acredito que não conseguirei dormir sossegada sabendo que existem tantos aposentos neste corredor.

Tenório riu da observação feita por Ivone e falou:

— Senhora Ivone, fique tranquila com tudo isto. Temos pessoas de confiança que farão a limpeza e a arrumação do castelo.

— Eu muito lhe agradecerei porque na minha idade não sei se conseguiria dar um bom jeito em tudo isto.

Tenório as auxiliou a colocar as malas nesse aposento que havia muito tempo não era ocupado.

— Desde o período que a dona Beatrice se foi, nunca mais abrimos as portas e as janelas deste castelo — comentou Tenório. — E pensar que Beatrice gostava tanto de ficar aqui! De olhar pela ampla janela e ver a bela paisagem desta cidade.

Fabília abriu a janela e percebeu o quanto a cidade havia mudado.

— Nossa! Até parece que foi ontem que eu saí daqui — admirou-se. — Como é bom respirar o ar puro!

Olhando com mais afinco, notou uma construção enorme ao lado da oficina de George.

— Tenório, me diga, que construção é aquela? — e apontou em direção à oficina.

— Fabília, aquela construção enorme pertence à dona Elísia e aos filhos dela. Eles ampliaram as oficinas porque as vendas aumentaram muito desde a vinda da sobrinha Jaqueline, que também trabalha lá. Olha que ela tem bom gosto! Tudo que ela desenha eles fazem. E os produtos vendem como água.

Fabília pensou um pouco.

— Lembro o dia em que estive lá em companhia de Beatrice para comprar o sapato que usaria no dia do casamento. Agora, sim, eu me lembro bem. Um rapaz conversou comigo e um senhor, acho que o nome dele era Alfredo... Sim, era o senhor Alfredo, ele me fez ver o erro que iria cometer e recomendou que, se eu tivesse parentes, deveria procurá-los.

— Então foi ele quem lhe abriu os olhos para perceber o quanto estava errada? — perguntou Tenório.

— Sim, foi ele mesmo e eu lhe agradeço muito. Ainda irei conversar com ele. Quero agradecer o conselho dado. Eu encontrei não só uma parenta. Minha tia-avó, na verdade, é muito mais que isso: é a minha guardiã, a minha melhor e única amiga.

Beatrice, que acompanhava a conversa, tomou-se de ira.

— Aquele velho caduco ainda vai me pagar! Vou procurá-lo! Quero ver se ele será capaz de dar mais algum conselho a alguém! — vociferou.

Estava formado o impasse: Beatrice não tinha a quem culpar pelo ocorrido, uma vez que não admitia os seus erros, mas nesse instante conseguiu encontrar alguém a quem pudesse culpar pelos seus próprios equívocos, pelo seu maior erro, que foi trair as pessoas que mais confiaram nela.

Esclarecemos que os indivíduos carregam as impressões dos feitos no espírito. A memória de Beatrice era milenar e ela não carregava culpa alguma. Sua mente era doentia e nela só havia lugar para os seus interesses primeiros.

Fabília ficou pensando naquele moço de belos olhos negros e se indagava:

“Será que ele já se casou?”

Na sua cabecinha apenas havia lugar para o pensamento relativo ao jovem que conhecera em circunstância um tanto sofrida e obscura de sua vida.

Ivone percebeu o olhar sonhador da jovem.

— Por acaso a menina lembrou-se de alguém importante?

Fabília levou um susto enorme confirmando o que a boa senhora havia perguntado.

— Bem, eu não sei. Apenas sei que o vi uma única vez na oficina e muitas vezes na capela.

— Está bem, minha querida — respondeu a senhora, rindo. — Terá muitas oportunidades para revê-lo.

— É verdade.

Tenório pediu licença às duas e prometeu voltar trazendo algumas pessoas para realizar a limpeza necessária naquela enorme construção.

Depois de algum tempo quietas, preferiram administrar esse tempo com pensamentos que traziam lembranças.

Para algumas pessoas o fato de relembrar traz alegrias ou até tristezas. Fabília vivenciava ambas as situações.

Abriram o armário e perceberam que ali havia roupas dependuradas. Algumas eram novas, outras de pouquíssimo uso. Ao retirá-las do armário, Ivone percebeu o bom gosto de quem as havia adquirido. Por momentos experimentou perto dela uma sensação incrível, como nunca havia percebido antes.

— Minha querida, quem era a dona destas roupas?

Fabília olhou-a com carinho.

— Titia, estas roupas só podem ter pertencido à mamãe. Esquisito eu saber que aqui era o quarto que Beatrice guardava as roupas da mamãe. Isso não combina com o jeito dela. Ela sempre usava todas as roupas que mandava fazer.

Ivone tentou remediar a situação.

— Quem sabe ela as guardava aqui com medo de que alguém pudesse surrupiá-las? Pode ser que ela quisesse tomar conta ou, de alguma maneira, protegê-las...

Fabília separou as roupas de pouco uso e decidiu guardá-las num baú colocado perto da janela. Ivone a ajudava e ao abrir o baú se espantou ao ver tanta coisa guardada. Havia muitos embrulhos colocados lá, alguns grandes, outros pequenos, todos num papel de cor parda.

— O que temos neste baú, titia?

Imediatamente Ivone deixou as roupas sobre a cama e ajudou a jovem a retirar os objetos que, mais tarde, faria questão de descobrir o que eram.

— Mais mistérios! A quem pertencia este quarto? Quero dizer, quem utilizava este aposento? — cogitava Ivone.

— Para falar a verdade, aqui ficavam os hóspedes e no quarto seguinte ficava Beatrice — esclareceu Fabília.

— Quem poderia ter guardado tanta coisa neste baú?

— É o que vamos descobrir, titia.

Tenório as interrompeu. Ele trazia de volta as fiéis colaboradoras do castelo para trabalhar com elas.

Com alegria, Fabília as abraçou e as apresentou a Ivone, que nesse momento percebeu que uma delas tinha algo suspeito, mas ela ainda não podia dizer ao certo o que era.

As duas foram colaboradoras solícitas e perguntaram o que deveriam fazer para melhor ajudá-las.

Ivone se interpôs dizendo:

— Minhas queridas, em primeiro lugar abram todas as janelas deste castelo, limpem tudo, tirem a poeira acumulada de todos esses anos.

As colaboradoras aquiesceram ao pedido e se retiraram.

Fabília mostrava certo ar de preocupação.

— Titia, é impressão minha ou a senhora achou algo estranho naquela empregada? — perguntou, desconfiada. — Ela era a empregada de confiança de Beatrice.

Ivone pensou um pouco.

— Aquela jovem está usando um medalhão que a minha irmã usava. Certamente não haverá dois medalhões iguais neste mundo porque o ourives morreu há muito tempo — concluiu Ivone. — Com certeza esse medalhão ficou com a sua mãe e Beatrice deu a ela por alguma razão que desconhecemos.

Beatrice, que presenciava tudo, sentiu-se mal. Ela nunca cogitara que Esmeralda poderia estar usando o medalhão que pegou para si. Ambiciosa,

Beatrice sempre invejou aquele medalhão e por isso retirou-o da caixa de joias, que pertencia justamente à mãe de Fabrícia.

— Esmeralda vai me pagar muito caro por isso. Como e quando ela pode ter pegado de mim, se tenho tomado conta de tudo desde aquele dia do tombo? — perguntava-se Beatrice, em latente perturbação.

A senhora de negro não se conformava com aquela situação. Ser enganada era tudo quanto mais odiava naquela vida.

Nesse momento, Tenório retornou acompanhado de uma boa cozinheira. Ela havia trabalhado na casa no tempo em que os pais de Fabrícia eram vivos.

Para Ivone tudo aquilo era novo e ela estava atordoada com os acontecimentos. Notando sua agitação, Tenório perguntou se ela precisava de alguma coisa e, para o seu espanto, Ivone revelou o que percebera.

— Nem acredito que isso seja verdade. Esmeralda é uma pessoa de extrema confiança. Acho impossível que ela tenha roubado o medalhão de sua mãe, Fabrícia. Por favor, Tenório, seja discreto quanto a isso. Só há um meio de sabermos o que aconteceu. Traga a moça aqui. Eu preciso saber como ela adquiriu aquela joia de família.

— Sim, senhora, serei discreto — anuiu o guarda.

Tenório saiu do aposento e em poucos minutos retornava com Esmeralda.

— A senhora quer falar comigo? — perguntou a empregada.

— Sim. Por favor, sente-se, pois acredito que a nossa conversa será longa — disse Ivone, calmamente.

Esmeralda sentou-se na cama ao lado de Fabrícia. Ivone e Tenório ficaram na frente dela.

— O que aconteceu? Fiz algo de errado? — disse Esmeralda, admirada.

— Minha querida, eu a conheci hoje. Sabe que gostei do medalhão de ouro que está usando!

A moça segurou o medalhão nas mãos e chorando falou:

— Este medalhão me traz grandes recordações.

Ivone preocupou-se com o destino da conversa.

— Por favor, explique-se melhor.

— É o seguinte, dona Ivone. O meu avô querido era muito importante para mim. Ele morreu tragicamente em seu local de trabalho. Era ourives e

trabalhava muito bem fazendo lindos medalhões e anéis para as pessoas da sociedade.

— Continue a falar, Esmeralda.

— Eu ainda era muito pequena quando vi um casal muito bem-vestido encomendar um medalhão para o vovô.

— Como era esse casal? — interrogou Ivone.

— Lembro-me que a senhora era obesa, usava chapéu, um belo vestido, luvas. Ele usava terno e nas calças usava suspensórios, tiras de tecido bem fortes para sustentar as calças naquele corpo de estrutura grande. Ah! Tinha chapéu também e bigodões — descrevia Esmeralda, atenta aos detalhes.

Ivone ouvia com atenção.

— Quando vi o desenho que a dama entregou ao vovô, fiquei apaixonada. Eu pedi a ele que fizesse um igualzinho para mim. Sabe que ele me deu de presente de Natal esse medalhão? Dá para imaginar a minha alegria, não é? — narrava Esmeralda, com brilho nos olhos. — Pena que alguns meses depois o encontraram morto no seu local de trabalho. Para mim foi uma tristeza profunda. Prometi que nunca mais tiraria o medalhão do meu pescoço. É uma maneira de lembrar do vovô e de tudo de belo que representou para mim e para a nossa família.

Ivone ficou emocionada com o relato.

— Saiba que eu conheci o seu avô e aquele casal que descreveu eram a minha irmã e o marido, os avós da Fabrícia — contou Ivone. — Ela tinha um medalhão idêntico ao seu e que depois de muito tempo, antes de morrer, deu à mãe da Fabrícia. No medalhão dela havia umas inscrições...

— No meu também, olhe... — disse Esmeralda, mostrando a joia.

E segurando-a nas mãos, a empregada leu o que estava escrito: “*Para a minha neta Esmeralda com amor.*”

Ivone sorriu.

— Realmente o seu avô gostava muito de você. No medalhão da minha irmã, meu cunhado mandou escrever: “A — *Amor eterno* — B.” A letra A significava Aurora e a letra B significava Benedito. É incrível! Eu acabei de dizer que não havia dois medalhões iguais e você me provou que o seu avô foi capaz de fazer outro igualzinho para a sua neta querida. Desculpe-me as desconfianças Esmeralda, por momentos cheguei a pensar que...

— Eu entendo, senhora Ivone — interrompeu Esmeralda, consentindo.

— Pois tem todos os motivos para desconfiar.

— Bem, não me leve a mal — procurou justificar-se Ivone. — Agora pode retornar ao seu serviço.

— Obrigada, senhora.

— Cuide bem dessa joia — recomendou a patroa. — Ela deve representar muito para você.

— É verdade.

Esmeralda se retirou segurando o medalhão. Em seu pensamento só havia motivos de agradecimento ao querido avô que tanto lhe amou.

No quarto todos estavam aliviados.

Além dos encarnados, que tentavam entender a situação desagradável criada pela desconfiança, entre os desencarnados Beatrice também se sentia feliz por reconhecer que Esmeralda não adquirira o “seu medalhão”, que permanecia muito bem escondido naquele mesmo quarto.

Ela fazia questão de ficar a postos para impedir que alguém descobrisse o seu esconderijo secreto. O principal motivo que a mantinha ali era justamente o apego às joias valiosíssimas que adquirira a muito custo, a partir de favores.

## Capítulo XVI

### As consequências

Longo é o caminhar para que se estabeleçam finalmente a paz e a harmonia entre os homens na Terra. Contudo, sabemos perfeitamente que muitos ainda são os desafios a vencer durante essa caminhada.

Tênue é o caminho, sutilmente realizado quando se propõe andar pelas trilhas, pelas veredas do bem.

Fixado nesse patamar profícuo, manifesta-se todo o poder nesse limiar do século no qual se passa a relevante história, clareando as possibilidades pelas quais o homem deve percorrer sempre visando ao aprimoramento intelectual, moral e, conseqüentemente, espiritual.

É nesse aspecto final que se baseiam todos os ensinamentos de quaisquer religiões que tenham como principal meta atingir o padrão e o modelo mais próximo da vivência que Jesus nos deixou.

É justamente este o eixo da questão: fortalecer-nos na fé em Deus e aprimorar os elementos constituintes do nosso eu para poder viver em consonância aos ensinamentos de Jesus.

Parece fácil à primeira leitura, porém a sua prática constante nos evidencia o quanto ainda precisamos retirar de dentro de nós as mazelas que nos impedem de viver plenamente conforme a prática do amor verdadeiro e incondicional aos nossos irmãos, tendo a caridade como égide e humildade para reconhecer que precisamos acelerar o aperfeiçoamento.

Esse proceder é imprescindível para que possamos dizer: “Finalmente hoje eu estou melhor do que há tempos passados!”

Como seria bom se todos agissem em conformidade às leis de Deus. Elas ampliam os horizontes humanos, possibilitando-nos avançar nessa conquista interior.

Ser melhor no dia de hoje do que um dia fomos e melhorar-se ainda mais no amanhã é tudo o que um bom cristão deve saber e, principalmente, almejar conquistar. Deve fazer da passagem terrena a sua melhor passagem,

fazendo a diferença para muitos. Agindo assim, acrescenta algo extremamente maravilhoso ao seu currículo reencarnatório.

Percebamos logo a finalidade da existência e não percamos tempo em atingir a meta principal: a evolução.

Localizemo-nos dentro das metas principais do bem-querer, do amor ao próximo, de algo que poderá ser o principal agente e diferencial de nossas passagens. Iniciemos em nossa própria vida e estendamos ao próximo, quiçá à humanidade toda, a grande família universal.

Nesse proceder nos situamos como pequenino agente que mereça o posto de levar ao leitor o conhecimento das leis eternas e divinas, a fim de que possa reconhecer-se como filho de Deus, pleno em sua total potencialidade e fazer jus a essa oportunidade de encarnar, a fim de progredir. E nesse caminho de progresso, levar a outros irmãos a trilha que os conduza também ao progresso.

Sabemos que todos temos potencial imenso para realizar esse progresso e principalmente conduzir outros, afins ou não, a evoluir na senda do bem, do amor, levando a caridade material e moral.

É preciso mostrar-se indulgente com as falhas alheias, aceitar o outro assim como é, pois cada um de nós situa-se num patamar evolutivo diferente do outro, uma vez que essa conquista é individual.

Portanto, é preciso assimilar todas as boas virtudes como meta primordial, a fim de que se realize dentro de cada um as conquistas que o levem a refletir sobre os verdadeiros princípios, propiciando viver à semelhança dos ensinamentos de Jesus Cristo.

Foi por isso que dissemos no início deste capítulo: o caminhar é longo. Este processo não se completa em alguns dias apenas. Muitos precisam de uma vida inteira para perceber a sua finalidade.

Por que nascer? Por que viver? Por que sofrer? Por que morrer? O que acontece ao nosso espírito após a morte? Por que reencarnamos? Qual é a finalidade da reencarnação?

Querido amigo(a) e leitor(a) desta singela obra, estas e muitas outras questões diariamente nos fazemos.

Importante ressaltar que obteremos as respostas a estas e outras perguntas em *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec.

Nele encontraremos não somente as respostas a diversas perguntas, mas a certeza da bondade de Deus, do seu poder, da sua justiça e amor.

Nas obras da Codificação Espírita temos acesso a ensinamentos que solidificam a fé, à luz da razão. Aprendemos a confiar em Deus, a entendê-lo, bem como as muitas percepções relacionadas aos porquês da vida.

É maravilhoso constatar que Deus é magnânimo e tudo o que somos representam conquistas nossas advindas das encarnações anteriores. Aí paramos para pensar: o que pretendemos ser no amanhã das nossas existências?

Se tudo depende de nós mesmos, dos nossos feitos, será de bom alvitre que façamos o melhor nesta passagem para que, ao retornar à erraticidade, estejamos melhores do que quando aqui chegamos pela reencarnação, a fim de que nas próximas reencarnações estejamos preparados para vivenciar o amor, a caridade, com humildade, sem orgulho, inveja, egoísmo, vaidade, praticando a indulgência.

Eis o que gostaríamos de mostrar nas diferentes maneiras de viver, tão contrastantes, de Konstantini, Elísia, Fabrícia, Ivone, Gregória, Philip, Jaqueline, Elizabeth e as outras personagens desta história.

Percebemos que a vida à nossa volta nos mostra pessoas que também vivem a sua própria história, com as discrepantes maneiras de ser, de pensar e de agir.

Retomando a história que ora relatamos, nos permitimos dizer que a menina e donzela Fabrícia se transformara em uma belíssima moça, mais amadurecida pelo sofrimento, sabendo realmente o que desejava da sua vida.

Ela não mais aceitaria imposições sobre assuntos de qualquer natureza.

Para essa conquista maior, tinha o auxílio premente de Tenório e da boa senhora Ivone, tornando-se a dona real de sua trajetória nesta existência, com conduta própria.

Lamentavelmente, Konstantini fez o que prometera a Teodoro e, no final do dia, postou-se diante do castelo com seus guardas a fim de tomar posse do local, o que julgava ser fácil.

O alheio nunca havia sido motivo para que fugisse das suas conquistas. Se não pudesse comprar, caso a venda de uma propriedade lhe fosse negada, lançava propostas irrecusáveis e muitas vezes conseguia o que desejava.

Com Fabrícia ele teria uma surpresa, aliás, a seu ver, desagradável. Nem sempre as pessoas que se acreditam poderosas conseguem ao seu jeito o que

desejam. Konstantini terá muito trabalho pela frente para atingir o seu fim.

Parado em frente ao portão principal, Monsieur Konstantini e seus homens pediram que Tenório abrisse os portões para que pudessem adentrar o castelo.

Fabília, bela em sua formosura, e dona Ivone juntaram-se ao guarda e postaram-se ao seu lado e de alguns empregados, que ele rapidamente reuniu a fim de ajudá-los nessa especial tarde de confrontos.

No mesmo instante em que Konstantini viu Fabília tão bela, resplandecente, com os raios solares incidindo no tecido do vestido azul celeste, percebeu a altivez daquela que poderia vir a ser sua nora.

Admirado com a beleza e a suavidade no modo de falar e conduzir a conversa, deixou-se desarmar perante os seus objetivos iniciais.

Após os cumprimentos iniciais, Fabília quis saber o motivo daquela comitiva, uma vez que não os havia convidado.

Konstantini percebeu que ela seria uma peça fora do seu jogo e falou:

— Fabília. Acreditei que não deveria ter feito um pedido formal, uma vez que é a prometida para consorciar-se com o meu único filho. Após todos esses anos de espera, percebo que não estava errado quando combinei com Beatrice o futuro de vocês dois. Agora que retornou poderemos dar andamento ao casamento. Não deseja abrir os portões para que possamos conversar dentro do castelo? Isso não convém a formalidades que tanta questão faz de cobrar da minha parte.

— Monsieur Konstantini, eu não sou mais aquela jovem que não sabia dizer não. O combinado foi feito entre Beatrice e o senhor. Eu não fiz parte do trato nem pretendo casar-me com o seu filho. Percebeu agora que sou eu quem decide pelo meu destino e por tudo o que os meus pais me deixaram?

— Isso não é certo. Você não cumpriu o trato. Dei muito dinheiro a Beatrice. Pelo menos desejo receber o que paguei como sinal do compromisso futuro.

— O senhor é um homem vivido e conhece bem as leis, o que é correto e o que é indevido. Portanto, muito me admira ouvir isso.

Fabília continuava a sua explicação com voz firme, deixando entrever que ela não compactuava com o combinado entre ele e Beatrice.

— Se existe alguma dívida, o correto é cobrar de Beatrice. Eu não lhe devo nada. Aliás, o senhor me deve, sim, pelos anos de agonia, de prisão que Beatrice me fez passar para casar-me com o seu filho. Se há algum

devedor aqui é o senhor, que me privou da liberdade durante os meus melhores anos da vida.

Konstantini mudou a expressão e sentenciou:

— Se Beatrice morreu, você deve pagar por ela.

— Se há alguém aqui que deve pagar, e muito caro, é o senhor. Os anos que sofri são extremamente caros. Eu não lhe devo nada, absolutamente nada. Outra coisa: saia dos meus limites territoriais e nunca mais ouse pisar aqui. O senhor não é bem-vindo. Cobre a dívida, se é que existe alguma, com a própria Beatrice quando unir-se a ela após a sua morte.

— Como pode falar assim comigo? Não vê que sou poderoso e consigo tudo o que quero?

— O mesmo eu lhe digo — confrontou Fabrícia. — Sou poderosa e tudo o que eu consigo está estritamente pautado no respeito ao próximo, na dignidade. Vencer pela força é próprio daqueles que não têm argumentos plausíveis. Este castelo não está à venda e o compromisso de Beatrice foi com o senhor. Sou livre e responsável pelos meus atos. Eu sinto dizer-lhe essas palavras, porém sei que não concordaria nem entenderia o que disse de outra maneira. Saiba que não lhe quero mal, aliás, gostaria que fosse muito feliz, assim como o seu filho. Temos de admitir que aquele acordo seria um fracasso total.

— Fabrícia, percebo que está mudada mesmo.

— Sim, Monsieur Konstantini. Eu cresci à custa de sofrimento e ele nos ensina a perceber como é a vida. Gostaria que pudéssemos ser amigos e desejo de coração que seja muito feliz.

— Quem sabe, um dia. Quem sabe! Até mais ver.

— Até mais ver!

Konstantini deu ordens a seus homens e eles partiram.

Fabrícia ficou extremamente alegre, pois conseguiu buscar palavras que saíram do seu coração, com a firmeza de quem sabe o que faz e o que deseja para si.

Na realidade, seus pais estavam ao lado dela, em espírito, emitindo paz, segurança, bons pensamentos, o que muito a auxiliou nesse enfrentamento.

Abraçada a tia Ivone, esta lhe falou:

— Parabéns minha menina, é assim que se faz!

Ao seu lado, Teodoro também a apoiou:

— Fabrícia, suas palavras foram firmes o suficiente para que Konstantini nem pense em retornar ou cobrar alguma coisa. Muito bem! Agora ele viu que aquela donzela, aquela menina acuada, não existe mais. Transformou-se em alguém segura, que sabe o que quer.

Mal ela sabia que Beatrice estava por perto e ouvia claramente o diálogo de ambos.

“Meu Deus! O que a menina Fabrícia falou tem um fundo de verdade! Eu a tratei tal qual prisioneira! Passei por cima dos seus sentimentos a favor dos meus interesses. O pior é que não posso fazer mais nada. Sou uma sombra neste castelo que ninguém me vê.”

Naquele momento, arrependida, Beatrice decidiu aceitar o auxílio fraterno dos espíritos socorristas, que a levaram dali e a encaminharam para a devida colônia espiritual a qual fazia jus para ser auxiliada.

Enquanto isso, Konstantini conversava com o amigo fiel Bernard, que o acompanhava em suas missões e conquistas.

— Como viu, Bernard, contra essa menina nada mais poderei fazer. Ficarei no prejuízo total.

— Dessa vez a menina tem razão. Tentemos ver pelo lado dela: o acordo foi realizado por Beatrice com o senhor, desconsiderando a vontade de Fabrícia.

— Sei disso, Bernard. Fiz tudo levado pela ambição! Olha que foi por pouco, muito pouco, que eu não tenha conseguido o que prometi a Tenório. Não sabia que ela estava viva, nem que tinha retornado ao castelo. Sabe que fiquei com cara de bobo da corte? Estou até envergonhado pelo papelão que fiz.

— A vida é assim mesmo, patrão. Nem sempre ganhamos todas, às vezes perdemos também.

— Bem, nesse caso, a perda material até que foi pequena. O pior foi a perda emocional — lamentou Konstantini.

— E o empréstimo a Beatrice?

— Foi pouco. Não se preocupe com isso. Já passou!

— Ainda bem!

Monsieur Konstantini, em seu orgulho, não foi capaz de dizer a Bernard que havia dado joias caras a Beatrice e sustentado uma renda mensal para que ela pudesse levar a vida na abundância. Ele teria de esquecer esse mau passo perante a desculpa em ver o filho casado com uma mulher.

Mirava agora Elizabeth, que poderia tornar-se a futura esposa do filho e, nesse caso, todos morariam no mesmo castelo: ele com Gregória, Philip com Elizabeth.

Konstantini prepararia os casamentos de maneira simples, no seu próprio castelo, de maneira que não houvesse mais comentários. Para ele, bastavam os da época da fuga de Fabrícia.

Mais uma página virada na vida das personagens, que teriam muito a aprender sobre a vida, sobre a colheita dos seus atos, sobre a importância que amalhavam acerca do que acreditavam ter muito valor.

Unir-se-iam pessoas no castelo de Monsieur Konstantini tomadas por ambição, ganância, prepotência, inveja, egoísmo.

Jaqueline soube do ocorrido através da visita da mãe e da irmã ao seu recinto de trabalho. Ela recolhia alguns papéis extremamente elaborados para servir de modelo para a confecção de uma nova obra de arte, no ofício que mais se destacava, a produção de calçados, conseguindo realizar belíssimos trabalhos.

Ao vê-las chegando à loja, Jacqueline sentiu “no ar” uma sensação de vitória de ambas as partes.

Gregória aproximou-se da filha, deu-lhe um longo abraço. Depois Elizabeth fez o mesmo, com alegria e saudade da irmã.

— Então, é aqui que pretende trabalhar o resto de sua vida, minha filha?

— Sim, mamãe. Por que o espanto? — retrucou Jacqueline. — Já expliquei nas cartas que lhe enviei o quanto este trabalho me faz bem. Trabalho com pessoas boníssimas e faço o que mais gosto: desenhar. Eu me sinto bem neste lugar. Se não fosse aqui, provavelmente seria em outro local parecido.

Elísia e os filhos observavam as três conversando.

— Mamãe! Vamos até lá — convidou Joseph. — Jaque pode estar precisando de nós.

— O que é isso, meu irmão? — replicou Antony. — A sua Jaque sabe muito bem se defender dos ataques felinos da mãe.

— Joseph tem razão — concordou Charles. — Vamos até lá, mamãe, são duas contra uma. Ela está em desvantagem.

Eles sorriram e acharam melhor ir conversar com a tia Gregória e a prima Elizabeth.

Elísia vestia-se de maneira simples e não ostentava o poder aquisitivo que o lucro das oficinas proporcionava. Ela sempre dizia: “É melhor menos do que mais.” Assim, dessa maneira, conversava igualmente com pessoas de todas as classes sociais.

Após descerem os degraus da escada do mezanino, chegaram ao balcão onde as três conversavam.

No mesmo instante que Gregória os viu, abriu os braços e, extremamente feliz, abraçou a cunhada e os sobrinhos. Elizabeth fez o mesmo.

Elísia estava feliz ao vê-las bem-vestidas, assim como era do gosto delas, e alegres.

— Que bons ventos as trazem? — perguntou Elísia.

Gregória não cabia em si, tamanha a sua alegria.

— Elísia, nós temos ótimas notícias — disse Gregória, animada. — Será que poderíamos conversar com vocês? Pretendo falar de uma só vez o que nos aconteceu.

Elísia as convidou para se reunirem em um espaço reservado, onde existiam vários sofás, para que pudessem acomodar-se confortavelmente.

Depois que todos se sentaram, Elísia disse:

— Minha cunhada, há quanto tempo não nos vemos! Você também, Elizabeth, parece-me tão feliz quanto a sua mãe. Digam a boa notícia, estamos curiosos para saber e compartilhar da alegria de vocês também.

— Elísia, lembra-se do dia em que fomos embora e nos distanciamos temporariamente? — recordou Gregória.

— É claro que sim. A decisão de ir embora foi de vocês.

— Desculpe-nos, querida cunhada, pelo que fizemos, porém, como sabe, a nossa maneira de viver é completamente diferente da sua. Com certeza não daria certo a nossa convivência.

— Então continue a falar, mamãe — disse Jaqueline, mostrando ansiedade.

— Jaque, assim que saímos daqui, procuramos nos adaptar a viver na chácara.

— E como foi, titia? — perguntou Charles.

— Terrível, Charles! Terrível! Principalmente porque tínhamos de fazer de tudo, tudo mesmo, ouviu? Em pouco tempo descobri que aquela não era a vida que eu desejava ter para o resto da minha existência. Pedi

mentalmente perdão a Estéfano e decidi que ainda me casaria com alguém que me desse uma vida de princesa. Comecei a participar de viagens, curtas, é claro, sempre contando o pouco dinheiro que nos restou, até que...

— Fale mamãe! Encontrou o seu príncipe encantado? — Jaqueline estava afoita.

— Finalmente eu o encontrei, Jaque, querida.

— Conte-me, então! Quem é ele?

— Queridos, não vão acreditar! Conheci na última viagem um cavalheiro cujo nome é Konstantini e que mora justamente neste lugar, nesta cidade. Desde então, parecemos almas gêmeas e nos apaixonamos. Decidimos nos casar numa cerimônia simples, sem convidados, no castelo dele. O melhor é que Philip, o filho dele, e Elizabeth se tornaram bons amigos e resolveram unir-se também no mesmo dia que nós.

Joseph, sempre arredio às intenções da tia e da prima, foi o primeiro a falar, comedido:

— Não sei se dou os parabéns ou os pêsames primeiro...

Gregória olhou séria para o sobrinho.

— Credo, Joseph! Por que nos diz estas palavras tão fortes?

— Desculpe-me, titia, não quero estragar a sua felicidade. Se for feliz assim, faço votos que a sua felicidade seja eterna. Agora, quanto a Elizabeth, não posso dizer o mesmo.

— Por quê? — indagou Elizabeth com desconfiança.

— Simplesmente porque o seu consorte não tem predileção por mulheres. Deu para entender o que vai passar?

Elizabeth sorriu.

— Preste atenção, Joseph, meu querido primo. Como se eu não soubesse disso! Sei dessa predileção desde que o vi pela primeira vez, quando nos conhecemos na excursão.

Jaqueline não entendia como a irmã fora capaz de submeter-se a isso. Para ela, era insanidade.

— Minha irmã, isso não está certo — advertiu Jaqueline. — Onde está o amor que une duas pessoas?

Novamente Elizabeth sorriu.

— Jaque, querida! Sempre tão certinha! Não vê que o meu casamento com Philip é só de fachada? Eu levo a minha vida e ele a dele. Moramos na

mesma casa, no mesmo quarto, somos amigos e um respeita o outro como é.

Jaque balançou a cabeça, discordando.

— Minha irmã, eu não a compreendo, a não ser que esteja se casando pelo dinheiro, pela posição social e pelo que isso possa lhe proporcionar.

— É bem esse caminho, querida Jaque — concordou Elizabeth. — Eu o ajudo e ele me ajuda.

— Então, que seja feliz do seu modo. E a senhora, mamãe, espero que Konstantini a faça feliz, assim como papai fazia.

— Também espero ser feliz, minha querida — enfatizou Gregória. — Não na mesma medida que fui com o seu pai, porque sei que o meu grande amor foi Estéfano. Konstantini será o meu companheiro e o provedor das minhas necessidades.

— Mamãe...

— Diga, Jaque.

— Nada, não é nada, mamãe. Só espero que nunca se arrependa do que fez.

— Não me arrependerei, tenha a certeza disso, minha querida — afirmou Gregória.

— Só em saber que estão amparadas, perto de nós, já me deixa despreocupada — completou Elísia, com alívio.

— Obrigada, Elísia — agradeceu Gregória.

Depois de conversarem bastante sobre os acontecimentos, as duas se despediram dos familiares e se dirigiram ao cocheiro que as esperava do lado de fora da oficina.

Astuto e orientado pelo patrão, ele pôde ouvir somente parte da conversa. O que falaram no espaço reservado pouco conseguiu distinguir.

Dentro da carruagem as duas comentavam o progresso realizado pela cunhada e, ao mesmo tempo, a maneira simples com que ela se vestia. Não utilizava joias, nem penteados elaborados para realçar a sua beleza.

— Não sei o que o tio George viu em tia Elísia.

— Minha filha, George dizia que amava Elísia como um todo e que o seu caráter era ilibado. É bem verdade que ela é uma mulher forte, decidida. Quem sabe foi isso que a aproximou dele, não é? — conjecturou Gregória.

— Pode ser, mamãe — consentiu Elizabeth.

As duas falavam em tom baixo, o suficiente para que o cocheiro não ouvisse a conversa delas:

— Mãe, percebeu como o cocheiro é astuto? Devemos ter cuidado com o que falamos perto dele. Ele ouve tudo o que dizemos e pode perfeitamente levar informações a Konstantini.

— É verdade, minha filha! Não estamos sozinhas nunca! — lamentou Gregória. — Sempre há uma governanta ou uma camareira ao nosso lado. Devemos nos acautelar para não ter péssimas surpresas. Konstantini é muito esperto. Estamos cercados de raposas por todos os lados.

As duas ficaram quietas no restante do trajeto até o castelo. Lá chegando, agradeceram o cocheiro pela gentileza.

Subiam os degraus da escada quando Philip se aproximou todo feliz, dizendo a Elizabeth:

— Minha amiga, como você demorou! Tenho muita coisa para lhe falar.

Elizabeth sorria ao lado dele enquanto se encaminhavam até a biblioteca, onde poderiam conversar a sós, sem intervenções. Sempre sorrindo, os dois pegaram uns livros da estante e sentaram-se à mesa, iniciando o bate-papo.

Esses momentos eram gratificantes para Elizabeth, que podia contar com o amigo em todas as situações.

Konstantini esperava pela vinda delas e aproximando-se de Gregória, segurou o braço dela dizendo:

— Nosso plano está dando certo — celebrou. — Percebeu o quanto se dão bem?

— Sim, meu querido. Eles se dão bem.

Gregória percebeu que a sua vida não seria o que tanto almejava ao viver dentro de um castelo com alguém tão rico.

Ela pensava:

“É, Gregória, tudo tem um preço e o seu será grande, porque terá a liberdade de falar e agir totalmente vigiada, controlada, para que Konstantini não descubra que entre ela e ele não havia o amor simples e verdadeiro, apenas o interesse pelo que ele poderia lhe oferecer.”

Assim é a vida, uma sucessão de colheitas, de consequências dos atos cometidos. E assim é a vida daqueles que empreendem uma maneira de viver irreal, contraditória aos sentimentos.

## Capítulo XVII

### As formas de amor

No apogeu da sociedade, é necessária a demanda de muitas atribuições. Dentre elas, percebemos existir algumas que são recorrentes às pessoas que ocupam os altos patamares da vida material.

Os interesses egoístas muitas vezes envolvem aptidão sagaz, que leva a prejudicar o próximo em benefício de si próprio, como no caso de Konstantini, que, para atingir os seus fins, não se importava com os meios que utilizaria.

Desejar é querer algo.

Particularmente, para Monsieur Konstantini, era um objeto que representava a extensão das terras que se uniriam às suas, caso se efetivasse a união de Philip com a donzela Fabrícia.

Como isso não ocorreu, grandes transtornos abalaram a sua vaidade pessoal.

Até então, pouquíssimas vezes, por que não dizer raríssimas vezes, ele deixara que um “negócio” não tivesse sido de seu agrado, que não saísse em conformidade aos seus planos.

Em sua mente, nesse instante, dois objetivos se estabeleciam, inclusive esse negócio, do qual não se deu por vencido completamente. Por parte de sua fiel colaboradora Verônica obtinha as informações que desejava sobre tudo o que acontecia dentro do castelo. E aos poucos ia firmando a sua relação com a esperta Gregória.

O tempo passava e ele continuava resoluto em seu intento. O que não sabia, nem jamais saberia, era que a sagaz companheira o seduzia no leito, sempre rodeado das taças com vinho com as quais brindavam a felicidade após terem feito juras de amor.

Gregória, em sua maneira de pensar, sempre egoísta, não desejava perder o seu lugar naquele castelo onde era tratada por todos como a esposa mais amada.

Sabia perfeitamente que poderia perder a posição que ocupava caso Konstantini cansasse dela ou descobrisse que ela não o amava como imaginava. Por isso, agia clandestinamente colocando sonífero e uma substância tóxica nas bebidas de Konstantini, que aos poucos poderiam tirar-lhe as forças vitais.

Após anos de conquistas, Konstantini sem nada perceber sobre as tramas de Gregória, dizia que tinha ao seu lado a “esposa perfeita” que o cobria de carinhos.

Vivendo juntos nessa disputa pelo poder, com o exacerbamento do egoísmo e do orgulho, ele passou a sentir que, com o tempo, seu corpo ficava cada vez mais fraco.

Mais alguns anos se passaram sem que Konstantini, já frágil de saúde, desconfiasse da trama de Gregória. Até que finalmente ele saía do palco terreno, deixando a “infeliz” viúva no controle de tudo o que deixara.

Gregória enfim assumia a posição mais alta na sociedade, posição que jamais imaginou ocupar em sua vida. Ela não poderia negar que Monsieur Konstantini fez dela a mulher mais poderosa e feliz desse mundo.

No castelo, o seu mundo particular, pôde pela primeira vez sentir remorsos pelo que fizera com seu falecido esposo, e ao mesmo tempo se permitia pensar, como que desculpando a si mesma, que não tivera nenhuma chance de fazer o contrário. Tudo era questão de sobrevivência, a seu ver. Sempre só e triste, recolhia-se ao seu leito onde ficava por horas e horas, deixando os familiares preocupados com a sua saúde.

Nesse meio tempo, tudo transcorria de maneira saudável entre os familiares de Elísia. Eles trabalhavam muito para dar conta da demanda dos produtos encomendados.

Contudo, Jaqueline estava triste. Um dia, sentada na cadeira da sala de reuniões, ela estava só pensando em sua vida. Adorava estar com a tia Elísia, trabalhar com o que lhe dava prazer, porém algo não ia bem dentro dela...

Sentia um vazio tão intenso no coração...

Todos perceberam o quanto ela admirava o primo Joseph. Ela o adorava e sentia que esse amor não era correspondido, deixando-a incompleta.

Por várias vezes os dois se sentavam no degrau superior da escada do mezanino para falar sobre os negócios, as novas ideias, os projetos do serviço. Tudo que faziam a dois no âmbito profissional sempre dava certo.

Porém, no aspecto pessoal, jamais Joseph lhe indicou qualquer resquício de possibilidades que pudessem acalentar esperanças sobre o amor que nutrisse por ela.

Joseph enclausurou-se nesse sentimento tão importante, traduzindo-se numa pessoa forte, que precisava atingir as metas da firma de sua mãe.

Elísia, aos poucos, deixava que os filhos participassem dos negócios e dos acordos. Tornaram-se pessoas que agiam com segurança. E ela percebia que Jaqueline estava quieta nos últimos tempos, imaginando que fosse consequência do ocorrido com Konstantini e sua mãe.

Preocupada, Elísia se aproximou dela e passou os dedos pelos fios dourados de seus cabelos, dizendo:

— Querida Jaque, tenho notado que está triste e quieta... Não quer visitar a sua mãe? Creio que ela ficará feliz com a sua visita — sugeriu Elísia.

Jaqueline olhou-a com meiguice e falou abrindo o seu coração, exprimindo os mais íntimos sentimentos.

— Titia, por favor, sente-se ao meu lado. O que vou falar é algo que me sufoca. Se não contar com o seu apoio, creio que o meu coração vai explodir.

Elísia, preocupada com a maneira de a sobrinha falar, sentou-se ao lado dela.

Embora tivesse convicção dos sentimentos de Jaqueline em relação ao filho, não desejava que o assunto, pelo menos por ora, fosse este.

— Diga, minha querida, o que a preocupa?

— Titia, eu acredito que o que vou lhe dizer não seja novidade para ninguém. Eu sinto por Joseph um algo tão forte que não consigo manter recluso dentro do meu peito. O que devo fazer se ele não tem olhos para mim? Eu sofro calada com um sentimento tão forte, tão enorme... Está sendo difícil suportar calada. Com quem iria desabafar se não fosse com a senhora?

Elísia abraçou a sobrinha com lágrimas nos olhos. Enxugou as lágrimas que continham o sentimento puro e falou:

— Querida Jaque. Ninguém manda nos próprios sentimentos. Eles apenas surgem, tão intensos, e nada podemos fazer para que não se estabeleçam em nós.

— Então, o que devo fazer, titia, se Joseph não me vê como mulher e sim como simples prima que trabalha junto com a família? — desabafou Jaqueline.

— Minha querida, eu nem sei o que lhe dizer — disse Elísia, aflita. — Como mãe posso dizer simplesmente que Joseph é muito calado e não deixa transparecer os sentimentos a ninguém. Observe o quanto ele trabalha, até parece que deseja sufocar algo que vai dentro dele.

— Titia, já observei o quanto ele olha para Fabrícia quando ela vem com a sua tia Ivone fazer compras. Será que ele a ama? Se assim for, tentarei sufocar esse sentimento sem me declarar a ele.

— Minha querida, tente esquecer essa paixão que sente por Joseph — recomendou Elísia. — Tudo começou logo que chegou há tantos anos, não foi?

— Foi sim, titia. Tudo iniciou quando chegamos à sua casa. Desde esse tempo eu guardo o sentimento maior dentro de mim.

— Minha querida, ouça o que eu vou lhe dizer. Eu não posso mandar no sentimento que cada filho possa ter. Você me entende?

— Perfeitamente, titia.

— Então vou fazer o seguinte. Para que não sofra mais, vou tentar conversar com Joseph, para saber um pouco sobre os sentimentos dele. Se porventura eles forem iguais aos seus, tenha a certeza de que ficarei felicíssima com a união dos dois. Bem sabe que a filiação paterna de Joseph é o meu primeiro marido e George o criou tal qual filho. Na realidade, vocês não são primos biológicos, deu para entender?

— Sim, titia. Eu também já havia pensado nessa situação.

— Então, Jaqueline, se ele amá-la, assim como você o ama, nada há que possa impedir a aproximação dos dois.

— Entendi, titia. Em contrapartida, se ele não me amar, procurarei outra pessoa que possa retribuir o meu amor.

— Está corretíssima, minha querida. Veja que Antony já está bem encaminhado com Estela. Aprendemos a gostar dela.

— É verdade, titia. Estela vem de uma família corretíssima e gosta de nós, até nos auxilia aos sábados.

— Sim, verdadeiramente é isso o que desejo, que as futuras noras se empenhem no trabalho também — enfatizou Elísia. — Que elas conheçam um pouco de tudo e possam trabalhar na área que mais lhes traga facilidade.

— A senhora tem razão, titia. Olhe lá Charles conversando novamente com Clarinha! Acho que daí vai surgir algo maior. Eles se dão muito bem.

Sorrindo, Elísia falou:

— Está ficando muito observadora, Jaqueline. Eu não havia percebido isso! Se bem que a convivência dos dois aqui já tem uns dois anos, não é?

— É verdade, titia — concordou Jaqueline. — Ela começou a trabalhar aqui com o intuito de ajudar financeiramente a família assim que o pai faleceu.

— Sabe que essa menina conseguiu aprender direito tudo do jeito que ensinamos?

— Realmente, titia. Agora só eu preciso encontrar o meu príncipe encantado e Joseph a sua princesa.

As duas sorriram e perceberam que Fabrícia entrava na loja, sempre linda, mas sem a ostentação que poderia ter, acompanhada da tia Ivone.

Charles se dispôs a atendê-la, mas surpreendentemente Joseph pediu-lhe que desse a vez, porque gostaria de conversar com ela.

Discretamente, Charles chamou-o de lado, interrompendo-o, e disse:

— Joseph, vê se resolve logo isso de uma vez. Jaque não pode continuar esperando pela sua decisão, ou melhor, indecisão. Você é o mais velho de todos nós e continua solteiro.

Ao dizer isso, Joseph olhou para Jaqueline ao lado da mãe e falou:

— Você tem razão. Vou resolver isso agora mesmo.

Charles saiu de perto do irmão e foi ter com a mãe.

Jaqueline preferiu ir a um ponto distante daquele enorme espaço repleto de serviços.

Ela não desejava ouvir o que o Charles havia falado ao irmão. Muito embora estivesse curiosíssima para saber e, ao mesmo tempo, tinha medo do que poderia ouvir.

Nesse momento entrou na loja nada mais, nada menos, do que o irmão de Estela. Estêvão era um belíssimo rapaz que já fora outras vezes à loja e sempre procurava por Jaqueline para finalizar suas compras.

Até então ela não havia percebido no rapaz as suas qualidades físicas. Mas a conversa com a tia pareceu-lhe “abrir os olhos”, para que pudesse ver que a vida ao seu lado fluía sem cessar.

Procurou atender o rapaz com educação.

Estêvão mostrou-lhe um papel e abriu a enorme folha em cima do balcão. Ele queria a opinião dela sobre os móveis que usaria para montar o seu escritório de advocacia. O rapaz estudara fora do país e nutria ideias liberais.

A conversa dos dois fluiu muito tempo, deixando todos curiosos a respeito de seu teor.

Jaqueline se esquecia dos próprios problemas. A conversa com Estêvão estava muito interessante.

Joseph só percebeu como Jacqueline era linda quando, após uma conversa amigável com Fabrícia, notou o quanto a beleza dela era-lhe inatingível. Fabrícia conversara com ele o tempo suficiente para demonstrar que não estava aberta a possível compromisso futuro, uma vez que as experiências por que passara na vida apenas lhe trouxeram mais mistérios do que os ocultos que ela tentava administrar.

Tenório e Ivone ajudavam Fabrícia a vencer e retirar de si tudo o que Beatrice lhe fizera de mal.

Antes uma donzela misteriosa, ela se transformara em uma bela moça. Contudo, Fabrícia envolvia-se cada vez mais com as causas sociais, empenhando-se no auxílio a crianças e idosos menos favorecidos.

A esta bela causa conseguiu reunir pessoas da sociedade frequentadora da capela, onde faziam as suas preces, que ajudavam com donativos.

O auxílio maior de suas atribuições, no aspecto de liderança que exercia, eram as mãos ágeis das colaboradoras na confecção de roupas, que aqueciam os assistidos nos dias frios.

Tornou-se o projeto de vida de Fabrícia. Sublimara o papel de mãe e de esposa, transformando-se em pessoa sempre bem-vinda nos lugares onde realizava a caridade no sentido amplo, não apenas material, mas também ajudando no que podia, ouvindo as pessoas em necessidade, levando a palavra singela que acalentava os coraçõezinhos e sustentando a fé em Deus, de acordo com a proposta de Jesus.

De maneira suave, Fabrícia levava o imenso amor que existia dentro dela aos assistidos.

— Fabrícia, Fabrícia!

Era o que mais ouvia.

Eram pedidos de crianças, de idosos, de mães desesperadas. Acalentados por sua dedicação e amor, todos iam aos poucos sendo

socorridos em suas necessidades.

Fabília pôde sublimar o amor de dentro de si, centuplicando-o no apoio direto aos necessitados e tornando-se uma pessoa essencial à sociedade e à população local.

Joseph entendeu que a esperança que dedicava em silêncio a Fabília poderia tornar-se uma admiração. Percebeu o quanto ela amava os seus assistidos.

De certa maneira, ele a ajudaria com contribuições e doações destinadas aos assistidos. Entendeu finalmente que o amor platônico que alimentava mudaria totalmente a partir do momento em que Fabília, a bela e misteriosa donzela, declarou-lhe os seus objetivos de vida.

Joseph entendeu que o que sentia por ela era apenas um sentimento, mas nada podia esperar em relação a uma vida a dois. Mesmo assim, convenceu-se de que o valor de Fabília continuaria sendo amplo para ele. Notou que a jovem donzela se libertara do jugo de Beatrice para viver a própria vida e exerceria um brilho especial na vida de muitos. Percebeu que quem decidia a direção de sua vida era apenas ela.

Para viabilizar seu projeto, Fabília contou com o apoio, na dura caminhada, dos amigos fiéis Tenório e Ivone, além dos colaboradores voluntários.

Ivone, já com bastante idade, compreendia perfeitamente as necessidades dos idosos que eram assistidos.

Tudo envolvia o amor e o carinho incondicional, aliados à palavra amiga, ao auxílio material, à fé que renovava dentro de cada um, à certeza do amparo através das mãos daqueles que dispensavam do seu tempo, dos seus bens, em auxílio ao próximo.

Joseph estava feliz ao ver que a doce Fabília, tão cheia de problemas interiores, cicatrizes dos feitos de Beatrice, se transformara no amor puro e incondicional aos carentes que assistia com imenso afeto.

A doação de si é algo infinitamente superior.

A bondade é vista através do olhar meigo, do auxílio.

É a caridade pura!

Joseph finalmente compreendeu que a donzela misteriosa saíra do seu casulo e alçara belíssimo voo rumo ao amor maior.

## Capítulo XVIII

### A família

Após as constatações e observações sobre a vida de Fabrícia, Joseph enfim compreendeu que os seus devaneios não faziam mais sentido.

Ele agora estava livre para viver o seu amor ao lado da jovem que sempre demonstrou amá-lo, compreendê-lo e ajudá-lo.

Mesmo contra as suas percepções, ela o ajudou a encontrar dentro de si o sentimento real e verdadeiro do amor.

Jaqueline estava feliz ao lado de Estêvão, mostrando os desenhos dos móveis que poderiam ser realizados do jeito que ele pretendia. O jovem advogado queria deixar o escritório prático o suficiente para trabalhar e confortável ao mesmo tempo.

Ao longe, Joseph percebia que aquela névoa, que o impedia de enxergar a pessoa maravilhosa que sempre esteve ao seu lado, finalmente fora retirada.

Agora ele via a mulher que Deus havia reservado para ele.

Poderia, de uma vez por todas, concretizar o seu desejo de formar uma família.

Percebeu enfim que a afinidade existente entre ambos aconteceu desde o momento em que se viram, no dia em que a tia Gregória veio visitá-los.

Também entendeu que o amor entre eles se deu de forma inusitada. Suave a princípio, este sentimento depois se rompeu no amor imenso.

Vendo-a tão linda ao lado de Estêvão, teve a certeza de que desejava tê-la consigo durante a vida inteira.

Elísia e Charles olhavam-no ao longe e perceberam que finalmente Joseph havia descoberto o grande amor que existia entre Jaqueline e ele.

Charles, que também estava enamorado, conversava com sua mãe e citava Clarinha nas entrelinhas. Elísia, constatando o que o filho, sempre observador, estava sentindo, colocou a mão em seu ombro e disse:

— Você é muito sensato, meu filho. Mas eu preciso que continue a me ajudar mesmo que um dia você queira casar-se com Clarinha.

Charles quase caiu ao chão. Surpreendido, sentiu que as pernas iriam fraquejar. Ele não conseguia imaginar que a mãe havia percebido a aproximação entre ele e Clarinha.

— Mamãe! Eu não acredito que me viu conversando com Clarinha! — disse Charles.

— Vi sim, meu filho. Aliás, não só eu, mas Jaqueline também já havia observado isso.

— Então a senhora não é contra o meu namoro com ela?

— É claro que não, meu filho. O importante é que vocês se gostem verdadeiramente.

Charles abraçou-a ternamente.

— A senhora é a melhor mãe do mundo!

— Obrigada pelo elogio, meu filho. Eu só procuro amá-los na justa medida e tento mostrar-lhes o verdadeiro sentido da vida, com os valores morais que cada um precisa buscar dentro de si. E o melhor de tudo é que...

— Fale, mamãe!

— O melhor de tudo isso é que acredito que venci.

— É verdade, mamãe. O papai a ensinou e com o seu amor, com a sua dedicação e firmeza, nós compreendemos que a vida nos presenteou com o melhor de todos os presentes: a senhora, mamãe! Foi a senhora quem nos ensinou a ser bons homens, honestos, trabalhadores. Temos nossos ofícios e com eles certamente poderemos manter uma vida tranquila. Ensinou-nos o valor da vida, a amar a Deus acima de todas as coisas, a ajudar o nosso próximo. Ufa! A senhora nos proporcionou tanta aprendizagem que, se fosse enumerá-las, poderia até esquecer de algumas.

Nesse instante observaram que Joseph chegava perto de Jaqueline, que mantinha animada conversa com Estêvão.

— Boa tarde, meu jovem.

— Boa tarde, Joseph! Eu estava conversando com Jaque e ela me deu boas ideias — e virando-se para a moça, continuou: — Jaque, por favor, poderia ver quanto fica todo o plano para que eu analise se consigo pagar em prestações? Sabe como é o início de carreira, tudo tem que ter preços módicos...

Sorrindo, Joseph comentou:

— Estêvão, até agora Estela o ajudou nos estudos. Daqui para a frente você deve provar a ela a sua capacidade de trabalho. Seja um advogado que luta pelas causas honestamente. Esse é o melhor retorno que poderá dar a sua família. Quanto ao preço, fique tranquilo. É irmão de Estela, então faremos um preço razoável e poderá pagar pelos móveis assim que defender a sua primeira causa, senão Estela assumirá o montante da sua conta e pagará por eles.

— Está bem, Joseph! Prometo pagar o preço combinado. Obrigado — e insistindo com Jaqueline, perguntou: — Jaque, posso voltar outra hora para conversar com você?

Joseph interpelou o rapaz apressadamente.

— Se for conversa relativa aos móveis me procure, caso contrário eu lhe aviso que Jaqueline está comprometida comigo.

Estêvão surpreendeu-se.

— Desculpe-me, Joseph, eu desconhecia o compromisso de vocês — disse, desconcertado.

— Volte daqui a trinta dias para ver como está ficando o seu pedido — informou Joseph.

— Até outro dia. Obrigado — despediu-se Estêvão.

O rapaz saiu rapidamente, corado por ter falado o que não devia, ou pelo menos, não sabia que não devia.

Jaqueline, ao lado de Joseph, estava deslumbrante. Em seu olhar havia alegria, amor e sentimentos maiores que confirmavam o quanto amava Joseph. A surpreendente palavra “compromisso” deixou-a atônita, sem conseguir dizer o que sentia.

— Joseph, você... — ela apenas balbuciava.

Chegando perto dela, Joseph segurou suas mãos e disse:

— Sim. Eu a amo Jaqueline. Jaque não é conveniente neste caso. Jaqueline, sim. Eu acredito que sempre a amei e que este sentimento estava escondido sob uma névoa que se dissipou assim que percebi o quanto é bela, gentil, e todas as qualidades que possui. Eu a amo. Acredito que não seja necessário dizer o quanto esse sentimento aflorou dentro de mim. Quer casar-se comigo?

Jaqueline ainda não conseguia reagir direito. Parecia viver um sonho.

Novamente ele repetiu o pedido:

— Quer casar-se comigo e formar uma bela família?

Nesse instante ela deixou-se abraçar por Joseph e os jovens apaixonados selaram um longo beijo.

Internamente, ela dizia para si:

“Sim, sim! Mil vezes sim!”

Quanto tempo esperou por esse dia...

Elísia chorava de felicidade. Finalmente Joseph compreendera que Jaqueline o amava e o amor deles era imenso.

E finalmente Elísia via cumprir o seu maior desejo: uni-los como marido e esposa.

Elísia e Charles se aproximaram deles e os abraçaram.

— Joseph, meu querido! Finalmente percebeu que a pessoa amada estava bem pertinho de você — comemorou Elísia.

Abraçados, Joseph falou a Jaqueline:

— Você ainda não respondeu ao meu pedido.

— Sim, eu aceito casar-me com você.

— Querida Jaque. Sabe o quanto gosto de você. Agora, seja bem-vinda mais uma vez! Que vocês possam ser muito felizes — celebrou Elísia.

— Mamãe, no que depender de mim, procurarei não decepcionar Jaqueline — disse Joseph. — Hoje sei que somos duas pessoas predestinadas a viver juntos. O nosso amor é tão grande que não pode haver outra explicação para isso.

Elísia, abraçando-os, falou emocionada:

— Meus filhos, Deus me deu tudo na justa medida. Deu-me a fé para poder vencer os obstáculos, a coragem para prosseguir a caminhada. Deu-me filhos maravilhosos com suas próprias maneiras de pensar e agir, é lógico, e deu-me compreensão, paciência, aceitação para respeitar cada filho assim como ele veio ao mundo. Hoje sei que filhos são espíritos que vieram reencarnar e nós, pais, temos como verdadeiros objetivos dominar as arestas da personalidade de cada um, ou seja, as imperfeições que trazem dentro de si.

— É verdade, mamãe.

— Vejam Antony. Graças a Deus consegui dominar os piores impulsos que apresentava e torná-lo mais dócil para aprender a conviver conosco. A convivência familiar não é fácil. Vocês sabem bem o quanto é difícil. Por isso, nunca se esqueçam de que para viver em harmonia, necessitamos de muita paciência e resignação para que ocorra a transformação dos espíritos

enviados por Deus, para que evoluam, sejam melhores no quesito amplo da capacidade intelectual, moral e espiritual de cada um.

Eles ouviam a mãe proferir aquelas palavras com o sentimento maior que norteava a sua vida, o amor.

— Hoje sei na justa medida o que Deus me proporcionou para que eu também pudesse adquirir toda a experiência que galguei aos poucos na minha existência. Filhos são presentes de Deus que nos permitem evoluir, aprender a ser melhores também. E, nesse aprendizado, nos permitimos compreender que como aprendizes eternos, levamos a vida toda, dia a dia, circunstância a circunstância, realizando esse aprendizado e visando a um estágio evolutivo mais adiantado numa próxima oportunidade reencarnatória, quando teremos no palco terreno os nossos bens maiores, retornando como nossos afetos mais caros. Nesse ir e vir, encarnar e desencarnar, poderemos realizar o nosso grande projeto do qual jamais deveremos esquecer.

— Mamãe, é tão bonito ouvir essas palavras...

— É verdade, Charles. Tenho vivido e aprendido bastante na casa dos seareiros, onde a dona Irma muito nos ensina e nos ajuda a entender que a encarnação é um imenso aprendizado. É por isso que devemos aprender as lições que a vida nos oferece, que podem ser compulsórias ou simplesmente aceitas como oportunidades únicas de realização do que necessitamos fazer, visando sempre ao nosso próprio progresso. Mediante tudo isso, percebemos que nada simplesmente acontece por acaso. Havendo livre-arbítrio, colhemos realmente os frutos dos nossos feitos.

— Mamãe, eu tenho visto acontecer tantas coisas nestes últimos tempos — comentou Charles. — Coisas para as quais nem sempre se consegue explicação plausível à luz da medicina dos homens.

— Não se preocupe com esses assuntos, meu filho. A justiça divina não falha nunca. Somente isso nos basta para entender que, se há uma causa, essa causa é justa e o efeito também.

— Mamãe, como é importante ouvi-la dizer estas palavras. Então Deus...

— Sim, Deus é o governador de tudo o que acontece em nossas vidas, na natureza, em todas as vidas do Universo. Se bem que, o homem muitas vezes acredita que pode assumir o papel de Deus e muda, ao seu bel-prazer,

o rumo dos acontecimentos e da sua própria vida. Depois, através da lei da causa e efeito, angaria o que fez com seu livre-arbítrio.

De repente Antony se aproximou, tendo ao seu lado Estela.

— Grandes mudanças! — anunciou o rapaz.

Todos levaram um susto enorme e olharam para eles.

— O que você quer dizer com isso, meu filho?

— Mamãe! Veja Joseph de mãos dadas com Jaqueline — apontou Antony. — Isso é ou não é uma mudança?

— Sim, meu filho. É uma enorme mudança! Isso quer dizer que em breve teremos o primeiro casamento da família.

Antony e Estela, muito felizes, também parabenizaram Joseph e Jaqueline.

A alegria novamente tomava conta dessa bela família, que se completava com a união celebrada pelo capelão, o responsável da capela local.

Houve motivos suficientes para que a alegria fosse ainda maior. Fabrícia ensaiou o coral das crianças para entoar uma belíssima melodia canônica na ocasião.

Muitos choraram de alegria ao ver Jaqueline entrar na capela, tão linda, com as crianças cantando a maravilhosa melodia.

— Maravilha das maravilhas! — dizia Elizabeth ao lado de Philip. Eles estavam sentados no banco de madeira da primeira fila.

— Ei! Elizabeth! Essa fala é minha! Acho que a nossa convivência foi melhor do que o papai imaginou! Temos a nossa própria vida particular, ao mesmo tempo nos respeitamos e gostamos de estar juntos como se fôssemos irmãos!

— É verdade, Philip. Acredito que somos melhores que muitos irmãos que existem por aí. Somos cúmplices, meu caro...

— É verdade. Você tem razão. Eu a entendo e você me entende do jeito que sou. Não é a maravilha das maravilhas?

Os dois começaram a rir baixinho enquanto Jaqueline passava por eles. Ela há muito deixou de se preocupar com eles. Se eram felizes desse jeito, então, tudo estava bem!

— Parabéns, Elísia. Você venceu! — disse Gregória a Elísia.

— O que me diz é verdadeiro. Parece-me que você também venceu ao seu modo.

— É verdade. Ao meu modo fui feliz e ao meu modo sofro pelos meus feitos.

— Não entendi, cunhada.

— Nem é preciso me entender, Elísia. Somente Deus sabe o que aconteceu.

Gregória sofria calada pelo que havia feito com Konstantini. Ela não tinha paz; o remorso a acusava das faltas cometidas. Percebia que os seus atos haviam sido gravíssimos.

Assim mesmo, pedia em suas preces perdão a Deus e a Konstantini pelos seus erros. Tinha a exata noção de que colhia, desde já, os frutos dos seus equívocos.

A sua consciência a acusava dia e noite. Gregória chorava e pedia perdão a Deus. Pensava em como seria bom ter ao seu lado o esposo que tanto amor lhe dedicou, e para o qual ela, à sua maneira, não soube dar o devido valor.

O capelão realizava o casamento mais belo do ano, eternizando o amor entre Joseph e Jaqueline diante de todos aqueles que creem no amor, na paz, na harmonia, no bem-querer, na família.

Uniam-se duas vidas que se amavam e entendiam que, juntas, poderiam fazer a diferença em suas existências e naquelas que viriam incorporar-se a elas.

## Palavras do Autor Espiritual

Nesse assunto tão belo e intrigante ao mesmo tempo, percebemos a família como um todo fazendo parte deste maravilhoso cenário terreno. Percebemos o quanto necessitamos de boa dose de aceitação, de amor, de paciência, de resignação para poder viver em harmonia plena ou a mais próxima possível a esse patamar, uma vez que somos todos espíritos diferentes, com suas vivências anteriores, trazendo consigo suas raízes que mostrarão o caráter conciso em cada um.

É por isso que dizemos: filhos são espíritos encarnados e, numa comparação grosseira, mas perfeita para esse caso, são como os dedos da mão, unidos perfeitamente com o intento da realização do bem comum. Basta que aprendamos a conviver com as suas diferentes maneiras de ser.

Arraigados a esse propósito, percebemos o quanto cada um pode atingir os meios em sua proposta maior.

Dependendo do que carrega consigo, cada filho realiza a sua caminhada. Uns atingem os seus fins de maneira objetiva, clara, sem prejudicar a outrem, enquanto outros se utilizam de outras pessoas para atingir o seu meio e objetivo a que desejam realizar.

Dentro da mesma família encontramos muitas pessoas iguais a Monsieur Konstantini, Beatrice, Gregória e pouquíssimas semelhantes a Elísia, George, Efigênia, Joseph, Ivone, Fabrícia, Jaqueline, Charles, Antony. Dia haverá em que pessoas como Elísia farão parte do maior número dos encarnados, pois essa é a meta primordial para que objetivamente encontremos a paz real e verdadeira dentro de cada um, no que se estabelece finalmente a evolução pessoal e integral do indivíduo.

Permitimo-nos adiantar que esta história nos remete a muitas outras histórias, compreendendo que formamos a grande família universal. Sabemos o quanto cada um pode ser feliz, mesmo diante do pouco, uma vez que esse pouco lhe basta para prover e realizar essa passagem na busca de

si. Enquanto outros precisam da abundância para se completar, e mesmo assim não são felizes, A busca pela felicidade se amplia consideravelmente para eles, rumo a horizontes sem fim.

São as variedades encontradas em cada ser, respeitando-se o aprendizado moral que são capazes de demonstrar.

Assim é a vida, caro(a) amigo(a) e leitor(a).

Assim é a família, um confronto diário de espíritos que reencarnaram com o intuito de aprimorar-se, de ajudar-se.

Saibamos, pois, viver ao lado de cada um, correspondendo sempre ao objetivo maior: amar a Deus acima de todas as coisas e ao próximo como a si mesmo.

*João Manoel*